



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARCIONE MORAES DOS SANTOS PANTOJA

**COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CURIAÚ/AP:
RUPTURAS E CONTINUIDADES DE TRADIÇÕES E MEMÓRIAS (2000-2023)**

MACAPÁ-AP

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARCIONE MORAES DOS SANTOS PANTOJA

**COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CURIAÚ/AP:
RUPTURAS E CONTINUIDADES DE TRADIÇÕES E MEMÓRIAS (2000-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amapá (PPGH-Unifap) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História Social do Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Bubolz Queirós.

MACAPÁ-AP

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

P198c Pantoja, Marcione Moraes dos Santos.

Comunidade Quilombola do Curiaú/AP: Rupturas e Continuidades de Tradições e Memórias (2000-2023). / Marcione Moraes dos Santos Pantoja. - Macapá, 2024.

1 recurso eletrônico. 141 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Coordenação do Curso de Pós-graduação em História. Macapá, 2024.

Orientador: César Augusto Bubolz Queirós.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Curiaú/AP. 2. Memória. 3. Quilombo. I. Queirós, César Augusto Bubolz, orientador. II. Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. III. Título.

CDD 23. ed. – 398.098116

PANTOJA, Marcione Moraes dos Santos. **Comunidade Quilombola do Curiaú/AP: Rupturas e Continuidades de Tradições e Memórias (2000-2023)**. Orientador: César Augusto Bubolz Queirós. 2024. 141 f. Dissertação (Mestrado) - História. Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Macapá, 2024.

MARCIONE MORAES DOS SANTOS PANTOJA

**COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CURIAÚ/AP:
RUPTURAS E CONTINUIDADES DE TRADIÇÕES E MEMÓRIAS (2000-2023)**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM
HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UNIFAP

Aprovada em: 22 de janeiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador:

Prof. Dr. César Augusto Bubolz Queirós (UFAM/PPGH-Unifap)

2º Examinador Interno:

Prof. Dr. Raimundo Erundino Santos Diniz (PPGH-Unifap)

3ª Examinadora Externa:

Prof.^a Dr.^a Keith Valéria Barbosa (UFAM)

Macapá-AP

2024

Ao meu marido Pantoja, companheiro, melhor amigo. Obrigada por sua constante presença e apoio. Te amo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus “pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (BÍBLIA, At, 17:28).

Ao meu orientador, Prof. Dr. César Augusto Bubolz Queirós, meu fomento intelectual que me acompanhou na totalidade desta dissertação. Sou grata por sua sempre presença, cheia de otimismo e conhecimento. Gratidão eterna!

Aos professores da minha banca de qualificação e defesa: Prof.^a Dr.^a Keith Valéria Barbosa e Prof. Dr. Raimundo Erundino Santos Diniz, pela influência direta na construção do meu material.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amapá (PPGH), Prof. Dr. Marcos Vinícius de Freitas Reis e Prof. Dr. Sidney da Silva Lobato pelas diretrizes e apoio constante.

Ao corpo docente do PPGH pelas aulas de formação e espaço para discussão.

Aos meus colegas de turma pela amizade, incentivos e ajudas inestimáveis.

À minha colega de trabalho, Prof.^a Me. Allanna Aquemi Santiago Saito pelo empréstimo dos vários livros de sua biblioteca particular que foram fontes de conhecimento e aliados poderosíssimos na construção deste trabalho.

Ao Pantoja meu companheiro da vida, obstinado em me apoiar em todas as travessias.

À minha irmã Rute Afonso por sempre investir confiança e apoio nos meus projetos.

Aos quilombolas do Curiaú pela melhor receptividade do Amapá. Agradeço a forma carinhosa com a qual me receberam no meu processo de busca (pesquisa).

À diretora da escola em que trabalho, Liliane Maria Correa Fonseca pelo incentivo e apoio durante a realização da pesquisa, extensivo à Andressa Almeida, Emilene Mendonça e Jamille Cardoso.

“A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, mas sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.”
(*Becos da Memória* - Conceição Evaristo, 2018).

RESUMO

O Brasil é rico no que tange a diversidade cultural e experiências de povos formadores desse território: indígenas, europeus e africanos. A cultura negra, mostra-se diversificada em suas formas, corporeidade, sincretismos, orixás, culinária, cores, batuques entre outros hábitos culturais que vem reforçar a responsabilidade de seus descendentes em estender essas experiências de saberes culturais vivenciados no dia-a-dia da comunidade, às novas gerações. Um exemplo disso, é Curiaú, uma comunidade de saberes locais constituídos e mantidos por populações afrodescendentes residente na APA do Rio Curiaú a 12 km do centro urbano de Macapá. E diante da importância evidenciada na tradição desta comunidade afrodescendente, propomos como objetivo geral deste estudo: conhecer o Quilombo do Curiaú/AP, destacando os processos de resistência e de preservação de sua memória. Visto que, o legado cultural de um povo transmitido e compartilhado pela comunidade é a maior herança que uma geração poderá receber dos seus ancestrais, visão muito discutida atualmente, principalmente em relação ao legado africano, base da cultura brasileira. Neste estudo primou-se pela pesquisa qualitativa e o método de estudo de caso. O problema em questão é: As experiências culturais e os saberes locais vivenciados pela Comunidade do Curiaú vêm passando por um processo de ruptura? Nossa hipótese é que o avanço da cidade de Macapá no seu entorno bem como o fluxo cada vez maior de carros e de pessoas de fora da comunidade em busca de serviço de banho e lazer no lago do Curiaú, e em outros balneários localizados ao longo da Rodovia AP-070, que passa por dentro do quilombo ligando-o, a outros municípios do estado do Amapá, tem gerado desconforto para certos moradores preocupados com a ruptura de suas experiências culturais e dos saberes locais. A revisão bibliográfica foi realizada a partir de livros, periódicos e documentos oficiais antigos e recentes como leis, portarias, decretos, atas, registros fotográficos, diálogos informais com moradores e aplicação da técnica de entrevistas semiestruturadas.

Palavras-Chave: Curiaú/AP. Memória. Quilombo. Resistência. Tradição.

ABSTRACT

Brazil is rich in terms of cultural diversity and experiences of the people who form this territory: indigenous, European and African. Black culture is diverse in its forms, corporeality, syncretisms, orixás, cuisine, colors, drumming, among other cultural habits that reinforce the responsibility of their descendants in extending these experiences of cultural knowledge lived in the day-to-day life of community, to new generations. An example of this is Curiaú, a community of local knowledge constituted and maintained by Afro-descendant populations residing in the Curiaú River APA, 12 km from the urban center of Macapá. And given the importance highlighted in the tradition of this Afro-descendant community, we propose the general objective of this study: to get to know Quilombo do Curiaú/AP, highlighting the processes of resistance and preservation of its memory. Since, the cultural legacy of a people transmitted and shared by the community is the greatest inheritance that a generation can receive from its ancestors, a view that is currently much discussed, especially in relation to the African legacy, the basis of Brazilian culture. In this study, qualitative research and the case study method were used. The problem in question is: Have the cultural experiences and local knowledge lived by the Curiaú Community been going through a process of rupture? Our hypothesis is that the advancement of the city of Macapá in its surroundings, as well as the increasing flow of cars and people from outside the community in search of bathing and leisure services at the Curiaú lake, and in other resorts located along the AP-070 Highway, which passes through the quilombo connecting it to other municipalities in the state of Amapá, has generated discomfort for certain residents concerned about the disruption of their cultural experiences and local knowledge. The bibliographic review was carried out using books, periodicals and old and recent official documents such as laws, ordinances, decrees, minutes, photographic records, informal dialogues with residents and application of the semi-structured interview technique.

Keywords: Curiaú/AP. Memory. Quilombo. Resistance. Tradition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Território do Curiaú.....	23
Figura 2 - Deck do Quilombo do Curiaú.....	25
Figura 3 - Mapa da localização do Quilombo do Curiaú.....	28
Figura 4 - Lago do Quilombo do Curiaú.....	29
Figura 5 - Entrada do Quilombo do Curiaú.....	30
Figura 6 - Mapa da APA do Rio Curiaú com a sobreposição de três quilombos.....	31
Figura 7 - Áreas protegidas no Amapá em perspectiva a APA do Rio Curiaú.....	32
Figura 8 - Mapa da confluência do Rio Curiaú com o Rio Amazonas.....	33
Figura 9 - Característica vegetal da APA do Rio Curiaú.....	34
Figura 10 - Bacia Hidrográfica da APA do Rio Curiaú.....	35
Figura 11 - Retrato da presença quilombola nos 5.570 municípios brasileiros.....	37
Figura 12 - As dez cidades com maior número de quilombolas.....	39
Figura 13 - População quilombola no país.....	39
Figura 14 - Proporção de quilombolas por estado em %.....	40
Figura 15 - Número de pessoas quilombolas por municípios do Brasil.....	41
Figura 16 - Número de quilombolas por municípios do estado do Amapá.....	42
Figura 17 - Escola Quilombola Estadual José Bonifácio.....	44
Figura 18 - População economicamente ativa do Quilombo do Curiaú em 2005.....	45
Figura 19 - As dez profissões mais exercidas no Quilombo do Curiaú.....	46
Figura 20 - Etapas para regularização de terras quilombolas.....	50
Figura 21 - Os treze primeiros Títulos de Domínio de terras quilombolas do Brasil.....	51
Figura 22 - Processos de titulações abertos na Superintendência Regional do Incra Amapá.....	52
Figura 23 - Duração dos processos de titulação abertos no Incra Amapá.....	53
Figura 24 - A circunvizinhança do Quilombolo do Curiaú.....	56
Figura 25 - Esmeraldina dos Santos no ofício da costura na Maloca da Tia Chiquinha.....	64
Figura 26 - Frontispício do Centro Cultural Tia Chiquinha – Curiaú de Fora.....	64
Figura 27 - Pedido de perdão coletivo na Festa de São Joaquim no Curiaú.....	66
Figura 28 - Roda de Batuque no Quilombo do Curiaú.....	71
Figura 29 - Calendário das festas tradicionais e religiosas do Quilombo do Curiaú.....	72
Figura 30 - Igrejas Católicas do Quilombo do Curiaú.....	73
Figura 31 - Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Quilombo do Curiaú.....	74

Figura 32 - Igreja Adventista do Sétimo Dia no Quilombo do Curiaú.....	75
Figura 33 - O livro <i>Curiaú mostra a tua cara - 2020:não sou eu, são vocês!</i>	78
Figura 34 - Organizadoras do livro <i>Curiaú mostra a tua cara - 2021:não sou eu, são vocês!</i>	78
Figura 35 - <i>Hall</i> de entrada da Escola Estadual Quilombola José Bonifácio.....	79
Figura 36 - Carretas carregadas de grãos na Rodovia AP-070 dentro do Curiaú.....	83
Figura 37 - Bares e restaurantes do Quilombos do Curiaú.....	85
Figura 38 - Mosaico de fotos das placas publicitárias do Quilombo do Curiaú.....	85
Figura 39 - Museu Antropológico do Quilombo do Curiaú.....	87
Figura 40 - <i>Croquis</i> do território do Curiaú do passado: área de cultivo e produção de roças..	89
Figura 41 - <i>Croquis</i> do território do Curiaú do presente: área de cultivo e produção de roças..	90
Figura 42 - Estabelecimento comercial do Quilombo do Curiaú - Baiuca do Negão.....	92
Figura 43 - Casas do Quilombo do Curiaú.....	95
Figura 44 - O território do Quilombo do Curiaú do passado.....	96
Figura 45 - O território do Quilombo do Curiaú do presente.....	97
Figura 46 - Colaboradores da pesquisa.....	101
Figura 47 - Colaboradores da pesquisa.....	102
Figura 48 - Colaboradores da pesquisa.....	103
Figura 49 - Ísis Tatiane Silva dos Santos.....	107
Figura 50 - Maria Celestina da Silva dos Santos.....	107
Figura 51 - Esmeraldina dos Santos.....	110
Figura 52 - Os seis livros de Esmeraldina dos Santos.....	113
Figura 53 - Sebastião Menezes da Silva.....	114
Figura 54 - Os quatro livros de Sebastião Menezes da Silva.....	116

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE GRÁFICOS, IMAGENS E TABELAS.....	9-10
INTRODUÇÃO.....	13
1. QUILOMBO: TERRITÓRIO, IDENTIDADE E DIREITO.....	21
1.1. Curiaú, que quilombo é esse?.....	23
1.2. Curiaú e a população quilombola do Amapá.....	37
1.3. Curiaú: o processo de reconhecimento e a desterritorialização.....	47
2. AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, OS SABERES LOCAIS E AS TRADIÇÕES DO CURIAÚ.....	59
2.1. As tradições, hábitos e costumes do Curiaú.....	62
2.2. Os costumes do Curiaú.....	80
2.3. Os hábitos de trabalho do Curiaú.....	88
3. COMUNIDADE E MEMÓRIA DO CURIAÚ.....	99
3.1. A Associação dos Moradores e a Associação das Mulheres Mãe Venina.....	104
3.2. A vida e obra de Esmeraldina dos Santos e Sebastião Menezes da Silva: escritores do Quilombo do Curiaú	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
FONTES ORAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE A - Roteiro para entrevista.....	134
APÊNDICE B - Roteiro para observação participante.....	138
ANEXO A - Termo de Anuência.....	139
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	140

Autorizo a reprodução desta dissertação.

Macapá-AP, 23 de fevereiro de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **MARCIONE MORAES DOS SANTOS PANTOJA**
Data: 23/02/2024 18:52:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marcione Moraes dos Santos Pantoja

INTRODUÇÃO

As experiências culturais envolvendo múltiplos saberes de uma determinada parcela das cidades brasileiras constitui um grande desafio para o início do século XXI, pois englobam características peculiares de um lugar entendido aqui como ambiente de pertencimento de uma determinada população local. Possuidor de uma identidade, o local é dinâmico e mantém laços de interdependência com outras áreas em diferentes escalas, logo, formado de um tecido social vinculado a diferentes relações sociais.

Em se tratando dos saberes africanos, observa-se no decorrer dos processos históricos e sociais que a miscigenação de diferentes troncos raciais contribuiu diretamente para a formação e desenvolvimento das nações no mundo e conseqüentemente estendeu suas bases culturais através de experiências vivenciadas pelos mais antigos.

Especificamente, o Brasil é rico no que tange a diversidade cultural e experiências de povos formadores desse território: indígenas, europeus e africanos. A cultura negra, mostra-se diversificada em suas formas, corporeidade, sincretismos, orixás, culinária, cores, batuques entre outros hábitos culturais que vem reforçar a responsabilidade de seus descendentes em estender essas experiências de saberes culturais vivenciados no dia-a-dia da comunidade, às novas gerações.

Um exemplo disso, é Curiaú - uma comunidade de saberes locais constituídos e mantidos por populações afrodescendentes residente na APA do Rio Curiaú a 12 km do centro urbano de Macapá no estado do Amapá e que foi escolhido como lócus desta pesquisa. Assim, esta pesquisa processa-se no Quilombo do Curiaú/AP, e se concentra em dois núcleos populacionais deste quilombo denominados de: Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora. Propomos como objetivo geral para este estudo: conhecer o Quilombo do Curiaú, destacando os processos de resistência e de preservação de sua memória. E como objetivos específicos: Compreender as manifestações culturais do Quilombo do Curiaú: suas crenças, ritos, lendas, hábitos e costumes como produto de sua autoafirmação e continuidade política; analisar a vida e obra de dois moradores escritores locais do Quilombo do Curiaú que buscam com suas militâncias a legitimação das tradições do lugar, ao mesmo tempo que atualizam suas identidades quilombolas e contribuem para preservação da memória coletiva do quilombo.

O problema norteador desta pesquisa é: As experiências culturais e os saberes locais vivenciados pela Comunidade quilombola do Curiaú vêm passando por um processo de ruptura? Nossa hipótese é que o avanço da cidade de Macapá no seu entorno bem como o fluxo

cada vez maior de carros e de pessoas de fora da comunidade em busca de serviço de banho e lazer no lago do Curiaú, e em outros balneários localizados ao longo da Rodovia AP-070 que passa por dentro do quilombo ligando-o, a outros municípios do estado do Amapá, tem gerado desconforto para certos moradores preocupados com a ruptura de suas experiências culturais e dos saberes locais.

A comunidade quilombola do Curiaú é o nosso objeto de estudo por duas razões principais: 1) Trata-se de uma comunidade quilombola que busca preservar os conhecimentos e saberes locais, construídos há mais de 200 anos na chegada dos primeiros habitantes ao estado do Amapá, e; 2) por evidenciar-se no local um processo de mudança nos saberes locais em razão do intenso tráfego de pessoas de fora da comunidade.

A interferência externa tem gerado preocupação e desconforto para certos moradores da comunidade no sentido de uma possível mudança dos costumes centenários que tanto caracterizou a cultura africana. O legado cultural de um povo transmitido e compartilhado pela comunidade é a maior herança que uma geração poderá receber dos seus ancestrais, visão muito discutida atualmente, principalmente em relação ao legado africano, base da cultura brasileira.

Entretanto, é possível observar que a maioria dos jovens do Quilombo do Curiaú não se vêem como agentes integrantes ativos da cultura dos seus pais, buscam o que muitos chamam de “modernidade”, estar “antenado” com suas turmas e chegam a descaracterizar o conhecimento e os saberes locais. Isto também se deve à falta de oportunidade de geração de emprego/renda e acesso à educação desta população, particularmente a falta de perspectiva da juventude¹.

Por essas razões, esta dissertação discute a temática: *Comunidade Quilombola do Curiaú/AP: Rupturas e Continuidades de Tradições e Memórias (2000-2023)*. Tal temática vem ser de grande relevância para a sociedade local, no sentido de contribuir no entendimento dos impactos socioculturais provocados pela ruptura dos saberes locais; da preservação das experiências milenares; e/ou alternativas de uma harmoniosa relação entre culturas diferentes das vivenciadas pela comunidade.

Entendemos que este estudo é relevante para os setores governamentais, pois facilita a elaboração de programas e políticas afirmativas educacionais, na minimização de desequilíbrios raciais no mercado de trabalho, valorizando e reforçando o direito à cultura tradicional

¹ Ver pesquisa encomendada pelo Banco Mundial ao Cebrap e Instituto de Referência Negra Peregum em 2022. A pesquisa revela que jovens negros têm menos acesso à educação e ao mercado de trabalho. Disponível: <https://peregum.org.br/publicacao/jovens-negros-e-o-mercado-de-trabalho/>

afrodescendente e que servem de meio para a redução das desigualdades sociais e raciais, isto é, reparar o passado no que concerne aos negros e promover justiça social.

Considera-se o estudo amparado na temática abordada dentro de temas de interesses discutidos no Brasil e no mundo. Diante da importância dada ao tema, este estudo, singular no Quilombo do Curiaú/AP, trará contribuições relevantes para o Programa de Pós-Graduação, Mestrado em História da Universidade Federal do Amapá, à medida que possibilita através de pesquisas à identificação e compreensão das experiências culturais e saberes locais de uma comunidade, de conhecimentos tradicionais repassados ao longo dos séculos, da inter-relação e interferência com os saberes externos, oportunizando assim a construção de novos conhecimentos e entendimentos.

Para o recorte temporal o lapso foi dos anos 2000 a 2023. Optamos por esse período por ser marcado pela expedição do Título de Reconhecimento de Domínio pela Fundação Cultural Palmares (FCP) ao Curiaú, ocorrido em 1999, porém teve o registro cartorial apenas no ano de 2000. Esse evento representa a instauração dos processos de resistência do Curiaú frente aos desafios de fixação do seu território. É neste ano de 2000 que também ocorre a publicação do primeiro dentre os 4 livros escritos por Sebastião Menezes da Silva, um dos moradores escritores mais antigos e nascidos no quilombo. Autor do livro “*Curiaú: sua vida, sua história,*” que tipifica e representa oficialmente o prelúdio dos processos de resistência da comunidade quilombola do Curiaú frente a preservação de sua memória.

O ano de 2023 foi inserido como marco final, por se tratar do ano em que a “*CARTILHA como denunciar: Proteção territorial quilombola,*” foi lançada pela FCP (em 18 de janeiro 2023). Trata-se de um sítio eletrônico que contém um ícone chamado “Proteção Territorial Quilombola” para que a coletividade quilombola informe a ocorrência de esbulho, turbacão ou ameaça que estiver ocorrendo ou prestes a ocorrer em seu território. O objetivo é aproximar a população quilombola da Fundação Cultural Palmares que buscará, na esfera de sua competência institucional, apoiar ou dar apoio à comunidade.

Esse apoio poderá ser em articulação com a Defensoria Pública da União no local ou mesmo com a intervenção judicial, a depender do problema enfrentado. Pois, considera-se que os ideais quilombolas são as terras. Sem território, sem identidade. Nessa perspectiva, o direito territorial é fundante. Além disso, no ano de 2023 o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) divulgou no primeiro semestre, os primeiros resultados do Censo Demográfico de 2022 e pela primeira vez na história do Censo brasileiro as populações quilombolas foram contadas.

De acordo com o IBGE, o Censo Demográfico 2022 investigou pela primeira vez o pertencimento étnico-quilombola de pessoas residentes em localidades quilombolas. Com o

lançamento dos resultados da pesquisa, o IBGE apresenta um conjunto inédito de informações básicas sobre a totalidade de pessoas quilombolas residentes no país, em diferentes níveis geográficos e recortes territoriais.

No que diz respeito a estratégia metodológica, esta pesquisa foi de natureza predominantemente qualitativa, mas utilizou instrumentos quantitativos² para auxiliar no trabalho. O método foi o estudo de caso (YIN, 2005), por oferecer três condições necessárias em realizar a pesquisa: 1) Exploração do ambiente local sejam eles fixos e fluxos a partir da técnica de observações pretéritas e sistematizadas; 2) Descrever em detalhes todo contexto em que envolvem os moradores da Comunidade (a vivência da sociabilidade diária de seus moradores) e das atividades culturais e; 3) Poder explicar tais fenômenos, sejam eles locais e externos possibilitando a elucidação do problema em questão. Uma vez que, o estudo de caso “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real (YIN, 2005, p. 32).

Quanto ao seu desenvolvimento geral, a pesquisa foi desenvolvida em etapas e em conformidade com seus objetivos gerais e específicos. Na primeira etapa foi realizada a revisão bibliográfica em livros, periódicos, e documentos oficiais antigos e recentes como leis, portarias, decretos, entre outros registros que identificam e descrevem as manifestações culturais dos africanos no Brasil e particularmente suas experiências no estado do Amapá. Foram realizadas observações pretéritas e posteriormente sistematizadas no ambiente interno da comunidade e suas adjacências a partir de registros fotográficos, diálogos informais com moradores, donos de empreendimentos comerciais, potenciais lideranças locais, representantes da comunidade e educadores.

Desenvolvemos a técnica da entrevista com três grupos sociais: 3A - Entrevista semiestruturada para 03 moradores identificados no campo, particularmente os mais antigos, na intenção de registrar a história dos diferentes saberes perdidos e/ou vivos na comunidade; 3B – Entrevista semiestruturada com a Presidente da Comunidade local e com a Presidente da Associação de Mulheres; 02 líderes Religiosos e 02 Educadores e; 3C – Entrevista semiestruturada com 02 donos de empreendimentos comerciais situados no Quilombo do Curiaú.

Os diferentes olhares e percepções desses grupos sociais nos forneceram condições de compreender em seu conjunto o nosso problema em questão: *As experiências culturais e os*

² Os dados coletados foram tratados de forma estatística e o software empregado nas análises foram planilhas eletrônicas do Excel.

saberes locais vivenciados pela Comunidade do Curiaú vêm passando por um processo de ruptura? Diante do material coletado (interação com os nossos interlocutores) foi feita a sua organização e posterior análise que sistematizada serviram de insumos para esta dissertação.

No que se refere a análise das entrevistas, foi usado o método de análise de conteúdo ancorado em Bardim (2010) a partir de três etapas, sendo a primeira: “a pré-análise (a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objetivos e os indicadores da fundamentação e interpretação final), a segunda: a exploração do material e a terceira: tratamento dos resultados e interpretação” (BARDIM, 2010, p. 127).

Com relação a organização, no primeiro capítulo deste trabalho apresentamos os aspectos gerais do espaço geográfico do Curiaú destacando a formação dos seus elementos humanos e naturais. Temos os dados específicos do Quilombo do Curiaú (território, dados socioeconômicos da população) com destaque para as suas conquistas e desafios políticos das últimas décadas.

Então, no primeiro capítulo no item 1. *Quilombo: Território, Identidade e Direito*, são apresentados os conceitos de quilombo dentro da ressemantização do tema na atualidade bem como conceitos de *território* (lugar) em Ani Fani (1996), Furtado (1980) e Campanhola e Silva (2000), *identidade* em Hall (2005) *direito* (judicialização) dos conflitos em Marin et al. (2012). No item 1.1. *Curiaú, que quilombo é esse?* É feita a descrição da sua ascendência (dimensão histórica, social, econômica e cultural). Falamos da localização e das informações sobre limites, confrontações, área em hectares, descrição do perímetro, município, domicílio e tipologia do imóvel. Incluímos a Cartografia do local, ou seja, a descrição da APA do Rio Curiaú sobre mapas e seu contexto de criação e finalidade. No item 1.2. *Curiaú e a população quilombola do Amapá*, apresentamos os dados da população quilombola do Brasil, do estado do Amapá e dos seus municípios (o que inclui o município de Macapá onde está localizado o Quilombo do Curiaú), gerados pelo último censo demográfico realizado em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). No item 1.3. *Curiaú: o processo de reconhecimento e a desterritorialização* é postulado o Título de Reconhecimento de Domínio expedido pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 1999 ao Curiaú, seu objetivo, destinação e cenário Brasil antes, durante e pós marco legal que garantiu o direito à terra aos quilombolas. Mencionamos a *desterritorialização, que* versa sobre as perdas territoriais e os instrumentos utilizados pelos quilombolas para manterem suas terras (normas legais e atos políticos).

No segundo capítulo, apresentamos as manifestações culturais do Quilombo do Curiaú: suas crenças, ritos, lendas, usos e costumes como produto de sua autoafirmação e continuidade política. No item 2. *As manifestações culturais, os saberes locais e as tradições*

do Curiaú ao longo das gerações, discorremos sobre o conceito de tradição e suas características em Hobsbawm (1997) que afirma ser a tradição diferente dos costumes e do hábito pelo fato da tradição ter mais longevidade e instituir raízes que geram a identidade. No item 2.1. *As tradições, hábitos e costumes do Curiaú*, aludimos sobre o estabelecimento das tradições no Curiaú. Neste item, são apresentadas as lendas, ritos, e os saberes locais repassados de geração em geração no quilombo. No item 2.2. *Os costumes do Curiaú*, falamos de como o espaço rural do quilombo vem incorporando cultura, valores, hábitos alimentares e o modo de vida urbano. Destacamos a proliferação de bares e restaurantes na comunidade e o fluxo cada vez maior de carros e de pessoas (não pertencentes à comunidade).

Continuando o segundo capítulo, no item 2.3. *Os hábitos de trabalho do Curiaú*, descrevemos os hábitos de trabalho dos primeiros moradores do Curiaú na perspectiva de compará-los com as práticas de trabalho do tempo presente. Propomos assim, um exame dos processos que forjaram as rupturas e asseguraram as permanências no lócus de pertencimento desta comunidade quilombola. É a tentativa de perceber por meio de extratos do passado e presente a maneira pelas quais as coisas mudam e por que mudam. Mencionamos a agricultura de subsistência, as roças, a caça, a extração vegetal, a pequena pecuária e a criação de vários animais, todos eles fontes de matéria-prima para dieta quilombola. Sabe-se que as comunidades quilombolas são comunidades de saberes, sendo a agricultura um dos pilares (dos mais importantes) de identidade quilombola.

Por fim, no terceiro capítulo desta dissertação, analisamos a trajetória dos moradores do Quilombo do Curiaú e o processo de construção e preservação de sua memória. O item 3. *Comunidade e Memória do Curiaú*, introduz a discussão sobre o conceito de comunidade e memória. No item 3.1. *A Associação dos Moradores e a Associação de Mulheres Mãe Venina*, retrata a atuação das lideranças comunitárias do Quilombo do Curiaú, seus objetivos e suas formas de trabalho com destaque para a Associação de Mulheres Mãe Venina do Curiaú que cuida da realização de eventos culturais, para comunidade bem como, desenvolve trabalhos voltados para a educação ambiental, manifestações culturais e ao empoderamento financeiro feminino. No item 3.2. concluindo o último item do capítulo temos: *A vida e obra de Esmeraldina dos Santos e Sebastião Menezes da Silva: escritores do Quilombo do Curiaú*, em que são retratadas as trajetórias de vida e memórias registradas nos livros desses dois moradores antigos. Evidenciamos a memória dos velhos como uma enciclopédia viva em Ecléa Bosí, que mostra a importância da memória como ponto crucial para a construção histórica. A experiência de vida, segundo Bosí (1979), é algo que não poderia ser perdida e sim resgatada, imortalizada.

Assim, as possibilidades teóricas desta dissertação se alimentam das construções intelectuais dos autores da História Social e Cultural. As postulações conceituais que sustentam esse estudo são as dos historiadores da cultura, mais precisamente da nova História Cultural que segundo (O'BRIEN, 2006), graças à obra de historiadores dos últimos anos, deparamo-nos atualmente com o desafio de uma história da cultura que nem pode ser reduzida a um produto das transformações econômicas e sociais, nem retornar a um modo de ideias desvinculado das mesmas.

Então, propomos um debate sobre Curiaú, um grupo étnico que se identifica pelo compartilhamento de um conjunto de saberes locais, manifestações culturais e território. Trazendo como o fio condutor o campo social que segundo Hunt (2006), foi estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo, por um lado, e a escola dos Analles, por outro:

No final da década de 1950 e nos primeiros anos da de 1960, um grupo de jovens historiadores marxistas começou a publicar livros e artigos sobre a “a história vinda de baixo”, inclusive os atualmente clássicos estudos de George Rudé sobre as classes populares parisienses, de Albert Soboul sobre os sans-culottes parisienses, e os de E. P. Thompson sobre a classe operária inglesa. Com essa inspiração, os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres (HUNT, 2006, p. 2).

Já o viés cultural desta pesquisa assenta-se no pressuposto que nos últimos tempos, os próprios modelos de explicação que contribuíram de forma mais significativa para ascensão da história social passaram por uma importante mudança de ênfase, a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas quanto dos adeptos dos Analles, pela história da cultura (HUNT, 2006). A experiência de classe de acordo com Thompson, é em grande parte, determinada pelas relações produtivas dentro das quais os homens nascem ou entram de modo involuntário. Assim, a história cultural é na visão de Robert Darnton uma história de natureza etnográfica (HUNT, 2006, p. 7).

Da mesma forma, incorporamos neste estudo, as ênfases culturais de Bourdieu por suas reformulações ao modelo marxista de explicação da vida social quando deu mais atenção à cultura nos seus trabalhos. Muito embora, vale ressaltar que insistiu na teoria que “o modo de expressão característico de uma produção cultural sempre depende das leis do mercado no qual é oferecido.” Nesse sentido, os autores como Foucault, Chartier, Hobsbawm dentre outros são nossas referências historiográficas na sistematização das discussões sobre cultura e sociedade.

E para o aporte às argumentações sobre as preocupações quilombolas, autores especialistas em escravidão e quilombos na Amazônia como Flávio Gomes, Rosa Acevedo Marin, O'Dwyer, dentre outros são nossas fontes interpretativas. Igualmente, utilizamos como subsídio teórico, autores que já realizaram pesquisas no âmbito amapaense, especificamente no Quilombo do Curiaú, como é o caso de Videira (2009), dentre outros, que discute a temática da identidade étnica e o processo educativo através do Marabaixo, a utilização da dança como mecanismo de manutenção cultural. Esta autora analisa o viés da afrodescendência para problematizar as grandes desigualdades sociais, econômicas e culturais existentes entre os grupos étnicos formadores da nação brasileira, apontando como plano de fundo o estado do Amapá, que em meio a Amazônia agrega uma população majoritária negra, segundo os dados do IBGE de 2000, 77,08 % da população amapaense apresenta marcantes traços de negritude e africanidade.

Outra autora que vale ressaltar, entre outros que utilizamos, foi Campos (2002), por apresentar uma análise sobre a vida dos negros que moram no Quilombo do Curiaú, dedicando-se a construção de uma visão mais aprofundada da história da vila, já que há poucos trabalhos radicados nesse sentido. A autora destaca a discrepância da criação da Área de Preservação Ambiental (APA) do Rio Curiaú, com suas consequências negativas para a vida cultural da vila.

Destaca ainda, o dilema de identificação que se agrava incessantemente devido a possibilidade da perda de terras, que traz um grande perigo, a desmemorização conscientemente deliberada, pois ao sentir o seu direito ameaçado de propriedade, abre mão da história que traz na memória, em detrimento a busca de garantir sua posse, já que as leis brasileiras garantem a propriedade territorial das áreas remanescentes de quilombos pertencem aos descendentes. Aborda o espaço rural do quilombo como incorporador de cultura, valores, hábitos alimentares e o modo de vida urbano. Reflete sobre o sentimento de comunidade que fortalece a luta na busca por soluções de problemas comuns como a perda de parte de seu território, problema da ressignificação dos valores culturais e práticas tradicionais e alimentares.

1. QUILOMBO: TERRITÓRIO, IDENTIDADE E DIREITO

Está-se diante de uma “maquinaria infernal”, parafraseando Bourdieu, que está cercando ou buscando abruptamente inviabilizar os meios de existência de povos e comunidades tradicionais. O que não é possível naturalizar é o silêncio, o “não dito” (MARIN, 2012).

A ideia de quilombo percorre há longo tempo o imaginário da nação e é uma questão relevante desde o Brasil Colônia, passando pelo Império e chegando à República (MARQUES; SIMIÃO; SAMPAIO, 2012). Para Leite (2003) tratar do tema quilombos e dos quilombolas, ainda na atualidade, é tratar tanto de uma luta política quanto de uma reflexão científica em processo de construção. Atualmente a historiografia especializada no tema tem apontado para a necessidade de se superar a visão congelada de Quilombo baseado em uma definição histórica e passadista que:

entende-o apenas como patrimônio histórico, esquecendo suas características como um patrimônio vivo, que comunica passado, presente e futuro. Quilombo não é apenas uma tipologia de dimensões, atividades econômicas, localização geográfica, quantidade de membros e sítios de artefatos de importância histórica. Ele é (e se pensa como) uma comunidade e enquanto tal passa a ser uma unidade viva, um *lócus* de produção material e simbólica. Institui-se a partir da definição de um etnônimo, rituais ou religiosidades compartilhadas, origem ou ancestrais em comum, vínculo territorial longo, relações de parentesco generalizado, laços de simpatia, relações com a escravidão, e principalmente uma ligação umbilical com seu território, dentre outros (MARQUES; SIMIÃO; SAMPAIO, 2012, p. 147).

Assim, o conceito de quilombo tem se libertado das definições focadas no conceito de raça social e partido para definições respaldadas pela origem da história escravista, trabalhando o conceito de negro no campo do pertencimento étnico e cultural (JUNIOR, 2012). Essa versão ressignificada do conceito de quilombo exprime o direito aos remanescentes de quilombos a serem reconhecidos em suas especificidades e não apenas por um passado a ser rememorado. “Quilombos não são do passado, eles têm necessidades vivenciadas no presente”: palavras de uma liderança do Quilombo de Brejos dos Crioulos do norte mineiro (MARQUES; SIMIÃO; SAMPAIO, 2012, p. 148).

É sob o prisma dessa ressemantização conceitual de quilombo e da categoria “remanescentes de quilombos” que iniciamos este primeiro capítulo. Será aludida a formação do lugar (território), que segundo Ana Fani (1996) o lugar em si (*lócus*) guarda as dimensões

da história a partir do modo de vida e de sua identidade. Nesse contexto, compreende-se a importância da identidade de pertencimento e de apropriação dos lugares habitados como produtos da própria história revelada por suas práticas socioculturais. O local, portanto, é um espaço possuidor de uma identidade (Furtado 1980), é também dinâmico e mantém laços de interdependência com outras áreas em diferentes escalas, logo, formado de um tecido social vinculado a diferentes relações sociais.

Da mesma forma, abordaremos o *locus* étnico (a identidade) sob a perspectiva de Hall (2005) que apresenta concepções diferentes acerca da identidade e da cultura como categorias apenas locais. Aprofunda essa discussão inserindo elementos exógenos vinculados a lógica da globalização. Não se quer aqui profetizar o fim das identidades e culturas locais, mas sim uma articulação, uma interdependência, mosaico e/ou um mutualismo de identificações locais.

Segundo as análises de Hall (2005) a identidade pode ou não estar sendo homogeneizada. Conforme suas análises percebe-se que existem diversidades de identidades que se complementam, interagem e se auto reproduzem de acordo com os interesses tanto do global quanto do local³. Logo, se o processo de globalização apresenta uma tendência à homogeneização das identidades por outro lado, ela cria nichos de mercados, explorando as diferenciações das identidades locais para a reprodução do capital.

Por conseguinte, nos ocuparemos com as questões do conjunto legal (o direito), que ora mostra-se a favor, ora em desfavor das comunidades quilombolas, levando por muitas vezes a judicialização dos conflitos pela posse das terras. Esse cenário de judicialização por territórios e recursos parece adquirir elementos de uma forma de esquematização própria de uma tecnologia particular do estado (FOUCAULT, 1997, p. 92). Deste modo, começamos nossas análises sobre a comunidade quilombola e urbana⁴ do Curiaú no Amapá⁵, objeto desta pesquisa.

³ Considerando o local como um conjunto de relações sociais Campanhola e Graziano da Silva (2000) caracteriza o como o lugar onde a cultura e outros caracteres não transferíveis tem sido sedimentados ao longo dos anos. Neste caso é possível compreender que o local é o lugar de encontro e desencontro, é também onde as instituições públicas e privadas estabelecem relações com a sociedade civil, determinando formas de organizações de produções diferentes.

⁴ Para Marques, Simião e Sampaio (2012) entre as diferentes compreensões da questão quilombola ainda predomina o entendimento de quilombo como uma ocupação irregular de terras feita por escravizados fugitivos. Se tal entendimento já é forte quando se trata dos chamados quilombos rurais, torna-se quase imperioso aos críticos da política de regularização territorial quilombola quando se lida com quilombos urbanos (MARQUES; SIMIÃO; SAMPAIO, 2012, p. 148-149).

⁵ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado do Amapá neste ano de 2023 conta com 31 territórios quilombolas oficialmente delimitados e 44 comunidades com certificado de autodefinição. Apenas 04 comunidades possuem o Título de Reconhecimento de Domínio, ou seja, o título definitivo das terras.

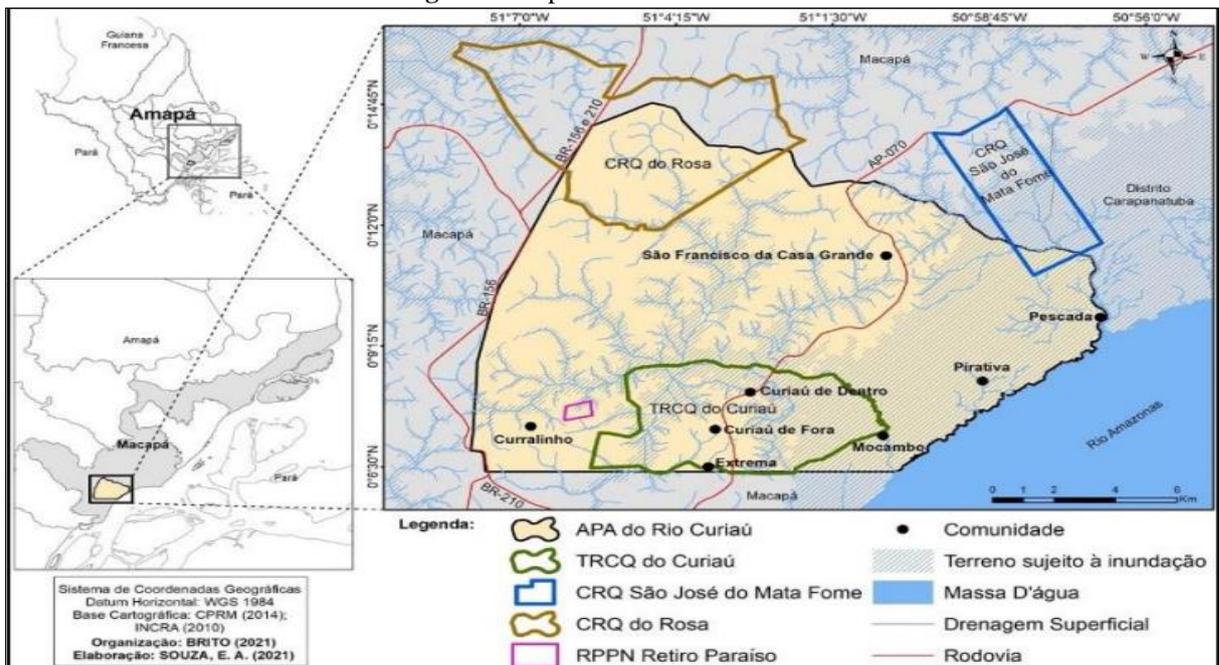
1.1. Curiaú, que quilombo é esse?

Curiaú no Amapá é um lócus de particular riqueza histórico-cultural, lugar onde famílias quilombolas vivem espalhadas por seis comunidades, denominadas Curiaú de Fora, Curiaú de Dentro, Casa Grande, Curralinho, Extrema e Mocambo. Há ainda duas comunidades ribeirinhas ao Norte da APA, chamadas Pescado e Pirativa (SILVA, 2003).

Videira (2009) afirma que o Quilombo do Curiaú se destaca entre os demais⁶ do estado do Amapá, por ter sido o primeiro a ser reconhecido e por ter suas festividades culturais como as ladainhas, o Ciclo do Marabaixo, o Batuque, o Zimba, a Mão-de-Couro e as Festas de Santos em homenagem aos padroeiros, inteiramente conservadas.

É um lugar de evidenciadas experiências culturais, onde vive uma comunidade de saberes locais constituídos e mantidos ao longo de várias gerações. Considera-se por saberes locais, o conjunto de experiências milenares, adquiridas pela vivência junto a natureza e incorporados em seu cotidiano. O Quilombo do Curiaú, lócus desta pesquisa, abarca dois núcleos populacionais denominados de Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora, sendo que cerca de 1 km separa um do outro e é reconhecido somente por seus moradores. É considerado uma só localidade, e está a 10 km ao norte da cidade de Macapá (OLIVEIRA, 2012).

Figura 1. Mapa do Território do Curiaú



Fonte: Organizado por Brito e Elaborado por Souza (2021). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/64988/41186>

⁶ De acordo com o IBGE e dados do censo 2022, o estado do Amapá possui 44 comunidades quilombolas com certificação de autodefinição. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102016.pdf>

Quanto ao surgimento do nome Curiaú, para a população residente, se deve à associação de uma das finalidades da área, ou seja, criar gado (CRIA) somado ao mugido de vacas (MU), que posteriormente passou a formar o vocábulo CRIAÚ (BRITO; BASTOS; BASTOS, 2022).

A formação histórica do Quilombo do Curiaú é controversa, alguns pesquisadores afirmam que escravizados de origem africana chegaram para a construção da fortaleza de São José de Macapá e se rebelaram refugiando-se neste local dando início à sua ocupação em forma de mocambo. Sobre este contexto, Campos (2002, p. 20) pontua:

O governo português implementou uma política de fortificação na Amazônia, e nessa mesma época (1764), sob o governo de Fernando da Costa Ataíde Teive, o engenheiro Henrique Galúcio é chamado para elaborar o projeto da Fortaleza de São José de Macapá, que é um monumento militar edificado no século XVIII pela metrópole portuguesa, cujo objetivo era defender o território de possíveis invasões por parte de nações europeias. A Fortaleza de São José de Macapá é, portanto, fruto de estratégias geopolíticas, visando garantir o solo brasileiro nas mãos dos colonos portugueses, que, dessa forma, objetivavam conquistar definitivamente o Rio Amazonas.

Deste modo, a construção da Fortaleza de São José de Macapá trouxe para Vila de Macapá, um significativo desenvolvimento que a tornou em centro urbano da foz esquerda do Amazonas fator este, importante para a compreensão da formação e da identidade da população regional. Por conseguinte, este projeto de construção teve a intenção deliberada de impedir o avanço francês, que já havia conquistado a Guiana. Assim, “mais que empreendimento militar, a construção da Fortaleza foi instrumento de colonização” (MAGALHÃES, 2006).

Já para outros pesquisadores, o início da ocupação do Quilombo do Curiaú começa com um senhor de terras chamado Miranda, que atraído pela beleza do lugar, veio para Macapá trazendo sete escravizados para cuidar de sua criação de gado, como afirma Oliveira:

Um de seus escravizados, Francisco Inácio, andando pelos arredores a procura de mel de abelha descobriu um lugar perfeito para morar, plantar e criar animais. Com a morte do senhor Miranda suas terras são partilhadas entre os escravizados, começando assim uma comunidade que mais tarde vem se chamar Curiaú (OLIVEIRA, 2002, p. 51).

Contribuindo com essa versão Silva (2000), ressalta que a formação do Curiaú é devido a um senhor chamado Miranda, que na condição de proprietário da terra e sem herdeiros, elaborou um testamento concedendo todos os seus bens a sete escravizados irmãos, que após sua morte, tornaram-se proprietários de tudo. O trecho a seguir corrobora com essa perspectiva:

O escravizado Francisco Inácio, por ser dos sete irmãos o mais velho, providenciou a documentação da terra em nome de todos, e a partir de então, começou a haver a formação dos troncos familiares que só surgiram após a chegada de outros escravizados vindos de Mazagão. 30 uniões constituíram

proles numerosas, de onde derivou o crescimento da população. A primeira é fruto da união da filha do escravizado Francisco Inácio dos Santos, de nome Maria Izabel, com Lidugério Marinho; depois, temos uniões entre as famílias Miranda, Rosário, Silva, Rosa, Pinheiro, Borges, Inácio, Ramos, Paixão, Souza, Leite, Banha, Santos, Espírito Santo, Miranda da Silva, Silva Santos, Menezes da Silva, Costa Leite, Santana e Nunes. No Curiaú, todos afirmam ser parente (SILVA, 2000, p. 12).

Ainda hoje existem controvérsias sobre o processo histórico da formação do Curiaú, se foi ou não um quilombo. Os próprios moradores se dividem nas explicações sobre a gênese do povoamento o que não retira seu ethos e sua denominação de “paraíso ecológico” Oliveira (2006). A área principal do Curiaú, com entrada no sentido de Macapá, comporta o Curiaú de Fora e o Curiaú de Dentro, espaço privilegiado, onde se localiza o lago, que dá ao lugar paisagem de rara beleza (CAMPOS, 2002).

Figura 2. Deck do Quilombo do Curiaú



Fonte: Rafael Aleixo/g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/06/29/no-ap-novo-deck-do-curiaue-entregue-com-participacao-da-ministra-margareth-menezes.ghtml>

Ainda sobre sua formação pode-se afirmar que o Quilombo do Curiaú encontra apoio tanto nas narrativas transcritas como na volumosa documentação do século XVIII e XIX existente no arquivo público do estado do Pará e ainda em não menos importantes peças arquivísticas existentes nos arquivos da Guiana Francesa (MARIN, 1997, p. 32).

Sobre ter sido ou não um quilombo, Oliveira (2006) diz que isso não exerce importância uma vez que houve uma acomodação conceitual do termo quilombola para atender ao processo de reconhecimento patrocinado pela Fundação Cultural Palmares às comunidades. São consideradas comunidades quilombolas aquelas que existam no presente e tenham como condição básica o fato de ocupar uma terra que, por direito será em seu nome titulada (O'DWYER, 2002). Assim, a partir da Constituição de 1988:

O termo quilombo, antes de uso quase restrito a historiadores e referido ao nosso passado como nação, adquire uma significação atualizada, ao ser inscrito no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) para conferir direitos territoriais aos remanescentes de quilombos que estejam ocupando suas terras, sendo-lhes garantida a titulação definitiva pelo Estado brasileiro (O'DWYER, 2002, p. 14).

Então, definitivamente Curiaú é um quilombo, já que contemporaneamente o termo quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio (O'DWYER, 2002, p. 18).

A respeito do conceito de quilombo o historiador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Flávio Gomes,⁷ um dos principais especialistas em quilombos do Brasil, afirma que há ainda uma ideia naturalizada de que o quilombo é um resto do passado escondido no rincão, onde se professa uma religião folclórica e se bate tambor. Não é isso. Quilombo é sobretudo uma experiência camponesa negra da diáspora, da escravidão. Essa presença negra está vinculada à experiência da escravidão atlântica africana.

Para Schmitt, Turatti e Carvalho (2002) dentro de uma visão ampliada, que considera as diversas origens e histórias destes grupos, uma denominação também possível de quilombo seria a de “terras de preto”, ou “território negro”, tal como é utilizada por vários autores, que enfatizam a sua condição de coletividades camponesa, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade.

É por isso, que ao abordarem sobre a categoria histórica de quilombo, Andrade e Treccani (2000) demonstram que as “novas análises dos fatos históricos indicam que o conceito clássico de quilombo – salvos no senso comum e aceita pela própria ciência “não abrange todas

⁷ É autor de livros como "Histórias Quilombolas", "Experiências Atlânticas", "Mocambos e Quilombos" e "Negros e Política". Organizou ainda o "Dicionário da Escravidão e Liberdade", em parceria com a também historiadora Lilia Moritz Schwarcz.

as diferentes situações de resistência dos escravizados e não reflete a realidade dos quilombos”. Nesse sentido, Almeida (2011) adverte: “não se pode continuar a trabalhar com uma categoria histórica acrítica e com a definição fossilizada de quilombo de 1740” (ALMEIDA,⁸ 2011, p. 64).

Para Andrade e Treccani (2000) as definições legais de quilombo, sofreram variações no tempo e espaço. A mais remota que se tem data, é de dois de dezembro de 1740 e estabelece que quilombo é “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (ANDRADE; TRECCANI, 2000).

De acordo com Andrade e Treccani a análise destas definições permite reunir os elementos essenciais utilizados para caracterizar os quilombos:

a) “toda habitação ... ainda que não tenham ranchos levantados”: não é necessária a constituição de vilas ou moradas permanentes, qualquer tipo de habitação é suficiente; b) “fugidos”: pessoas que não aceitam ser enquadrados no regime em vigor; c) “passem de cinco”; “mais de três”; “reunião de dois”: o número mínimo de fugitivos é determinado de maneira exata (número ínfimo); d) “parte desprovida”; “no mato ou lugar oculto”, “no interior das matas”: isolamento do quilombo. Este isolamento pode, porém, ser relativo pois existe a possibilidade de ser “vizinho”; e) “não se achem pilões”: o elemento econômico não seria relevante. É interessante notar que nenhuma das definições acima faz referência explícita a formas de organização militar sendo assim absolutamente descabida a interpretação que embute a resistência armada como elemento fundamental para a caracterização dos quilombos [ideia esta que vem da mitização do quilombo de Palmares] (ANDRADE; TRECCANI, 2000, p. 5).

Portanto, “um grande número de quilombos, talvez a maioria, não seguiu o padrão palmarino” (ANDRADE; TRECCANI, 2000). Corroborando com essa afirmação o professor do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia, João José Reis pesquisador dos temas sobre escravidão, tráfico e resistência:

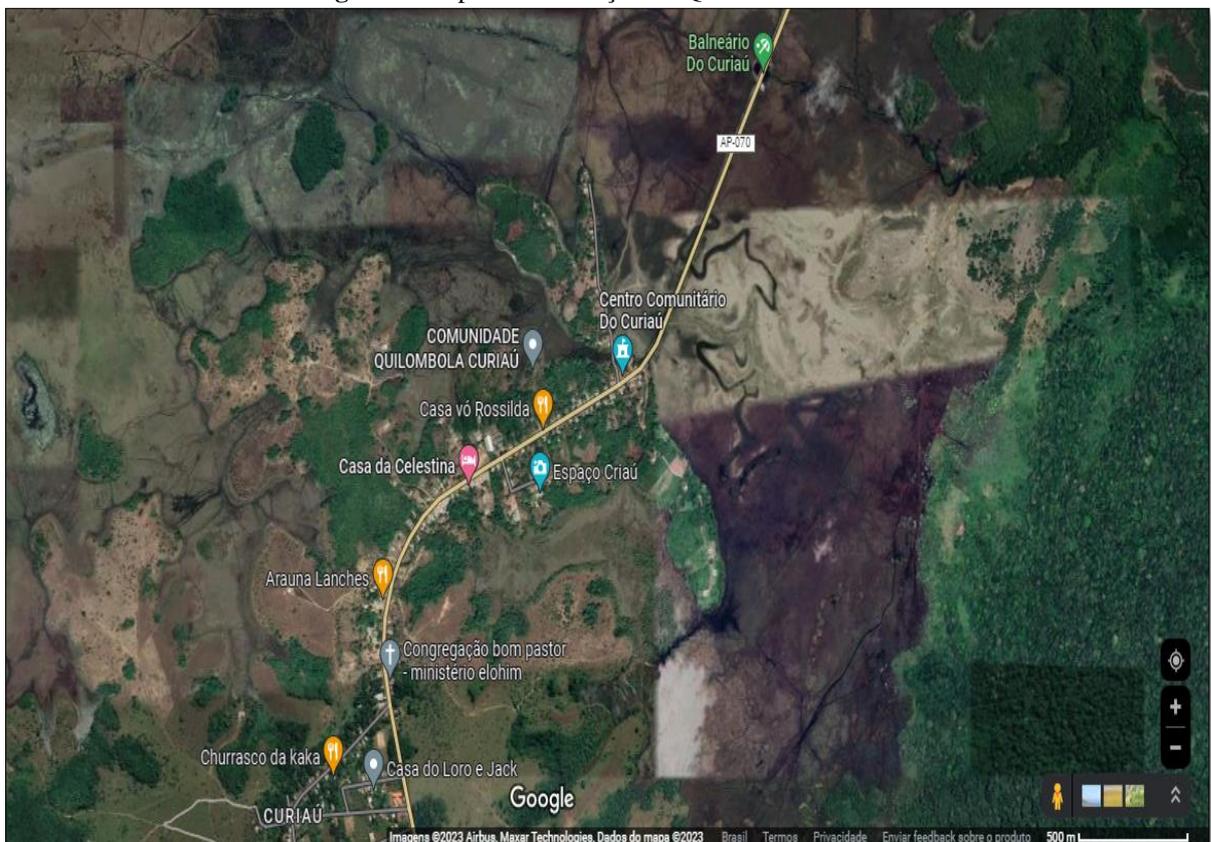
Os quilombolas na sua maioria viviam próximos a engenhos, fazendas, lavras, vilas e cidades, na fronteira da escravidão, mantendo uma rede de apoio e interesses que envolvia escravos, negros livres e mesmo brancos, de quem recebiam informações sobre movimentos de tropas e outros assuntos estratégicos. Com essa gente eles trabalhavam, se acoitavam, negociavam alimentos, armas, munições e outros produtos; com escravos e libertos podiam manter laços afetivos, amigáveis, parentais e outros. A ideia muito comum, de que os quilombos formavam comunidades isoladas e auto suficientes não é confirmada pela pesquisa (REIS, 95/96, p. 18).

⁸ Cf. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Quilombos e as novas etnias*. Manaus - AM: UEA Edições, 2011. 196 p.

Diante de tais definições sobre quilombo, devemos “substituir fuga e isolamento por resistência e autonomia” e assegurar que a “transição da condição de escravo para camponês livre é o que caracteriza o quilombo, independentemente das estratégias utilizadas para alcançar esta condição” (ANDRADE; TRECCANI, 2000, p.7).

Assim, partindo dessas atualizações das concepções de quilombo e sua categoria histórica retornaremos às questões de localização e acesso ao Quilombo do Curiaú, fito desta pesquisa.

Figura 3. Mapa da localização do Quilombo do Curiaú



Fonte: Google Maps – Dados do mapa 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@0.1367489,-51.05114,201m/data=!3m1!1e3?entry=ttu>

A área total do Território Remanescente de Comunidade Quilombola (TRCQ) do Curiaú é de 3.321,8931 hectares e está sobreposta à APA do Rio Curiaú, envolvendo três comunidades: Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora e Extrema. (BRITO; BASTOS; BASTOS, 2022). Apesar de terem a posse legal dos 3.321,8931 hectares de terras a comunidade do local vive distribuída em três ruas apenas (São Joaquim, Santo Antonio e Januário Clarindo). Segundo Silva (2004), limita-se ao norte com a Gleba do Matapi, Curiaú e Vila Nova; ao sul com área urbana de Macapá; ao leste com a margem direita do rio Curiaú e a oeste com o Curralinho.

O acesso terrestre ao Quilombo do Curiaú pode ser feito pela AP-70 e pela BR-210. As estradas também levam a outras localidades como Santo Antonio da Pedreira, Itaupal, Santa Luzia do Pacuí e Cutias. O transporte fluvial é uma opção a partir do mês de janeiro, quando se inicia o período de chuvas na região avolumando as águas do rio e do lago (QUEIROZ, 2007, p. 26).

Para Queiroz (2007) a vila do Curiaú de Fora e a vila do Curiaú de Dentro no Quilombo do Curiaú, estão localizadas no extremo norte da Bacia Amazônica e possuem uma opulenta heterogeneidade biológica. O cenário local recebe forte influência da bacia hidrográfica do Rio Curiaú, coletora das águas e sedimentos do rio Amazonas e do oceano Atlântico que torna as terras do quilombo um campo fértil para pesca, roça, criação de animais e o extrativismo de produtos não madeireiros. Na Amazônia o rio e o ciclo das águas são incorporados como dimensão fundamental na vida das famílias ribeirinhas da região (MARIN; CASTRO, 1993).

De acordo com Trindade (2015) assim como a linha imaginária do Equador corta a cidade de Macapá da mesma maneira o lago Curiaú corta a Vila do Curiaú de Dentro, ambas localizadas “no meio do mundo”. É nesse cenário de cursos de água, de terras firmes, várzeas altas e baixas que se chega ao Quilombo do Curiaú, que está localizado a 8km do centro de Macapá, capital do estado do Amapá.

Figura 4. Lago do Quilombo do Curiaú



Fonte: Rafael Aleixo/g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/06/29/no-ap-novo-deck-do-curiau-e-entregue-com-participacao-da-ministra-margareth-menezes.ghtm>

Ao entrar no Quilombo do Curiaú via AP-70 a primeira visão que se tem, segundo Trindade (2015, p. 24) é a seguinte:

Logo se vê no Curiaú de Fora, as casas que estão à beira da estrada, enfileiradas. A sede da Associação Atlética fica bem no centro do terreno, ao lado de um campo de futebol. Andando um pouco mais, avista-se o antigo prédio da Associação de Moradores do Quilombo do Curiaú, ao lado, está a igreja de São Joaquim. Para chegar ao Curiaú de dentro, percorremos mais 1 km. Logo na entrada do Curiaú de Dentro, encontra-se um campo de futebol que fica ao lado da Escola Quilombola Estadual de José Bonifácio.

Figura 5. Entrada do Quilombo do Curiaú



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

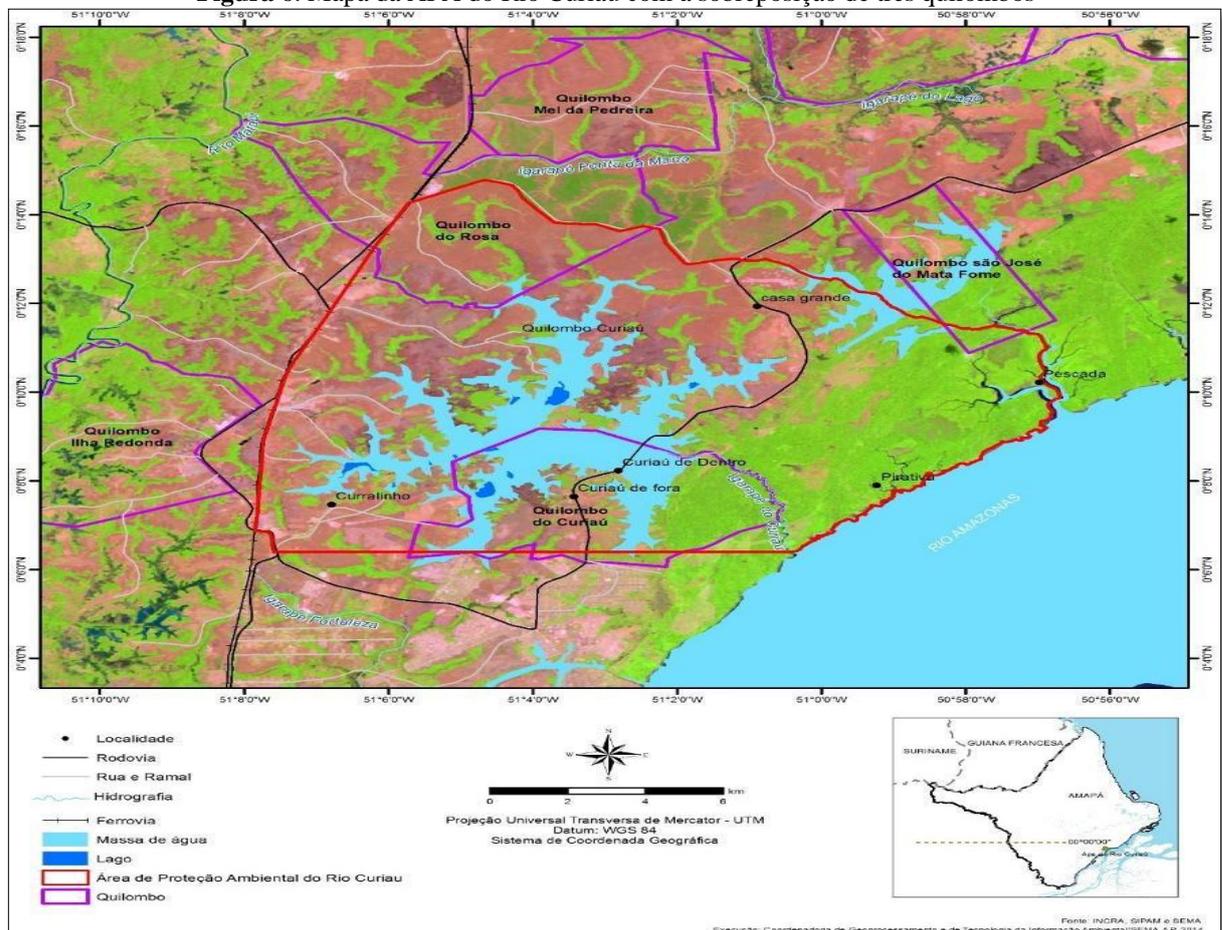
Na figura 5, vemos o Curiaú de Fora⁹ que de acordo com Silva (2022) recebe tem este nome por causa do primeiro professor da comunidade que não começava a aula enquanto os meninos de longe não chegassem. Antes de iniciar suas aulas o professor dizia: Os meninos do Curiaú de Fora já chegaram? (SILVA, 2022, p. 24). Isto se deve ao fato das aulas acontecerem no Curiaú de Dentro ou Curiaú de Baixo, o primeiro local a ser habitado pelos primeiros quilombolas. Esse mesmo autor registra que o princípio da formação do lugar e o estabelecimento da vivência no Quilombo do Curiaú se deu no Curiaú de Dentro, pelo fato das

⁹ Curiaú de Fora era um amplo e vasto campo, só campinho e vegetação de belas flores, que não parecia um jardim plantado pelas pessoas comuns, mas sim por Deus. De décadas vindas para o dia de hoje, os moradores plantando nos quintais mudas de tudo que era necessário para a vida, a sobrevivência também se tornou o que se vê nos tempos atuais, ilhas de árvores grandes formando sítios e taperas de famílias (SILVA, 2022, p. 24).

peças viverem à beira do lago e dentro da mata, daí chamarem o local de Curiaú de Dentro, ao contrário do Curiaú de Fora que era campo (SILVA,¹⁰ 2022).

Atualmente, o Quilombo do Curiaú está sobreposto à Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Curiaú que é uma Unidade de Conservação (UC) de Uso Sustentável, criada com o intuito de conter a pressão da expansão urbana desordenada de Macapá sobre a área de abrangência da bacia do Rio Curiaú e seus ecossistemas. Tem a função também de garantir a integridade das comunidades residentes, em especial dos remanescentes de quilombos, respeitando seus valores etnoculturais. A APA do Rio Curiaú foi criada pela Lei Estadual nº 431, de 15 de setembro de 1998, com uma área de 21.676,00 hectares (AMAPÁ, 2022).

Figura 6. Mapa da APA do Rio Curiaú com a sobreposição de três quilombos

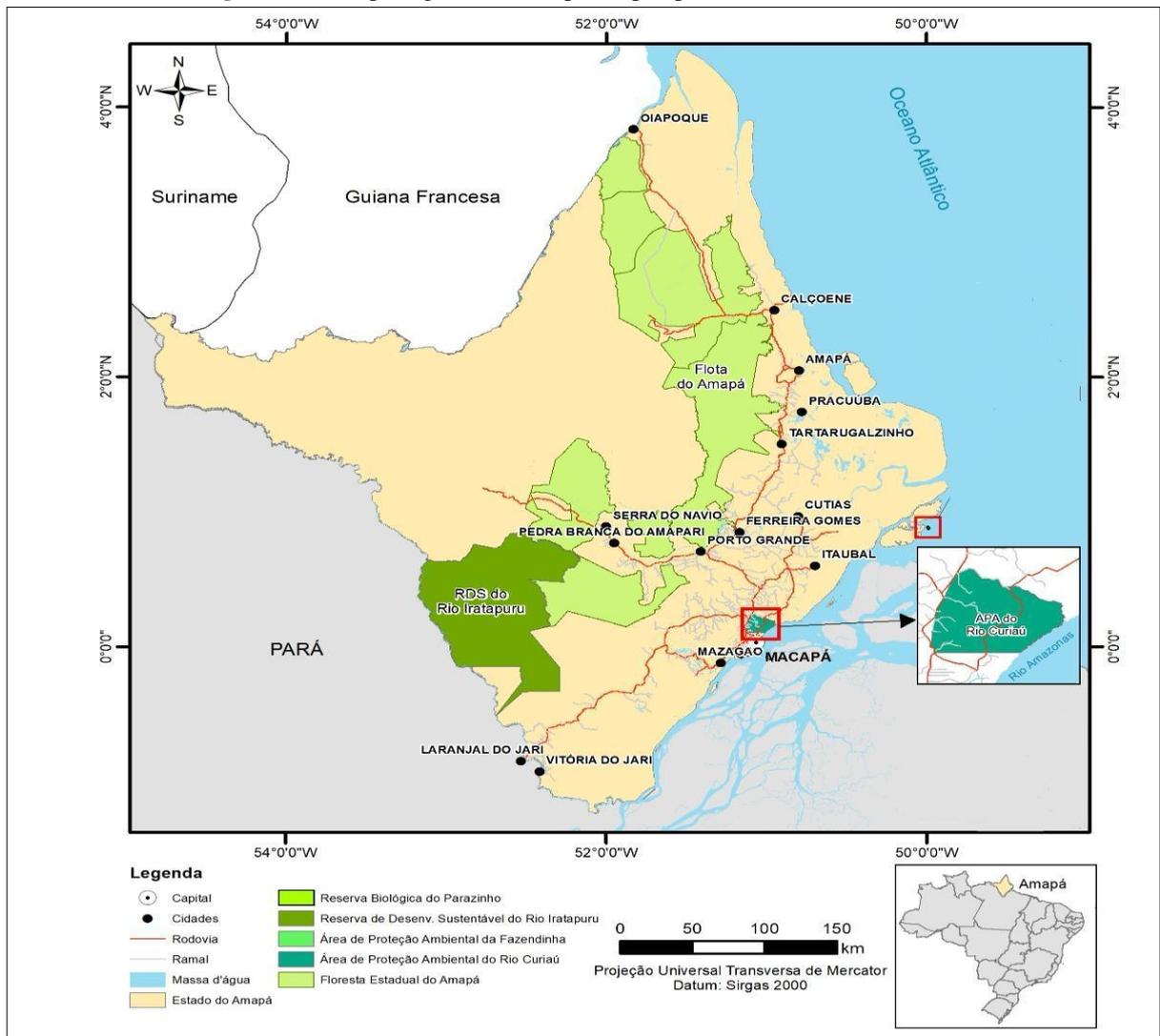


Fonte: CGUCBIO/SEMA-AP, 2022. Disponível em: <https://sema.portal.ap.gov.br/conteudo/servicos-e-informacoes/unidades-de-conservacao#segundo>

¹⁰ Cf. SILVA, Sebastião Menezes da. *Curiaú suas mudanças e seus desafios*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. Este livro é a obra mais recente deste autor quilombola que nasceu e vive até os dias atuais no Quilombo do Curiaú. De acordo com Ricardo Ângelo Pereira de Lima, Doutor em Geografia Humana pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) e Professor Associado IV da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) prefaciador da referida obra, o livro aborda tema e problemas contemporâneos da vida dos habitantes e do lugar chamado Curiaú, configura uma “nova cara” para “velhas histórias” que permanecem na memória de Sebastião Menezes da Silva, o Sabá do Curiaú. Trata-se de narrativas a partir das vivências familiares e individuais do autor, com forte traço de oralidade na escrita. [...] É o testemunho individual do autor cuja fonte é a própria memória.

A figura 6 mostra que atualmente existem três quilombos sobrepondo-se parcialmente à área territorial da APA, o Quilombo do Curiaú, Quilombo do Rosa e o Quilombo do São José do Mata Fome. Dentro da APA há também a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Retiro Paraíso, a primeira RPPN criada no estado do Amapá (CGUCBIO/SEMA, 2022).¹¹ A Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Curiaú representa 0,15% da área do estado do Amapá (CGUCBIO/SEMA, 2022).¹² Por sua beleza cênica e cultura étnica, a APA do Rio Curiaú por meio do Decreto estadual nº 1419/92 foi declarada patrimônio cultural do estado do Amapá.

Figura 7. Áreas protegidas no Amapá em perspectiva a APA do Rio Curiaú



Fonte: CGUCBIO/SEMA-AP, 2022. Adaptado pela autora.

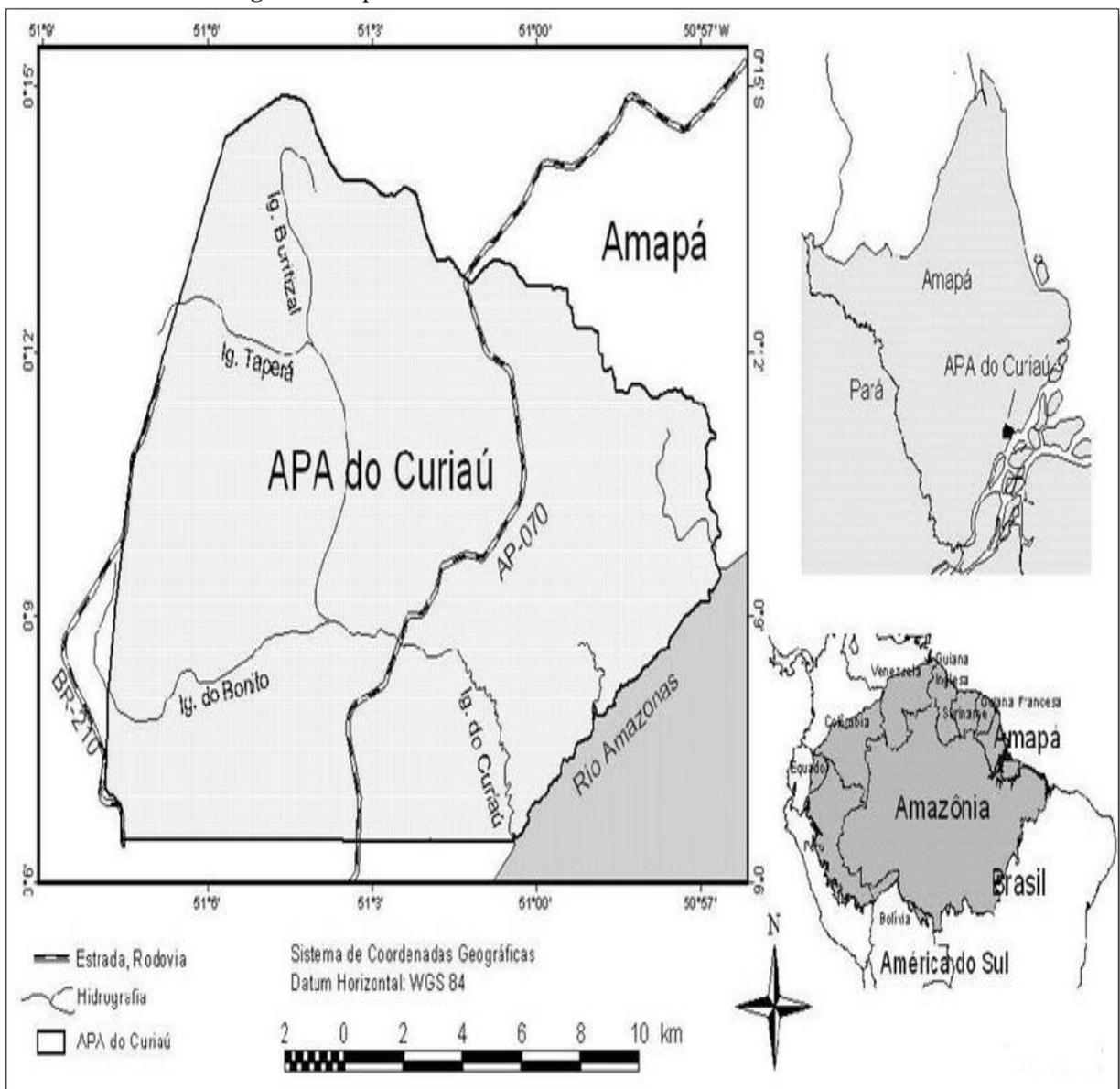
¹¹ Coordenadoria de Gestão de Unidades de Conservação e Biodiversidade/SEMA-AP. Disponível em: <https://sema.portal.ap.gov.br/conteudo/servicos-e-informacoes/unidades-de-conservacao#segundo>

¹² Ver Tabela com a Síntese de informações sobre as áreas protegidas do estado do Amapá, com destaque (cor verde) para as Unidades de Conservação estaduais no site da SEMA/AP. Disponível em: <https://sigdoc.ap.gov.br/public/arquivo/0afebaab-922d-4099-b497-ca50961e0702/download>

Como conteúdo ecológico a APA do Rio Curiaú apresenta uma marcante flutuação sazonal no seu regime hidrológico, com o período de estiagem compreendendo os meses de julho a dezembro e o chuvoso de janeiro a junho, em que o nível da água eleva-se de modo a tornar a grande planície alagável (TRINDADE et al., 2014). Esta configuração ecológica confere ao local uma quantidade variada de recursos naturais, biológicos e cênicos.

Os campos de várzea ou campos inundáveis, onde atuam regimes pluviais e de marés, compostos por um intenso sistema de canais e lagos temporários ou permanentes interligados, oferecem um importante meio de deslocamento da população residente, além de expressivo estoque de peixes para seu regime alimentar, pastagens naturais onde é praticada a pecuária extensiva e atividades turístico-recreativas (CANTUÁRIA 2011, p. 70).

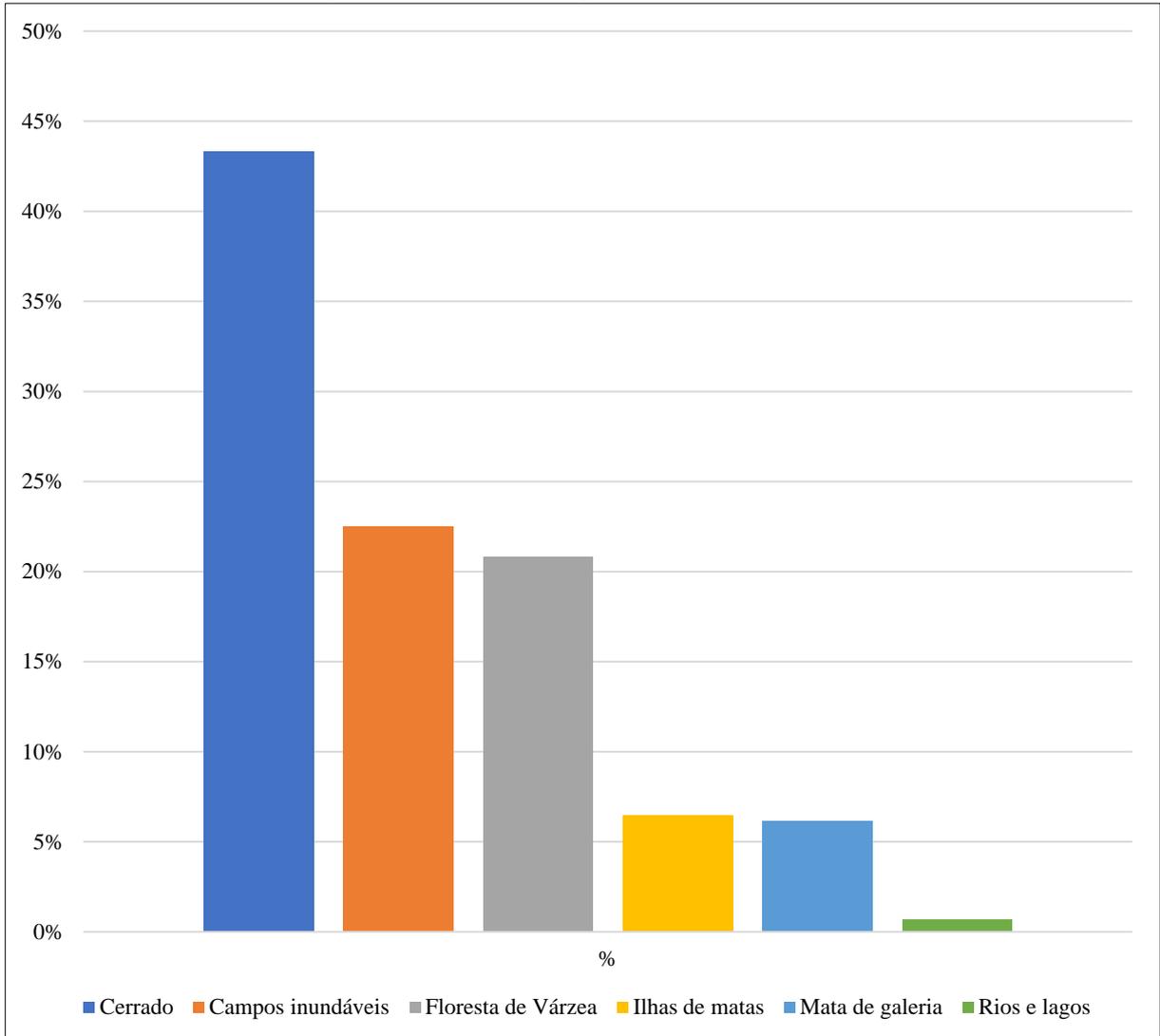
Figura 8. Mapa da confluência do Rio Curiaú com o Rio Amazonas



Fonte: TRINDADE et al., 2014, p. 101.

Em relação ao ecossistema da APA do Rio Curiaú (CANTUÁRIA, 2011, p. 58), o define como um território diversificado, com a presença de rios e lagos, campos inundáveis, áreas de cerrado e floresta de várzea (Figura 9).

Figura 9. Característica vegetal da APA do Rio Curiaú



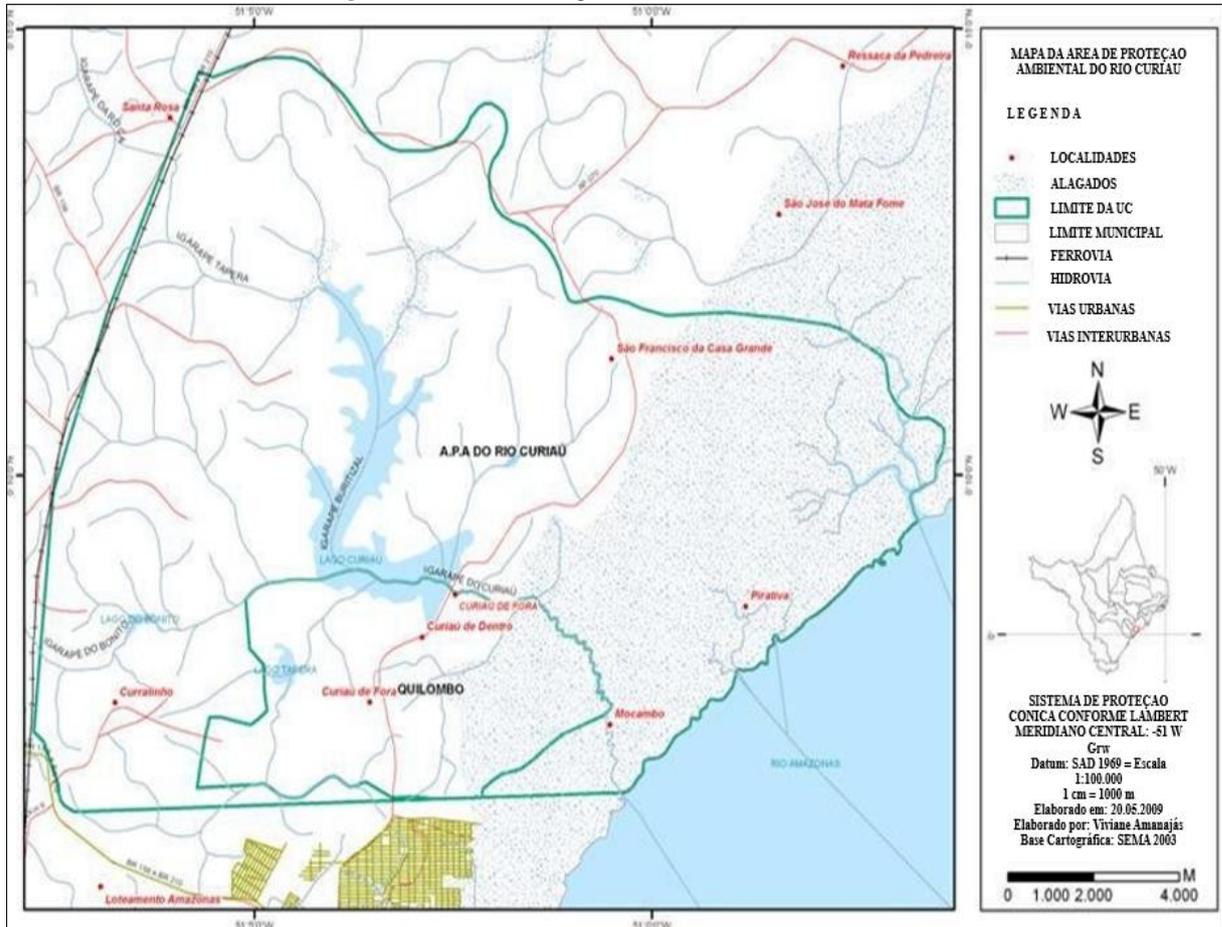
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com a representação gráfica (Figura 9), a cobertura vegetal da APA do Rio Curiaú abrange ambientes de alta diversidade paisagística, o que oferece proteção à bacia do Rio Curiaú. O maior percentual de vegetação da APA é do tipo cerrado que ocupa 43% do total da área da APA, restando 23% de campos inundáveis, 21% de floresta de várzea, 6% de ilhas de matas, 6% mata de galeria e 1% de rios e lagos.

A Bacia do Rio Curiaú compreende aproximadamente 584,47 Km² de extensão, sendo que cerca de 40% desse total encontra-se situado dentro da área da APA do Rio Curiaú (Figura

10). Possui um sistema de drenagem interligando lagos temporários e permanentes, que recebem as influências das chuvas e das marés, em especial do Rio Amazonas (CANTUÁRIA, 2011, p. 67).

Figura 10. Bacia Hidrográfica da APA do Rio Curiaú



Fonte: Secretaria Estadual do Meio Ambiente.

Segundo o artigo 15 da Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000 que estabelece o Sistema Nacional de Unidades Conservação (SNUC), APA é:

É uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (BRASIL, 2000).

É neste contexto das demandas ecológicas que surgem as APAs no território nacional, mas, no caso da APA do Rio Curiaú as demandas territoriais foram também as grandes propulsoras do processo. Segundo um nativo da região chamado Sr. José Araújo da Paixão:

Houve um processo paralelo, a instituição da APA do rio Curiaú e a luta pela titulação das terras. Contudo, as duas propostas foram formuladas por agentes com interesses distintos. Pois, se por um lado a titulação das terras do Curiaú garantiria a propriedade e o uso comum pelas famílias, por outro, a APA do rio Curiaú instituiria processos de controle e preservação, dada a pressão da cidade de Macapá, que acabaria comprometendo as formas de uso utilizadas pelas famílias passadas de geração para geração de manejar os sistemas ecológicos existentes no território (QUEIROZ, 2007, p. 68-69).

Portanto, existem diferentes visões interpretativas sobre a criação da APA do Rio Curiaú que envolvem conflitos por recursos naturais e por áreas de terras para a especulação imobiliária e a construção de condomínios de luxo no território (MARIN, 1997). Um fato relevante que convém relacionar é que a cidade de Macapá teve um elevado crescimento populacional na década de 90 o que levou a ocupação desenfreada das áreas rurais e ao surgimento de vários bairros como Brasil Novo, Novo Horizonte, Capilândia e Ipê (QUEIROZ, 2007).

Assim, a criação de novos bairros na zona norte de Macapá em direção às terras do Quilombo do Curiaú, segundo Queiroz (2007) enseja na criação da APA do Rio Curiaú, traduzindo-se em uma possível solução para conter o avanço da cidade de Macapá em direção ao território da APA. Sobre os apontamentos acerca da criação da APA do Rio Curiaú temos:

Riscos que o crescimento urbano desordenado de Macapá vinha imprimindo na área geográfica de abrangência da bacia do Rio Curiaú e seus ecossistemas e, notadamente, pela preocupação com o resguardo da integridade do homem local, representado pelas comunidades residentes, respeitando seus valores e raízes etnoculturais, de modo a garantir sua convivência sustentável com o meio ambiente e seu potencial de uso (CHAGAS, 1997, p. 36).

Mas, na visão de Campos (2002) partir da criação da APA do Rio Curiaú:

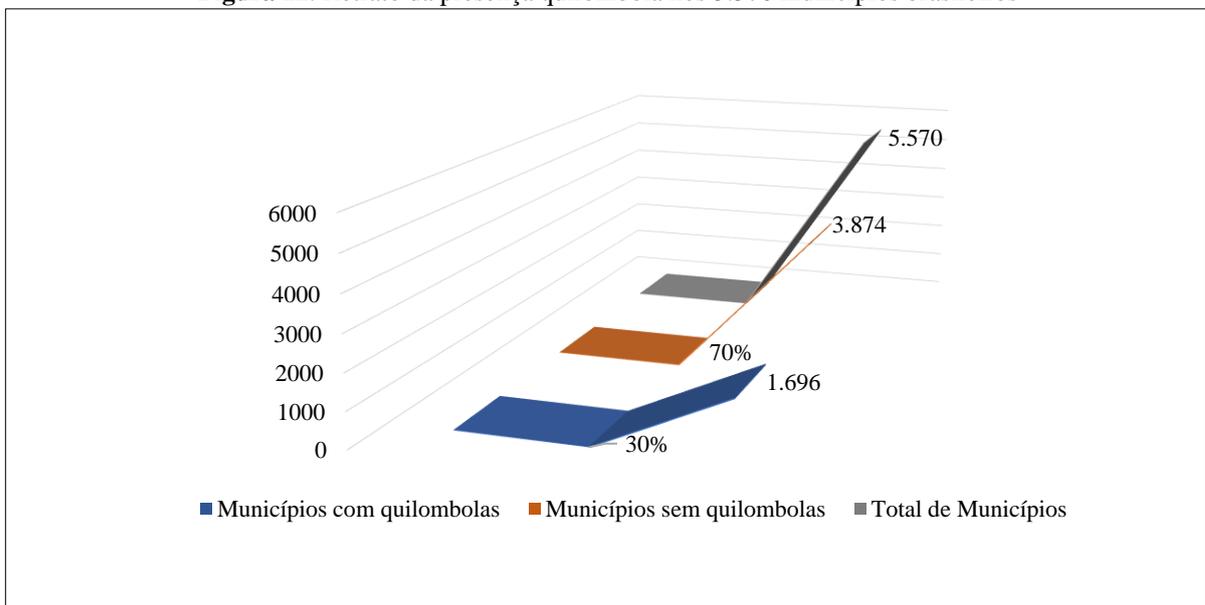
O destino do Curiaú não somente está traçado, mas consolidado, por mãos e ideias de pessoas estranhas à realidade da Vila. Os planos e Projetos para “preservar a área” proliferam e envolvem recursos financeiros também privados, contando com a supervisão, administração e fiscalização do Órgão Estadual de Meio Ambiente, com a “colaboração” indefinida de autoridades federais, estaduais e municipais, além, é óbvio, da participação de Organizações Não-Governamentais (CAMPOS, 2002, p. 41).

De fato, existe na atualidade uma arena de luta entre o legítimo direito à terra dos quilombolas e a preservação das riquezas ambientais e culturais no seio da APA do Rio Curiaú. O próprio estado identifica esse conflito e age por meio da criação de regulamentos legais que possam minimizar os efeitos deste litígio. Observa-se também que existe por parte de toda a sociedade o interesse e consciência pela preservação do ecossistema da APA, entanto, o acesso a moradia também é imperativo. Encontrar um ponto equalizador para esses interesses é o grande desafio dos gestores políticos do estado.

1.2. Curiaú e a população quilombola do Amapá

No ano de 2022, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do Censo Demográfico fez pela primeira vez, o levantamento dos territórios e da população quilombola do país. E no dia 27 de julho de 2023, os primeiros resultados foram divulgados e eles dão conta que são ao todo 1.696 municípios brasileiros (Figura 11) com moradores quilombolas, cerca de 30% dos 5.570 existentes em território nacional, totalizando 1,3 milhão de pessoas (FOLHA DE S. PAULO, 2023).

Figura 11. Retrato da presença quilombola nos 5.570 municípios brasileiros



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A inserção dessas comunidades no levantamento do IBGE é uma solicitação antiga de entidades que representam esse grupo, como a Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). “Toda essa construção, a Conaq vem pautando há mais de 20 anos, a gente se aproximou de colocar isso em 2010, não conseguiu. Finalmente, conseguimos colocar para 2020,” diz a socióloga Givânia Silva, uma das diretoras da CONAQ (OLIVEIRA; BRASIL, 2023).

Segundo Mariana Viveiros, coordenadora de Divulgação do Censo 2022, a demanda pela inclusão da população quilombola existia antes do Censo 2010, mas:

para incluir esta parcela da população na sondagem, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) demandou um tempo maior para estudar a maneira adequada de fazer a pesquisa dentro desses recortes, [...] este processo se intensificou a partir de 2018. O período foi para viabilizar consultas a entidades quilombolas de todo o país, de modo a entender a forma, os métodos e as perguntas a serem feitas no recenseamento. Além do diálogo

com a Conaq, que articulava com os representantes de comunidades dos 17 estados que fazem parte do grupo, foram estabelecidas parcerias com diversos órgãos e entidades, como o Fundo de População das Nações Unidas, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a Fundação Cultural Palmares e o Ministério da Igualdade Racial (OLIVEIRA; BRASIL, 2023, n.p.).

Em outras palavras, essa cartografia censitária das populações quilombolas do Brasil somente foi possível pois, contou com o engajamento de vários organismos sociais. Apesar deste esforço significativo, os quilombolas continuam sub-representados no Censo, na visão do historiador Flávio Gomes. Para o historiador o IBGE, ainda não conseguiu captar parte do campesinato negro vinculada a essas comunidades:

Falo de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Outras áreas têm muito mais quilombos, como Espírito Santo e Pernambuco. Como não ter quilombolas no Acre e Roraima, questiona [...]. A dificuldade de retratar com mais proximidade as comunidades quilombolas não decorre de uma falha do Censo, mas existe porque essa parcela da população está invisibilizada, assim como parte substantiva do campesinato negro e da luta pela terra no Brasil. Tem uma face camponesa negra, fundamentalmente a terceira geração do pós-emancipação (abolição da escravatura), que tem vinculação com quilombos, esse grupo não está mensurado (Flávio dos Santos Gomes,¹³ 2023).

Por outro lado, estudiosos do tema dizem ser um grande *approach* para as questões quilombolas este retrato inédito da população e do território quilombola pode sobretudo incorrer na elaboração de novas políticas públicas para o setor. Luciana Brito, professora de História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) ressalta que os números apresentados são impressionantes. Para a historiadora, os dados dizem muito sobre história do Brasil, sobre a política do país, sobre economia e sobre movimentos migratórios. Segundo Luciana Brito:

Foram quase 400 anos de escravidão. O Censo nos mostra como esse foi um episódio que impacta a forma como a população negra se organiza até hoje. A despeito dos movimentos migratórios de uma população negra do Nordeste para o Sudeste do país, nós compreendemos que a força da escravidão foi tão grande que determina onde essas populações se concentraram (Luciana da Cruz Brito,¹⁴ 2023).

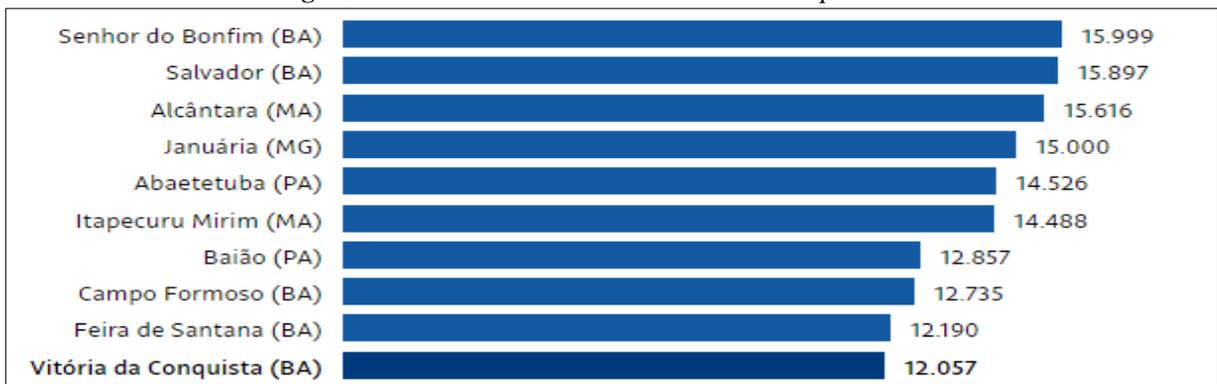
De acordo com o IBGE, só na região Nordeste vivem 905,4 mil pessoas que se autodenominam quilombolas. O destaque é Senhor do Bonfim (a 384 km de Salvador), na Bahia, (Figura 12) com 15.999 quilombolas, seguido por Salvador, com 15.897, e Alcântara (a 90 km de São Luís), no Maranhão, com 15.616. Analisa esses dados Ynaê dos Santos, professora de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) da seguinte maneira:

¹³ Ver entrevista completa concedida à Folha de S. Paulo em 28 de julho de 2023. 11 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/quilombolascontinuamsubrepresentadosnocensodizhistoriador.shtml>.

¹⁴ Idem nota de rodapé 13.

É possível traçar uma relação entre a concentração de comunidades quilombolas do Nordeste do país e a concentração de população escravizada na mesma região, durante o período colonial. No período da escravidão, o Nordeste foi uma região de intensa presença de africanos escravizados e seus descendentes em razão da economia agroexportadora. Mas é preciso dizer que esses dados também devem ser lidos em conjunto com a questão da concentração fundiária no Brasil, que faz parte, digamos, do mesmo problema. Essa concentração fundiária está muito vinculada com o período do fim da escravidão e a manutenção disso se alimenta pelo racismo no país. (Ynaê Lopes dos Santos,¹⁵ 2023).

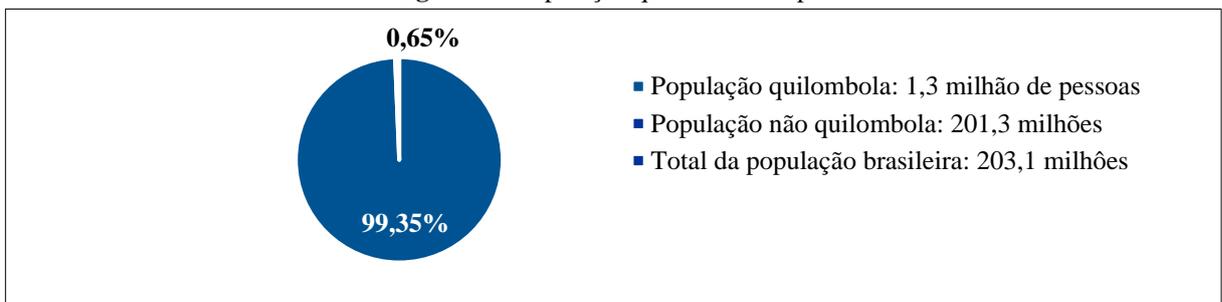
Figura 12. As dez cidades com maior número de quilombolas



Fonte: Censo quilombola IBGE (2022).

O IBGE aponta que 1,3 milhão de pessoas constituem o grupo de quilombolas hoje no país o que equivale a 0,65% do total dos habitantes (figura 13).

Figura 13. População quilombola no país



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

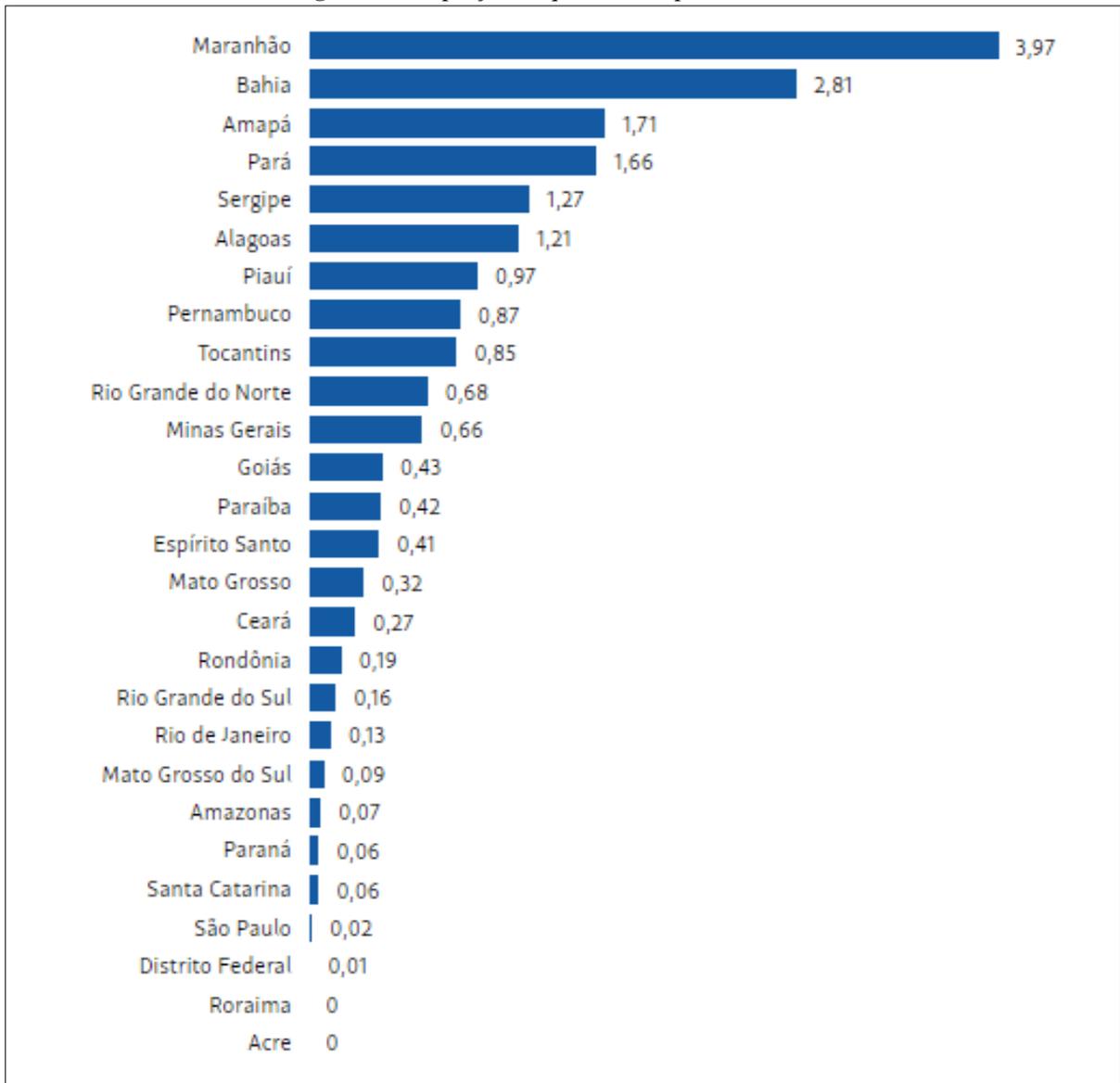
Evidentemente, essa contagem inédita da população quilombola traduz-se no marco zero das estatísticas oficiais, pois durante 150 anos¹⁶ os quilombolas em todas as edições do Censo foram apenas contabilizados no resultado geral da população.

¹⁵ Trecho de entrevista concedida pela Profa. Ynaê Santos para Folha de S. Paulo em 28 de julho de 2023. Repórter entrevistador: Tayguara Ribeiro. Título da reportagem: “Censo de quilombolas mostra impacto da escravidão e da resistência negra, dizem historiadoras”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/censo-de-quilombolas-mostra-impacto-da-escravidao-e-da-resistencia-negra-dizem-historiadoras.shtml>

¹⁶ O primeiro Censo brasileiro ocorreu em 1872. Fonte: Memória IBGE. Disponível em: <https://memoria.ibge.gov.br>

No caso do estado do Amapá, 12.894 pessoas se autodeclararam¹⁷ quilombolas. A cidade de Macapá é o município com o maior número de quilombolas, 9.110. Na sequência aparece Mazagão com 1.483 e Santana com 1.176. Dos 16 municípios do estado do Amapá, 11 registraram populações quilombolas. Em termos proporcionais por estado da Federação brasileira o Amapá está na 3ª posição, atrás apenas do Maranhão e Bahia.

Figura 14. Proporção de quilombolas por estado em %

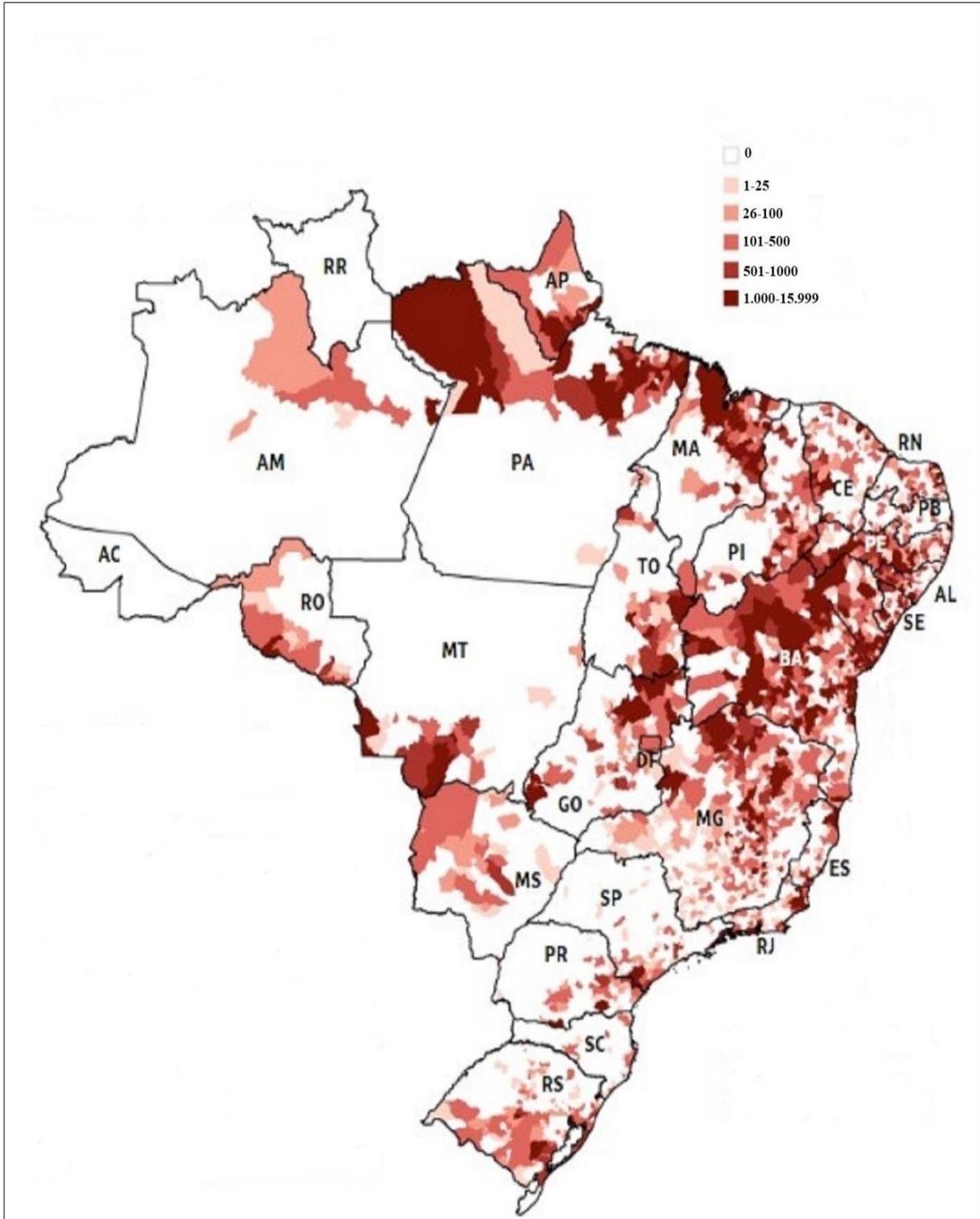


Fonte: Censo quilombola IBGE (2022).

¹⁷ Para mapear os quilombolas do Brasil, o IBGE incluiu a seguinte pergunta nos questionários da pesquisa: Você se considera quilombola? Em caso positivo, o entrevistado poderia responder, na sequência, qual era a sua comunidade. Na prática, a autodeclaração serviu como critério para a produção das estatísticas. A data de referência do Censo é 31 de julho de 2022, ou seja, a contagem abrange a população até esse dia (VIECELEI; RIBEIRO, 2023). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/brasil-tem-13-milhao-de-quilombolas-aponta-retrato-inedito-do-censo-2022.shtml>

A população do estado do Amapá segundo o Censo 2022 é de 733,508 pessoas. O percentual de pessoas quilombolas é de 1,71% e está distribuído pelos municípios de Calçoene, Ferreira Gomes, Itaubal, Laranjal do Jari, Macapá, Mazagão, Oiapoque, Porto Grande, Santana, Tartarugalzinho e Vitória do Jari (Figura 15).

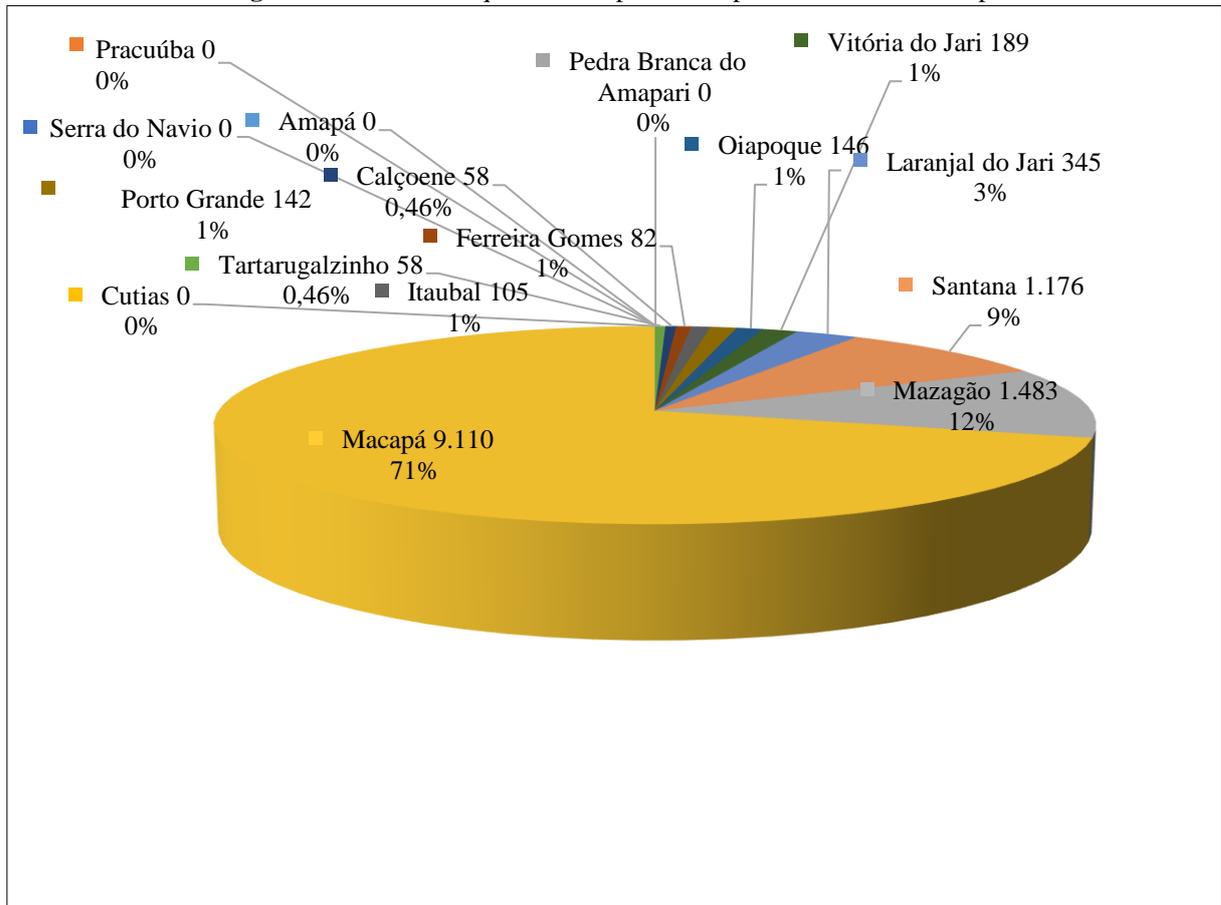
Figura 15. Número de pessoas quilombolas por municípios do Brasil



Fonte: Censo quilombola IBGE (2022).

Conforme o mapa da figura 15, Macapá está entre as cidades do estado do Amapá com o maior número de quilombolas, 9.110 pessoas. Este número corresponde ao percentual de 71% do total de quilombolas do estado do Amapá. Desse modo, podemos afirmar que a maioria dos quilombolas residem na cidade de Macapá. Muito embora a grande maioria dos quilombolas amapaenses estejam fixados em Macapá, há um contingente desse grupo espalhado pela maioria dos 16 municípios (Figura 16).

Figura 16. Número de quilombolas por municípios do estado do Amapá



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O mapa da figura 16, nos mostra em números absolutos e em percentuais que Macapá é a cidade que mais abriga quilombolas, o restante equivalente a 12% está em Mazagão, 8% em Santana, 3% em Laranjal do Jari, 2% em Vitória do Jari, 1% em Oiapoque, Ferreira Gomes, Porto Grande, Itaubal e 0,46% em Calçoene e Tartarugalzinho. Os municípios de Amapá, Cutias, Pedra Branca do Amapari, Pracuúba e Serra do Navio não registraram a presença de quilombolas. Sobre o contingente de quilombolas no estado do Amapá depreende-se, que quanto mais próximo o município se encontra da capital Macapá maior é o seu número populacional.

De acordo com a Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP), que se destaca por suas inúmeras realizações como a conquista da primeira titulação de terra quilombola no Brasil, a população do Curiaú segundo levantamento do Censo 2022 é de 1.803 pessoas,¹⁸ vale ressaltar que esse número se refere a soma de todas as comunidades quilombolas do Curiaú e APA do Rio Curiaú.

Para compreendermos melhor a distribuição populacional do Curiaú Oliveira (2006) afirma que a população do Quilombo do Curiaú, mais precisamente das comunidades de Curiaú de Fora e Curiaú de Dentro locus desta pesquisa, residia em 105¹⁹ casas em 2005. E a média de pessoas morando em cada casa era de 2 a 6 pessoas. Em Curiaú de Fora a média era de 75% de pessoas casadas, em geral com 6 crianças por família. Já a comunidade Curiaú de Dentro era composta por poucos membros casados e uma média de um pouco mais de 2 crianças por família (PLANO DE MANEJO DA APA DO RIO CURIAÚ, 2010, p. 81).

De acordo com o plano de manejo da APA do Rio Curiaú, a população de toda APA em 2007 não ultrapassava 2.000 habitantes. Com os dados do Censo 2022 apontando para o número de 1.803, constata-se um decréscimo dessa população. No que se refere as características étnicas destas comunidades o (Plano de Manejo da APA do Rio Curiaú, 2010) aponta que as comunidades negras que se destacam são “as comunidades de Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande e Currallinho, já as comunidades de Mocambo, Pirativa e Pescada são compostas de populações ribeirinhas ou por exógenos” (PLANO DE MANEJO DA APA DO RIO CURIAÚ, 2010).

No Plano de Manejo da APA do Rio Curiaú (2010) consta que:

A maioria da população do Curiaú, em 1997, era nativa (60%); porém, 26% residem no local há mais de 10 anos e 13% há mais de um ano. O êxodo das famílias para Macapá é constante, sobretudo de jovens do sexo masculino, que vão embora em busca de estudo e oportunidade de emprego. Apesar da população ser relativamente jovem, permanece na comunidade o adulto (PLANO DE MANEJO DA APA DO RIO CURIAÚ, 2010, p. 81).

Ainda sobre os dados da população do Curiaú de Fora e Curiaú de Dentro, Oliveira (2006) demonstra que 820 pessoas moram nas comunidades e desse quantitativo 380 são homens e 430 são mulheres. Crianças com idade de 13 anos são 308, das quais 156 meninos e 152 meninas. Quanto ao número de jovens entre 14 e 17 anos são 75 sendo 33 homens e 42 e mulheres. A maioria dessas crianças em idade escolar, compõem a clientela da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio, localizada na rua Santo Antonio nº 219.

¹⁸ Dados disponíveis em: <https://cpisp.org.br/curiaui/>

¹⁹ Sendo 38 casas em Curiaú de Fora e 67 casas em Curiaú de Dentro.

Acerca do perfil desta escola quilombola (BRONZE, 2022, p. 10) a caracteriza como:

Escola que atua com a Educação Básica no nível de Ensino Fundamental I e II no segmento de 9 (nove) anos e está em processo de extinção do segmento de 8 (oito) anos, sendo que no período da manhã turmas do 5º ano, com alunos de faixa etária de 6 a 11 anos e no período da tarde turmas do 9º ano, com alunos entre 12 e 18 anos. A escola possui 160 alunos matriculados.²⁰

A escola²¹ quilombola estadual José Bonifácio do Quilombo do Curiaú (Figura 17) é a única pertencente ao Sistema Estadual de Ensino do Estado do Amapá (SEED) e atende tanto a população local urbana quanto a ribeirinha. Atua nas modalidades: educação quilombola, educação do campo e educação especial. Segundo Bronze (2022) esta escola quilombola tem seu currículo voltado para valorização da cultura negra e o diálogo entre a realidade histórica e social dos seus alunos, atuando no combate aos fenômenos que surgem a partir do racismo com vistas a manutenção e fortalecimento da identidade quilombola.

Figura 17. Escola Quilombola Estadual José Bonifácio



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Quanto à população economicamente ativa, ver (Figura 18), um levantamento realizado por Bráulio das Chagas Silva,²² realizado em 2005 (OLIVEIRA, 2006, p. 25-26).

²⁰ Dados da matrícula do ano de 2022.

²¹ A Escola José Bonifácio iniciou suas atividades no ano de 1945. Foi recadastrada no governo do antigo Território Federal do Amapá sobre o nº 219 plaqueta do patrimônio sob a ficha da Secretaria Estadual de Administração do Amapá/SEAD – cadastro de bens imóveis nº 075 (BRITO et al., 2021, p. 33).

²² É morador do Quilombo do Curiaú e filho do escritor Sebastião Menezes da Silva.

Figura 18. População economicamente ativa do Quilombo do Curiaú em 2005

<u>PROFISSÕES</u>			
PROFISSÕES	NÚMEROS		
AGRICULTORES	134	POLICIAIS	08
AGENTES DE SAÚDE	03	POETA	01
AGENTE SANITÁRIO	01	PROFESSORES	33
AGENTE ADMINISTRATIVO	01	PORTEIRO	01
AUXILIAR DE SELIGRAFIA	01	SELIGRAFISTA	01
AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS	09	SECRETARIA	02
ARTESÃO	02	SERVENTES	05
AJUDANTE DE PEDREIROS	04	SEGURANÇA	01
BOMBEIROS	02	TÉCNO AGROPECUÁRIA	01
BORRACHEIRO	01	TÉCNOS AGRÍCOLAS COM HABILITAÇÃO EM AGROPECUÁRIA	04
CABELEIREIRAS	03	VAQUEIROS	02
CARPINTEIROS	05	VENDEDORES AMBULANTES	03
CARVOEIROS	02	VIGILANTES	24
CASEIROS	02		
COSTUREIRAS	02		
COZINHEIRAS	03		
COMERCIANTES	18		
DIARISTAS	02		
DJ'S	06		
ESTUDANTES	301		
EMPREGADA DOMÉSTICA	23		
ELETRICISTA	01		
ESCRITOR	01		
FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS	42		
FORNEIRO	01		
GARÇONS	12		
GARI	01		
JARDINEIRO	01		
MERENDEIRAS	03		
MICRO - EMPRESÁRIO	01		
MOTORISTAS	11		
OPERADOR DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS	01		
PEDREIROS	22		
PECUARISTA	12		
PRESTADOR DE SERVIÇOS PARA CAESA	02		

OBSERVAÇÕES:

- Os funcionários públicos estão divididos nas seguintes profissões; professores (23), serventes (5), bombeiros (2), motorista (2), agente administrativo (1), agente sanitário (1) e policial (8).
- Dos 33 professores só 24 trabalham, sendo que um (1) é professor de capoeira, os outros nove (9) estão desempregados.
- Quanto aos vigilantes, nem todos vinte quatro (24), estão trabalhando.
- O censo não está 100%, porque algumas casas da fronteira estavam vazias, no total eram 17 casas. Esses dados poderiam aumentar se não fosse esse imprevisto.
- Essa pesquisa foi realizada por Bráulio das Chagas Silva, nos dias 30/12/04, 03/01/05 e no dia 08/01/05.

Bráulio das Chagas Silva
BRÁULIO DAS CHAGAS SILVA

Bráulio das Chagas Silva
E-mail = braulio.tuiuiu@ig.com.br

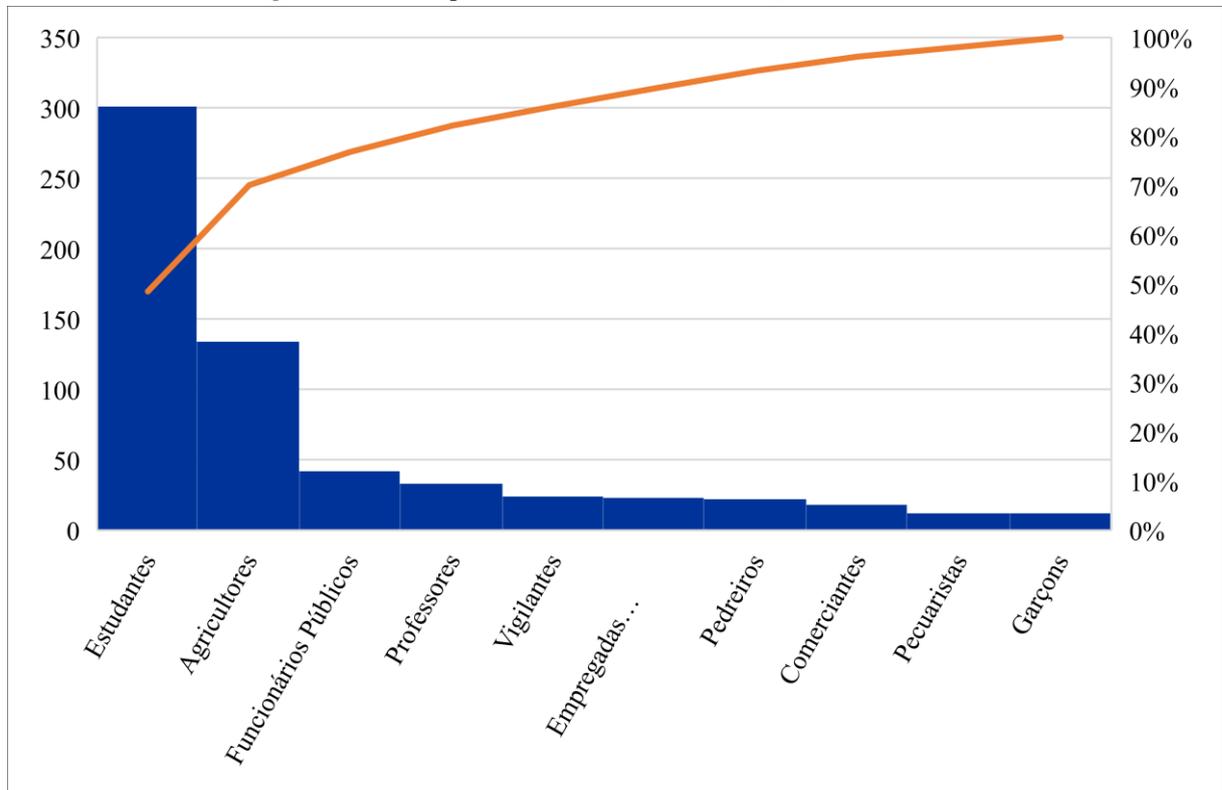
Fonte: (OLIVEIRA, 2006, p. 25-26).

A respeito da atividade laboral dos quilombolas do Curiaú podemos afirmar que segue a configuração das comunidades rurais que em sua grande maioria é composta por agricultores (Figura 18) com Oliveira (2006) defini:

A referida comunidade afrodescendente apresenta como atividade econômica predominante a agricultura, que ocorre em caráter cooperativo e de subsistência. Nas roças, que ainda são coletivas, observa-se a predominância do cultivo da mandioca, bem como de alguns legumes e verduras, e também do açaí, que ainda exerce papel importante na alimentação local e regional (OLIVEIRA, 2006, p. 24).

Com os dados descritos na (Figura 18) construímos um gráfico para melhor visualização das profissões mais exercidas pelos quilombolas do Curiaú (Figura 19).

Figura 19. As dez profissões mais exercidas no Quilombo do Curiaú



Fonte: (OLIVEIRA, 2006, p. 25-26). Adaptado pela autora (2023).

Como podemos observar na figura 19, os agricultores são a maior força de trabalho no Curiaú, seguido pelos funcionários públicos. Cabe inferir que os garçons aparecem entre as dez profissões mais exercidas, o que nos leva relacioná-los a proliferação de bares na região. As festas, segundo os mais antigos moradores se tornaram constantes no interior da comunidade, responsável por trazer para dentro dos limites quilombolas um contingente cada vez maior de pessoas externas à comunidade.

O que na visão de Aguiar e Silva (2003), esse fator tem contribuído para geração de renda da comunidade. Para estes autores, devido a frequência de pessoas nos balneários do Curiaú, os bares e lanchonetes locais têm contribuído para a renda local (AGUIAR; SILVA, 2003, p. 214).

Mas, para muitos moradores essas mudanças modificam a cultura do lugar. Os hábitos milenares da comunidade de produzir seu próprio alimento agora dão lugar a novos tipos de dieta alimentar e novas formas de trabalho como é o caso dos trabalhadores de bares. O cultivo da terra, a caça e a pesca vão deixando de ser uma prática contínua.

1.3. Curiaú: o processo de reconhecimento e a desterritorialização

Na cidade de Brasília, capital do Brasil, em 03 de dezembro de 1999 a União Federal através da Fundação Cultural Palmares (FCP) outorga aos remanescentes de quilombo da comunidade do Curiaú o Título de Reconhecimento de Domínio do território habitado. Segundo o documento (Título de Propriedade²³) trata-se de um imóvel rural denominado de Quilombo do Curiaú, integrante da gleba Matapi, Curiaú e Vila Nova, situado no município de Macapá, estado do Amapá, com área de 3.321,8931 ha (três mil, trezentos e vinte e um hectares, oitenta e nove ares e trinta e um centiares).

O Título de Reconhecimento de Domínio/FCP/Nº001/99 destaca em sua primeira e segunda cláusula que:

O imóvel integra área maior matriculada em nome da União Federal, sob o nº 22, livro 2, fls 22, no Registro de Imóveis da Comarca de Macapá-AP e destina-se às atividades extrativistas, agropecuárias e de preservação do meio ambiente de modo a garantirem a auto sustentabilidade das comunidades remanescentes beneficiárias, objetivando a sua preservação em seus aspectos social, cultural e histórico, segundo o disposto nos Arts. 215 e 216 da Constituição Federal, tornando-se em consequência, inalienável, devendo permanecer sob o uso e posse dos outorgados (MINISTÉRIO DA CULTURA, 1999, p. 2).

Nestes termos fica determinado que o Título de Reconhecimento de Domínio confere aos outorgados um território de caráter inalienável, imprescritível e impenhorável (CANTUÁRIA, 2011, p. 79). O Título de Reconhecimento de Domínio está garantido na Constituição Federal de 1988, através do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT). Nele está assegurado que aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

É possível acessar esse direito à terra via procedimento administrativo como pressupõe o artigo primeiro do Decreto presidencial de 20 de novembro de 2003:

Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto (DECRETO PRESIDENCIAL Nº 4.887, 2003).

Segundo o disposto no Decreto presidencial nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) é o órgão federal responsável

²³ Disponível em: https://cpisp.org.br/wp-content/uploads/2017/06/T_CuriauAP2000FCP.pdf

pelo acesso à terra dos quilombolas sem prejuízo da competência concorrente dos estados, do distrito federal e dos municípios. Corrobora com esta afirmação Arruti (2008) quando menciona que este Decreto tanto estabelece o Incra como o responsável pelo processo de regularização fundiária das comunidades quilombolas, incorpora o seu direito ao autorreconhecimento,²⁴ como também preconiza a possibilidade de desapropriações e, finalmente, estabelece que a titulação deva se efetuar em nome de entidade representativa da comunidade.

Ressalta ainda que:

Este último aspecto é importante tanto por incorporar uma perspectiva comunitarista ao artigo constitucional (um direito de coletividades e não de indivíduos), quanto por dar à noção de “terra” a dimensão conceitual de território: nela se incluem não só a terra diretamente ocupada no momento específico da titulação, mas todos os espaços que fazem parte de seus usos, costumes e tradições e/ou que possuem os recursos ambientais necessários à sua manutenção e às reminiscências históricas que permitam perpetuar sua memória (ARRUTI, 2008, p. 23).

Para Arruti (2009) através do Decreto presidencial nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, o Governo federal abriu caminho, quinze anos depois, para que o tema das terras das comunidades negras fosse efetivamente incorporado como objeto de política pública em âmbito nacional:

O Decreto realizou isso por meio do deslocamento institucional do tema: de uma atribuição exclusiva da Fundação Cultural Palmares (Ministério da Cultura) para uma atribuição partilhada entre vários ministérios, cujas ações deveriam ser coordenadas pela Seppir (Presidência da República), mas que tem no Incra (Ministério do Desenvolvimento Agrário) o principal de suas ações. Com isso podemos dizer que os quilombos deixaram de ser um tema exclusivo da política cultural para serem reconhecidos como uma parcela da população nacional que deve ser atendida de forma diferenciada pelo conjunto das políticas públicas redistributivas. Esta passagem teve dois efeitos associados. Por um lado, os quilombolas passaram a ocupar a pauta da problemática agrária e agrícola brasileira, ainda que sob um estatuto ambíguo e frágil, no qual se conjugam elementos que emergem da experiência legal, administrativa e técnica das políticas de reforma agrária (redistributiva) e indigenista (de reconhecimento). Por outro lado, a ampliação das políticas de que são público aumentou também o espaço institucional, político e orçamentário das comunidades quilombolas e do seu movimento organizado em âmbito nacional, desencadeando uma forte reação por parte dos interesses ruralistas no Congresso Nacional, mas também de uma reação mais genérica à expansão das políticas de reconhecimento, defesa e mesmo de incentivo à diversidade social e cultural. De quase folclóricos, enfim, os quilombolas tornaram-se ativistas incômodos, localizados no mapa político nacional em

²⁴ Adequação da legislação brasileira às determinações da Convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), ratificada pelo Brasil em 2002 (ARRUTI, 2008, p.23). Ainda sobre o autorreconhecimento ver o art. 1º da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que enfatiza: “A consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção”.

algum lugar entre trabalhadores sem-terra, os indígenas, as favelas e os universitários cotistas (ARRUTI, 2009, p. 103-104).

Para Treccani (2006) o reconhecimento de domínio das terras, não pode ser considerado como uma simples política de reforma agrária ou de regularização fundiária, mas deve ser encarada como a necessidade de reparar uma dívida histórica, que tem seu fundamento numa injustiça praticada secularmente contra os negros e uma forma de preservar a riqueza das diferentes culturas nacionais.

Foi nesse sentido que o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADTC) na visão de Arruti (2006) fez parte integrante das comemorações do Centenário da Abolição da Escravatura, que se deu em 1988. Treccani (2006) compartilha essa mesma perspectiva ao salientar que apesar da abolição formal da escravidão decretada pela Lei Áurea de 13 de maio de 1888, passaram-se outros cem anos para que a Constituição Federal de 1988, devolvesse aos descendentes dos antigos quilombos a propriedade dos territórios que lhes vai permitir o acesso à cidadania plena.

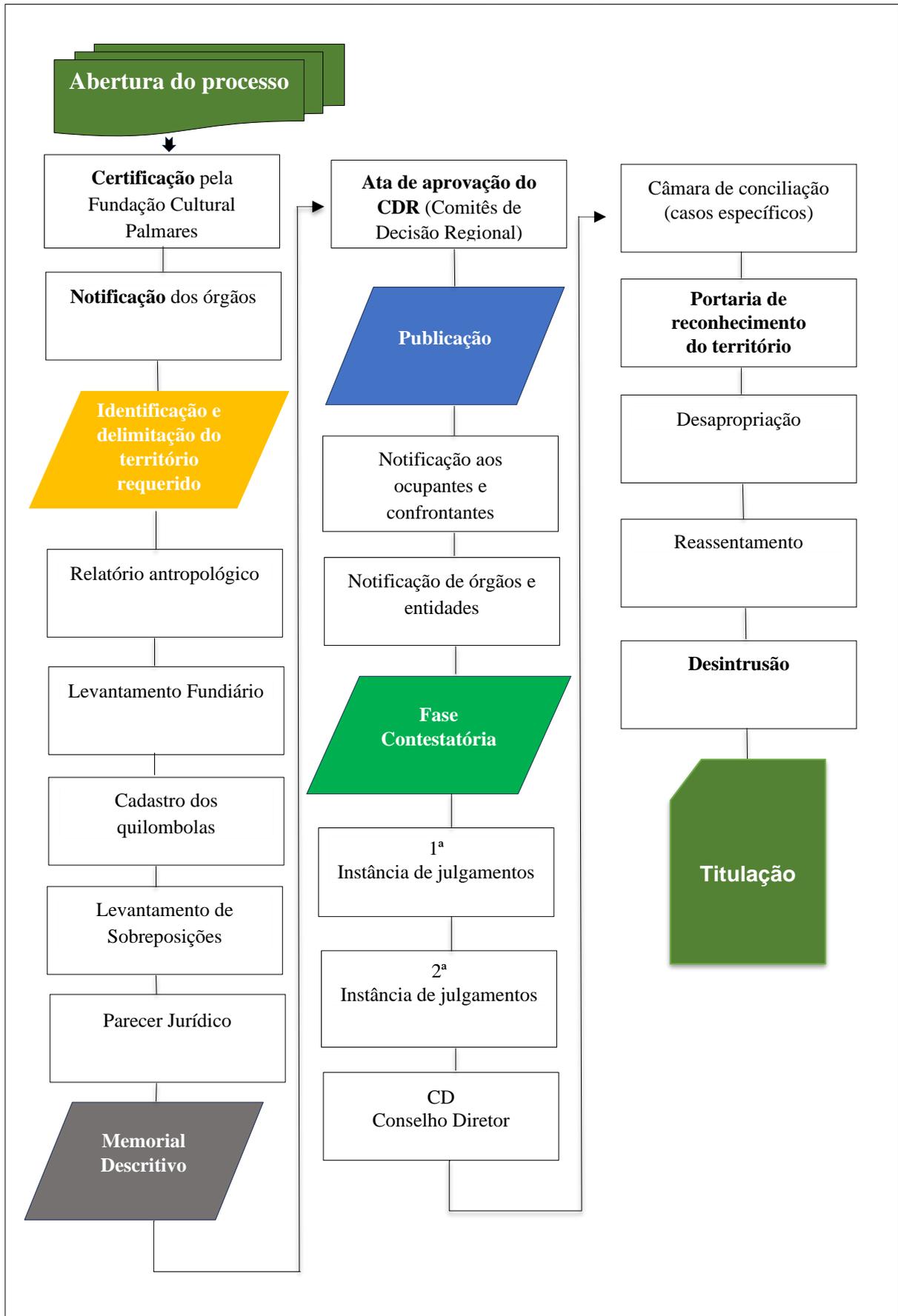
Mas, apesar das garantias legais quanto ao acesso à terra, os quilombolas percorrem um longo, burocrático e complexo percurso junto ao Incra e demais órgãos, para a formalização e obtenção do título de domínio definitivo. O primeiro passo a ser dado pelos quilombolas em direção à titularização de suas terras é estarem organizados em uma associação comunitária. Precisam se autodefinirem como quilombolas, pois como qualquer outro grupo social a comunidade quilombola tem direito à autodefinição.

De acordo com o Incra, para regularizar seu território, o grupo deve apresentar no primeiro momento a Certidão de Autorreconhecimento emitida pela Fundação Palmares. E para requerer essa Certidão o responsável pela comunidade deve apresentar um Relato Sintético do histórico da Comunidade, um Requerimento de Certidão de acordo com o modelo feito pela Fundação Palmares e a Ata de Autorreconhecimento.

Cumprindo-se essas primeiras exigências o próximo passo é a Abertura de processo (Figura 19) no Incra que dá o *start* no processo. Todas as etapas do processo de titulação das terras quilombolas estão descritas na figura 19.

A Fundação Palmares nos termos da Portaria nº 98/2007, recomenda que a Ata da reunião em que a comunidade faz seu Autorreconhecimento, trate exclusivamente deste processo, ou seja, do autorreconhecimento da comunidade de remanescente de quilombo. No portal do Governo federal no (gov.br), é possível iniciar este processo. Nele constam os modelos dos documentos, bem como informações detalhadas de como solicitar a autodefinição quilombola.

Figura 20. Etapas para regularização de terras quilombolas



Quanto as etapas de regularização de terras quilombolas como podemos observar na figura 20, são inúmeras e complexas. De acordo com Arruti (2009) essas etapas estão aglutinadas em grandes quatro etapas que tem início com:

Uma autodeclaração da comunidade como quilombola e sua solicitação de regularização fundiária ao INCRA, que, então, inicia um procedimento. O primeiro passo deste procedimento é a elaboração de um Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), composto por diversos relatórios parciais: relatório antropológico, planta e memorial descritivos, cadastro das famílias quilombolas e dos ocupantes não quilombolas, levantamento da cadeia dominial da terra e identificação da sobreposição de outras áreas de interesse. A partir destes relatórios, o órgão produz um “parecer conclusivo” do RTID, que deve ser divulgado por meio da publicação nos diários oficiais da União (DOU), do Estado (DOE) e na municipalidade, assim como pela notificação direta dos eventuais ocupantes não quilombolas, proprietários confrontantes e instituições do Estado com possíveis interesses na área delimitada. Neste momento começa a segunda grande etapa, relativa à recepção e julgamentos das contestações: depois da publicação do relatório conta-se um prazo para eventuais contestações (30 dias para instituições estatais e 90 dias para particulares), que são submetidas ao Comitê de Decisão Regional do INCRA. Dependendo da decisão do comitê, é publicada nova portaria do órgão (DOU, DOE e municipalidade) com a eventual aprovação definitiva do RTID. A terceira grande etapa é do desembaraçamento e desintração do território: abrem-se as análises da situação fundiária do território definido, procedendo-se às decorrentes desapropriações de títulos válidos ou dos reassentamentos dos pequenos ocupantes não quilombolas. Finalmente, no último bloco de etapas, demarca-se o território, titula-se em nome da associação comunitária quilombola e, finalmente, registra-se o título em cartório e no Registro de imóveis (ARRUTI, 2009, p. 85-86).

Diante de um processo técnico, burocrático e longo, é fácil entendermos porque existem tão poucos territórios quilombolas titulados no Brasil. Desde quando este direito foi estabelecido na Constituição de 1988, passaram-se sete anos para que o primeiro título fosse expedido (Figura 21).

Figura 21. Os treze primeiros Títulos de Domínio de terras quilombolas do Brasil

Nº Ordem	Território Quilombola	Município	UF	Nº de Famílias	Data
1	Boa Vista	Oriximiná	PA	112	20/11/1995
2	Água Fria	Oriximiná	PA	15	20/11/1996
3	Pacoval de Alenquer	Alenquer	PA	115	20/11/1996
4	Trombetas	Oriximiná	PA	138	20/11/1997
5	Itamaoari	Cachoeira do Piriá	PA	33	07/09/1998
6	Erepecuru	Oriximiná e Óbitos	PA	154	08/12/1998
7	Mangal e Barro Vermelho	Sítio do Mato	BA	295	30/01/1999
8	Campinho da Independência	Paraty	RJ	59	19/03/1999
9	Abacatal-Aurá	Ananindeua	PA	53	13/05/1999 02/12/2008
10	Eira dos Coqueiros	Codó	MA	35	20/08/1999
11	Mocorongo	Codó	MA	24	20/08/1999
12	Santo Antonio dos Pretos	Codó	MA	102	20/08/1999
13	Curiaú	Macapá	AP	108	03/12/1999

Fonte: INCRA/DFQ. Organizado pela autora (2023).

Como podemos observar na figura 21, a primeira comunidade a ter suas terras tituladas no Brasil foi, Boa Vista na cidade de Oriximá no Pará em 1995. Já o território do Curiaú foi o 13º no Brasil a ser titulado, o primeiro do estado do Amapá. De 1988 até os dias atuais já se passaram 35 anos em que o direito à terra aos quilombolas foi assegurado na Constituição Federal, no entanto, o Estado brasileiro emitiu apenas 328 títulos no total.²⁵

No Amapá existem atualmente somente quatro comunidades quilombolas tituladas, Curiaú (1999), Conceição do Macacoari (2006), Mel da Pedreira (2007) e São Raimundo do Pirativa (2013). Todavia, segundo o Incra há 31 processos abertos de comunidades que pleiteiam o seu título de domínio (Figura 22).

Figura 22. Processos de titulações abertos na Superintendência Regional do Incra Amapá

PROCESSOS ABERTOS POR SUPERINTENDÊNCIA				
Nº DE ORDEM	Nº PROCESSO	SR/UF	COMUNIDADE	MUNICÍPIO
AMAPÁ				
1	54350.000346/2004-07	SR(AP)	Cunani	Calçoene
2	54350.000348/2004-98	SR(AP)	Lagoa dos Índios	Macapá
3	54350.000700/2004-95	SR(AP)	Rosa	Macapá
4	54350.001106/2005-01	SR(AP)	São José do Mata Fome	Macapá
5	54350.001367/2005-12	SR(AP)	Ilha Redonda	Macapá
6	54350.001368/2005-67	SR(AP)	Ambé	Macapá
7	54350.000174/2006-25	SR(AP)	São Pedro dos Bois	Macapá
8	54350.000691/2008-66	SR(AP)	São Tomé do Aporema	Tartarugalzinho
9	54350.000902/2008-61	SR(AP)	Cinco Chagas do Matapi	Santana
10	54350.000361/2010-95	SR(AP)	Engenho do Matapi	Santana
11	54350.000408/2010-11	SR(AP)	Kulumbú do Patualzinho	Oiapoque
12	54350.000153/2011-77	SR(AP)	Igarapé do Palha Ferreira	Gomes
13	54350.001002/2011-36	SR(AP)	Ressaca da Pedreira	Macapá
14	54350.000100/2012-37		N. Senhora do Desterro dos Dois Irmãos/ Nossa Senhora do Desterro do Matapi	Santana
15	54350.000221/2012-89	SR(AP)	Santa Luzia do Maruanum	Macapá
16	54350.000254/2012-29	SR(AP)	São Miguel do Macacoari	Macapá
17	54350.000511/2012-22	SR(AP)	Currálinho	Macapá
18	54350.000014/2013-13	SR(AP)	São José do Matapi do Porto do Céu	Macapá
19	54350.001168/2013-49	SR(AP)	Campina Grande	Macapá
20	54350.001169/2013-30	SR(AP)	Carmo do Maruanum I	Macapá
21	54350.001037/2013-37	SR(AP)	Igarapé do Lago	Santana
22	54350.001694/2013-84	SR(AP)	São João do Maruanum II	Macapá
23	54350.001695/2013-29	SR(AP)	Tapera	Laranjal do Jari
24	54350.000260/2014-48	SR(AP)	Alto Pirativa	Santana
25	54350.000739/2014-84	SR(AP)	Lagoa do Maracá	Mazagão
26	54350.000120/2014-70	SR(AP)	Santo Antônio do Matapi	Santana
27	54350.000416/2016-52	SR(AP)	São Francisco do Matapi	Macapá
28	54350.000415/2016-16	SR(AP)	Vila Velha do Cassiporé	Oiapoque
29	54350.000593/2016-39	SR(AP)	Rio Pescada	Macapá
30	54350.000762/2016-31	SR(AP)	Torrão do Matapi	Macapá
31	54000.009357/2018-10	SR(AP)	Santo Antônio da Pedreira	Macapá

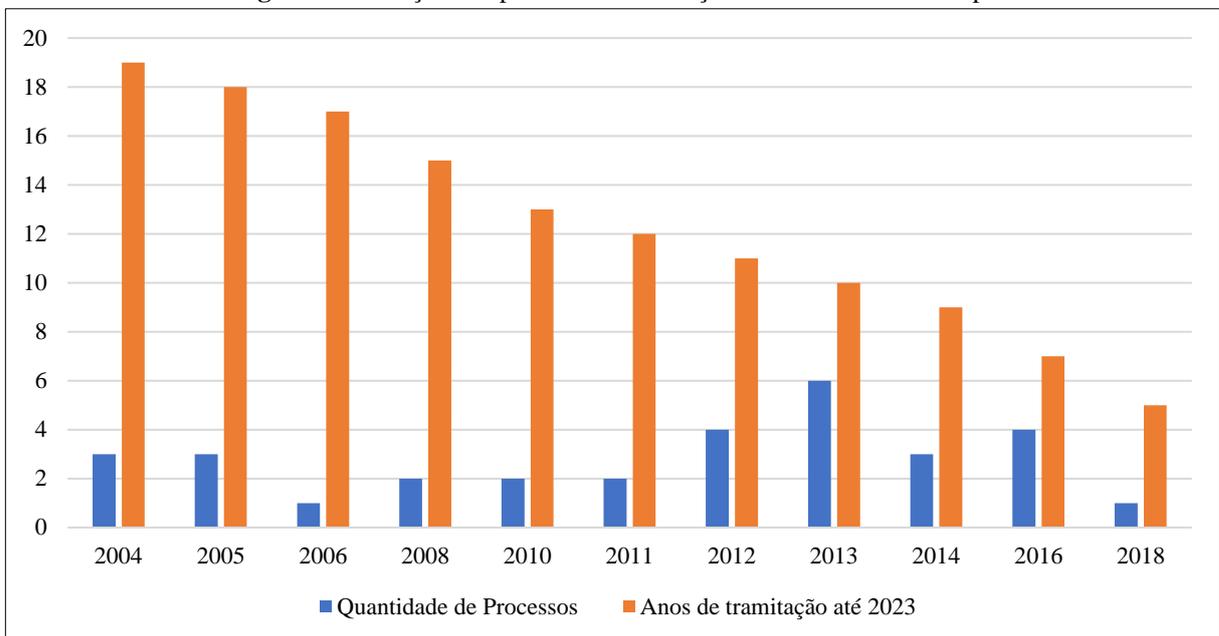
Fonte: INCRA/DFQ. Organizado pela autora (2023).

²⁵ Quadro geral de Títulos expedidos entre 1995 a 2023 no site do Incra. Data da última atualização feita pelo INCRA/DFQ (11/08/2023). Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/Andamento_datitulao_quilombola_11.08.2023.pdf

Ao observarmos a figura 22, a comunidade quilombola de Cunani no município de Oiapoque deu entrada no processo de titulação de suas terras em 2004 e até o momento ainda não tem suas terras asseguradas como prever o Art. 68 da Constituição Federal de 1988. Um longo processo de espera está destinado a esse grupo o que se assemelha ao lento e gradual processo de libertação dos escravizados, quando a legislação lhes negava o acesso à terra, considerando como crime a ocupação da mesma (TRECCANI, 2006).

Para melhor dimensão do longo período de espera a qual se submetem os quilombolas para obterem o título definitivo de suas terras, considere o gráfico a seguir:

Figura 23. Duração dos processos de titulação abertos no Incra Amapá



Fonte: INCRA/DFQ. Elaborado pela autora (2023).

De acordo com o gráfico da figura 23, os processos mais antigos foram abertos no ano de 2004 e já completaram 19 anos de tramitação. Os dados nos dizem que no ano de 2004, três comunidades quilombolas fizeram a abertura do processo que dura até os dias atuais. Em 2005, mais três comunidades quilombolas fizeram a abertura do processo e também aguardam há 18 anos e assim seguem os números da espera. De acordo com a escala decrescente observados no gráfico, nos anos subseqüentes de 2006, 2008, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2016 e 2018 são 17,15,13,12,11,10,9,7, e 5 anos respectivamente de espera. Considerando que esses processos ainda estão abertos, o tempo de espera ainda vai aumentar.

Apesar do alongado trâmite do processo junto ao Incra (de 15 a 20 anos) para sua conclusão, uma outra causa existe e é salutar e reside exatamente nas referidas formas como raça e terra foram historicamente tratadas no Brasil pelas elites dominantes (GOMES, 2009, p.

21). Para o historiador Flávio Gomes, em entrevista concedida ao Jornal Folha de S. Paulo em 11 de agosto de 2023, os quilombos precisam ser vistos como questão agrária mais ampla, o reconhecimento dessas comunidades significa repensar a estrutura fundiária brasileira:

O Estado tem dificuldade de reconhecer as questões que atravessam as dimensões raciais. Os quilombolas não são só descendentes de escravizados. Os quilombolas são negros. Eles não são só sem-terra, são negros. Isso gera uma certa dificuldade do Estado, dos governos e da sociedade brasileira. Tem uma pressão do mundo agrário brasileiro, grandes fazendeiros. Mas não é só do agronegócio. Inclusive, tem partes dos quilombos hoje que estão em terras públicas. O Estado brasileiro teria que ter uma compreensão. [...] a existência das comunidades hoje rurais coloca em xeque um modelo de capitalismo, na medida em que se tem comunidades negras, com acesso à terra, com economia extrativista, com manejo (Flávio dos Santos Gomes,²⁶ 2023).

Com relação as comunidades do Curiaú, uma vez de posse da titulação de suas terras, tais comunidades seguem com a preocupação da permanência de suas territorialidades, porque o poder público não as auxilia na defesa de seus territórios²⁷ (BRITO; BASTOS; BASTOS, 2022). Mesmo depois de terem suas terras tituladas os quilombolas do Curiaú, precisam continuar no *front* da batalha contra as constantes ameaças da perda de território, face ao grande interesse pelas terras do cerrado amapaense.

Sobre essa ameaça de perda da territorialidade²⁸ Brito; Bastos; Bastos, (2022) asseveram:

Embora o direito seja líquido e certo e os comunitários tenham conhecimento desta prerrogativa constitucional, infraconstitucional, e de acordos internacionais a respeito desta matéria, as dificuldades de regulamentar a área são intensos. A morosidade na concretização legal da comunidade como território quilombola a torna vulnerável, principalmente com relação à pressão antrópica advinda da plantação da soja no cerrado amapaense (BRITO; BASTOS; BASTOS, 2022, p. 14).

²⁶ Trecho de entrevista concedida por Flávio Gomes para Folha de S. Paulo em 26 de março de 2023. Entrevista completa disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/quilombos-precisam-ser-vistos-como-questao-agraria-mais-ampla-diz-historiador.shtml>

²⁷ O território para Rogério Haesbaert (2002) é relacional, ligado ao movimento e às conexões e engloba as dimensões biológica/natural, política (das relações de poder), cultural-simbólica e econômica. Para melhor compreensão do conceito de território ver HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: *Território Territórios*. Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói: UFF/AGB, 2002. p. 17-38.

²⁸ A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2007, p. 22). Cf. Haesbaert, R. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/8731>. É importante definir territorialização para entender território e territorialidade, assim, territorialização indica, enquanto conceito explicativo bastante difundido por Haesbaert (2004), o enraizamento e identificação de um grupo, organização ou indivíduo com um território, tanto em termos políticos, econômicos, mais materiais, quanto em termos culturais e simbólicos, fortemente imateriais. Cf. HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Para além da cultura da soja que vem sendo desenvolvida no entorno das comunidades quilombolas como é o caso da comunidade do Rosa em Macapá, o que causa grande expectativa de perda territorial (BRITO; BASTOS; BASTOS, 2022), há os casos de sobreposição de quilombo como é o caso do Parque Nacional do Cabo Orange (PNCO), criado em 1980 que sobrepõe Cunani no Oiapoque:

A situação do PNCO que sobrepõe o quilombo do Cunani no Amapá expõe o impasse entre os órgãos jurídicos das principais autarquias envolvidas no conflito: INCRA e ICMBio.²⁹ O processo de regularização fundiária da comunidade de Cunani tramita desde 2004. O INCRA não concluiu o processo de regularização das terras quilombolas, porque parte da terra pleiteada pela Associação dos Moradores Remanescentes Quilombolas de Cunani (AMRQC) o equivalente a 36.342 hectares, desta área, 21.970 ha está sobreposto pelo PNCO (TRINDADE, 2015, p. 63).

Por ser o Quilombo do Curiaú um lugar constantemente assediado pela especulação imobiliária, invasão da capital Macapá, em busca de terras para criação de novos bairros e local de lazer, tem gerado nos últimos tempos nos seus moradores o sentimento de desterritorialização. Segundo Marin et al. (2010), o território quilombola do Curiaú já haveria compreendido uma área de aproximadamente 16.000 ha, o que corresponde a um tamanho cinco vezes maior do que seu tamanho atual. A diferença entre as duas áreas representa 12.679 ha, que teriam sido palco das perdas territoriais que estes sofreram pelo menos nos últimos vinte anos.

O atual Curiaú corresponde restritivamente a uma superfície de 16.000 ha. Familiares do grupo que viviam na casa grande venderam a pequenos e médios fazendeiros seus direitos de posse. No trajeto da denominada Caduforno até São Francisco da Casa Grande observam-se as cercas das fazendas [...]. As terras do Curiaú estão rodeadas por conjuntos (Brasil Novo), bairros (Novo Horizonte) e “invasões” como a conhecida Capilândia [...]. De outro lado, encontram-se muito próximas as “bonitas fazendas” e residências de luxo de empresários, funcionários e autoridades públicas. Oito fazendeiros algum tempo atrás adquiriram direitos nas extremas do Curiaú, conforme nos informou o presidente da associação dos moradores pelo que esperam receber indenização, no ato de proceder-se à titulação solicitada pelo grupo, [...] as memórias sobre experiências de deslocamento do grupo negro referem-se a um território mais amplo, progressivamente incorporado no mundo das suas relações sociais ao longo do tempo. Recordam Campina Grande, Matapi, Ilha dos Porcos, Igarapé dos Lagos, Pedreira, Lago Novo, Maruanú, Lagoa dos índios, Passo dos bois, Engenho, Matagal, Ilha do Pará, Mazagão ou atravessando o Canal Norte, atingiram lugares da ilha do Marajó (Afuá, Anajás, Portel). Todos eles formam pontos de referência para as trocas econômicas, culturais (festas) e simbólicas (casamentos) dos moradores do Curiaú [...] (MARIN, 1997, p. 42).

²⁹ Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, autarquia responsável por gerir, proteger, monitorar e fiscalizar as 335 Unidades de Conservação federais existentes em todo o país.

Relativamente ao processo de desterritorialização vivenciado pelo Quilombo do Curiaú podemos relacioná-lo a vários fatores que vão da simples venda de terras (antes da titulação) por parte de alguns moradores bem como às ações de Estado no tocante a implementação de políticas socioambientais como é o caso da sobreposição da APA do Rio Curiaú ao Quilombo do Curiaú e ao crescimento demográfico da zona norte da cidade de Macapá. À medida em que a cidade de Macapá se expandiu, criou-se o movimento de avanço às terras quilombolas do Curiaú.

O crescimento populacional da cidade de Macapá provocou uma concentração de áreas consideradas ainda rurais, pressionando cada vez mais os recursos em especial os localizados em áreas de terras firmes e de várzea como as do Curiaú. Dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam para o período de 1991 a 2000, o estado do Amapá como o que apresenta a mais alta taxa de crescimento demográfico do país na década de 1990, correspondente a 64,42% (MARIN et al., 2010, p. 175-176).

Na visão de Queiroz (2007), as perdas territoriais ocorridas no Curiaú comprometem os recursos naturais necessários para a sobrevivências das famílias. A área de ocupação do entorno do quilombo (Figura 24) compromete também o modo de viver das famílias que passam a conviver com a ameaça de perdas materiais e simbólicas no seu território.

Figura 24. A circunvizinhança do Quilombolo do Curiaú



Fonte: (QUEIROZ, 2007, p. 61).

Consta, que para os quilombolas suas terras são o seu bem maior, são imperativas na construção e manutenção das identidades e modos de sobrevivência peculiares. Para estas, o território é, ao mesmo tempo, um recurso ou instrumento de poder e um valor, valor este que vai além do simples valor de uso ou de troca, estendendo-se pela valorização simbólica, identidade-existencial (HAESBAERT, 2003, p. 15 apud BONNEMAISON; CAMBREZY, 1996).

Concisamente, este primeiro capítulo foi um *layout* da formação histórica, e dimensão social, econômica e cultural do Quilombo do Curiaú. Através dele foi possível entrar em contato com o universo da ancestralidade negra deste grupo marcado por uma trajetória de luta pelo direito à terra e de nela permanecer, ou seja, de ficarem onde sempre estiveram. As terras tradicionalmente ocupadas, as formas de uso dos recursos, a organização social e cultural dos agentes sociais, estão em primeiro plano quando se examina as disputas sociais e ambientais dos povos quilombolas (MARIN et al. 2012). Para esta autora, é bem fácil enxergar essas tensões principalmente porque se tem como:

Agente e campo antagônico os megaprojetos econômicos (agronegócio, mineração, turismo) e as políticas – a exemplo das ambientais e de energia- que destinam os territórios para finalidades do crescimento econômico, de expansão do mercado de terra e da denominada “economia verde” ou ambientalismo empresarial (MARIN et al., 2012, p. 23).

É sabido, que os territórios quilombolas são de longe os locais com maior conservação da natureza não por acaso, mas por se constituírem como agrupamentos de pessoas cujo fundamento de interação com o meio ambiente não está voltado para fins meramente econômicos (DIAS; OLIVEIRA, 2021).

Para Arruda (2005):

Sob o ponto de vista empírico, pode-se afirmar que populações tradicionais são aquelas que se baseiam no trabalho familiar, visando principalmente o próprio sustento o que não quer dizer que elas não estejam vinculadas de algum modo ao mercado. Essas comunidades se utilizam das chamadas tecnologias de baixo impacto, como o extrativismo, a pesca e a lavoura de pequena escala.

A natureza para essas comunidades quilombolas é vista como sujeito e não objeto. A agricultura, por exemplo, é um construto de identidade. A impossibilidade de produzir seus próprios alimentos faz com que essas comunidades se sintam deslocadas. De acordo com os dados da CONAQ³⁰ até 1960 as comunidades quilombolas produziam tudo o que consumiam.

³⁰ Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.

Da cidade precisavam apenas de tecidos para roupa, querosene para lamparinas, fósforos e sal, hoje a realidade é bem diferente.

Em síntese, a ameaça constante da perda de território, somado ao conjunto de leis protecionistas modificaram/interferiram drasticamente nos modos étnicos e identitários da comunidade quilombola do Curiaú. Fato este, que tem impulsionado a comunidade ao longo dos tempos a adotar estratégias/táticas de resistência ora devido ao intrusamento de seu território causado pela expansão urbana da cidade de Macapá, ora pela sobreposição da APA do Rio Curiaú sobre suas terras.

O que se ver, portanto, é uma rede de poderes, envolvendo órgãos públicos e interesses privados (grandes proprietários e suas entidades de representação) “numa coalizão estigmatizante que impõe um poder de controle sobre o grupo marcado que é desprovido de direitos e de reconhecimento como sujeitos de direitos” (MARIN et al., 2012, p. 15).

2. AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, OS SABERES LOCAIS E AS TRADIÇÕES DO CURIAÚ

Muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas.
(HOBSBAWM, 1997).

Em quilombos com longa tradição de ocupação, como é caso do Quilombo do Curiaú que há mais de dois séculos ocupa um território cercado por “rios e lagos exuberantes, contornados por campos inundáveis, floresta de várzea, ilhas de matas, mata de galeria” (CAMPOS, 2011, p. 58), as tradições, os hábitos e os costumes revelam aspectos de sua cultura material. E como se sabe, a existência dos quilombolas do Curiaú traspassa “nove gerações” (SILVA, 2022, p. 70) “cada uma acrescentando elementos específicos de uma experiência social de ocupação e de permanência no território” (MARIN; CASTRO, 2004, p. 167).

A proposta desse capítulo é compreender as manifestações culturais, os saberes locais e as tradições dos quilombolas do Curiaú ao longo das gerações na identificação da sua forma de convivência e seus hábitos de trabalho. Evidenciaremos o processo de cercamento que ensejou na redução do território do quilombo na atualidade e como tal processo se colocou como um grande “impedimento à sua reprodução social, cultural e alimentar” (MARIN et al., 2012, p. 91).

Antes de tudo, discorreremos sobre as formulações conceituais de Hobsbawm acerca da tradição. Em sua obra intitulada “*A invenção das tradições*”, Hobsbawm se volta essencialmente para a análise do nacionalismo. No entanto, suas ideias podem ser replicadas para vários contextos como cultura, moral, poder, religião entre outros. Neste corpo de pesquisa, a partir deste capítulo, utilizaremos o conceito de tradição e suas características para conduzir nossas reflexões sobre as tradições do Curiaú, o modo como se estabeleceram e quais e como são utilizadas pela comunidade quilombola dos primórdios até o tempo presente.

Para Hobsbawm, apesar de existirem tradições genuínas a maioria delas são inventadas. “O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez” (HOBSBAWM, 1997, p. 9).

Hobsbawm disponibiliza para seus leitores em “*A invenção das tradições*”, o conceito

de “tradição inventada” como:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado. [...] na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante superficial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive as inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição (HOBSBAWM, 1997, p. 9-10).

Na visão de Hobsbawm, existe uma diferença entre costume, hábito e tradição. Costume e hábito são menos contumazes que a tradição. O costume é consubstanciado muitas vezes pela rotina que uma vez formalizada, facilita a transmissão do costume que se transforma em hábito, mas que ainda assim são bem diferentes das tradições as quais “ocupam um lugar diametralmente opostos às convenções ou rotinas pragmáticas” (HOBSBAWM, 1997).

Assim, a tradição se revela como algo de alcance mais universal ao passo que o costume não tem a longevidade e a característica de se impor com impetuosidade sobre as coisas que a tradição tem. Nesse sentido, podemos dizer que a tradição gera identidade, pois permite que uma pessoa se ligue a algo maior. Segundo Hall, essa identidade opera determinando quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário:

[...] a identidade é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa função que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão (HALL, 2005, p. 106).

Para Hall, a identidade é sempre fixa e imutável, muito embora não seja unificada e contradizente em seu interior, negocia, constrói e engendra convergência no âmbito coletivo e individual:

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’ (HALL, 2005, p. 111-112).

Desse modo, admite-se que a tradição gera identidade, que resulta de um acordo, uma sintonia social. É a partir dessa concepção, que trataremos as tradições do Curiaú, como tradições que estabelecem ou simbolizam a coesão social de uma determinada comunidade (HOBSBAWN,1997). Como vimos a tradição tem a função de homogeneizar social e culturalmente uma comunidade ou nação, isso se deve a existência de fatores comuns entre um grupo de pessoas tais como: língua, costumes, hábitos e práticas religiosas.

No Quilombo do Curiaú, o surgimento de uma nova tradição relaciona-se com a história da criação da Vila que apresenta uma certa incongruência: “afinal, foi a colonização e a perversidade exercida pela escravidão ou foi a beleza e fertilidade do lugar que conduziram os negros escravizados à área da Vila?” indaga Nezilda Campos ao escrever sobre o Curiaú (CAMPOS, 2002).

Para esta pergunta a autora responde:

[...] foram os horrores da escravidão e colonização que os negros oriundos do Mazagão Velho, hoje município de Mazagão, fugiram dos maus tratos sofridos na época da construção da Fortaleza de São José de Macapá, resolvendo então formar um “núcleo integrado”, mas ao mesmo tempo, considera que essa formação deve-se ao fascínio que a fertilidade do lugar exercera sobre os escravizados (CAMPOS, 2002, p. 61).

Considerando esses dois aspectos sobre a gênese do Quilombo do Curiaú, podemos dizer que a concepção antropológica sobre quilombo, mais tarde (por volta da titulação das terras realizada pela Fundação Palmares em 1999), vai oferecer um elemento homogeneizador para essa questão. Vai acomodar os dois aspectos da origem do lugar em um: uma comunidade remanescente de quilombo. Ressalta-se que por remanescente de quilombo entende-se por:

[...] grupos sociais que compartilham uma identidade que os distingue dos demais. A identidade étnica pode estar baseada em diversos fatores, como a auto classificação, uma ancestralidade comum, uma estrutura de organização política própria, um sistema de produção particular (incluem-se aí as formas específicas de exploração e relacionamento com a terra), em características raciais, em elementos linguísticos e religiosos, ou em símbolos específicos (ANDRADE; TRECCANI, 2000, p. 4).

Dessa forma, é possível afirmar que no momento em que ocorre essa “acomodação da criação da Vila do Curiaú em razão do reconhecimento da remanescência quilombola ocorre a atualização da memória coletiva o que garante a legitimidade de suas tradições” (ANDRADE; TRECCANI, 2000). Assim, é válido dizer que estamos diante de uma nova tradição no Curiaú, harmoniza-se com esta afirmação, Oliveira ao inferir que:

Tal acomodação não incidiu, no entanto, exatamente sob a narrativa fundante da vida curiauíense, que permanece a mesma, cuja temática refere-se à herança das terras por escravos, cujo senhor, por não ter herdeiros, deixou-as para seus escravos que, coincidentemente, eram irmãos. Mas a mudança identificada

localiza-se sobre a memória da sua organização social e política, isto é, estabelece-se uma nova memória sobre sua organização social. Por todo esse processo de influências externas e acomodações internas apostamos na construção de uma nova tradição em Curiaú, na perspectiva discutida por Hobsbawm, que se alicerça justamente na memória que se ancora num passado histórico possível (OLIVEIRA, 2006, p. 36).

2.1. As tradições, hábitos e costumes do Curiaú

No livro *Curiaú sua vida sua história* (2000), Sebastião Menezes da Silva, afirma que os atos religiosos nos tempos de início do Curiaú eram rarefeitos por causa da inexistência de padre no local, por isso, “não eram comuns os casamentos religiosos e os batismos” (SILVA, 2000, p. 21).

Para Silva (2000) existia:

Um certo espírito de destruição pela geração mais nova. Conta-se que os pais não se preocupavam muito com os filhos, e estes chegavam a estragar as riquezas naturais: pegavam pirarucu até no verão, matavam caça para desperdiçar, ateavam fogo nos ninhos de jacarés, destruíam a dormida dos pássaros e outras. Era comum na época, homens e mulheres andarem nus aos 20 anos, por falta de roupas. A única preocupação dos pais para com os filhos, era ensinar as orações (SILVA, 2000, p. 21).

Percebemos em Silva (2000) que, desde os primórdios do Curiaú, as preocupações e ocupações com o sagrado e o transcendente fizeram parte da rotina dos moradores, hábitos que aos poucos tornaram-se em tradição no lugar. “Tudo começou quando Francisco Inácio³¹ pensou em uma maneira para divertir o povo. Adquiriu um Santo e deu-lhe o nome de São Joaquim” (SILVA, 2000, p. 21).

Passaram nove noites festejando o santo com muita comida, que era caça, feita com cachorros. A cutia era o prato preferido para o jantar. A folia do santo tinha como mestre sala (responsável), Francisco Inácio; mestre bandeira, Benedito Ramos e como tamborista, Pedro Hó, entre outros instrumentistas que no momento, não consta na lembrança (SILVA, 2000, p. 21).

De acordo com Silva (2000) “eram 18 os componentes da comissão de folia que se realizava na famosa Casa Grande com forte Batuque”:

Quando surgiu a festa, uns dos cantadores de ladrão (versos) era o velho Francisco do Rosário, o que cantava: “Maria andô, Maria andô” e “botava” versos inspirados no preparo da roça “vem chegando o janeiro para grande consumição, andar com pau nas costas e fazer buraco no chão” (referente ao plantio da maniva). A festa de São Joaquim foi ganhando divulgação e as pessoas começaram a ter mais cuidado com a aparência pessoal e passaram a comprar roupas para se vestirem melhor, mas não havia quem confeccionasse

³¹ Francisco Inácio, um escravizado que a procura de mel acabou descobrindo o Curiaú - um lugar bom de viver e propício para criações (SILVA, 2004, p. 9).

com rapidez na semana que iria começar a festa. Angela Capão comprou a primeira máquina de costura (SILVA, 2000, p. 21-22).

O ato de costurar logo se transformou em ofício dentro da comunidade que perdura até os dias de hoje. Ofício que se iniciou com Angela Capão e hoje, segue com Esmeraldina dos Santos,³² que dentre outras ocupações, continua a manter o legado de costurar roupas típicas do Batuque e Marabaixo (Figura 25) danças tradicionais do Quilombo do Curiaú em que as dançadeiras³³ usam trajes típicos.

Videira (2010) descreve esse traje típico:

O traje típico do batuque é simples, compõem-se para as mulheres de: anágua, saia rodada com motivos florais e/ou de tecido liso, confeccionada com pala ou elástico na cintura que é mais usado pelas crianças e adolescentes com bordado inglês ou renda na sua barra; blusa branca ou da cor do tecido da saia com folho sobre o ombro e enfeitada com bordado inglês ou renda na ponta; toalha sobre o ombro, sandália baixa, flor artificial no cabelo, colares, argolas e pulseiras para realçarem a beleza das dançadeiras. Os homens idosos, usam sapato fechado e ou alpercata, calça branca, camisa manga três/quartos para dentro da calça de cores variadas, chapéu de palha (VIDEIRA, 2010, p. 143-144).

Sobre a necessidade do uso de roupas típicas, ou vestimentas específicas, geralmente coloridas nas danças do Batuque e do Marabaixo, Foucault (2013) oferece-nos uma compreensão ao dizer que as intervenções realizadas pelas pessoas em seus corpos como o ato de tatuar-se, maquiagem-se dentre outros, permite ao “corpo se conectar com os poderes e forças invisíveis”:

A vestimenta sagrada, ou profana, religiosa ou civil faz com que o indivíduo entre no espaço fechado do religioso ou na rede invisível da sociedade, veremos então que tudo o que concerne ao corpo – desenho, cor, coroa, tiara, vestimenta, uniforme – tudo isso faz desabrochar, de forma sensível e matizada, as utopias seladas no corpo (FOUCAULT, 2013, p. 13).

Foucault considera a relação corpo e ambiente quando em seus discursos afirma que o corpo protagoniza utopias para além da matéria e finitude física, “para suportar a condenação nascem as utopias” (FOUCAULT, 2013, p. 8). Para este teórico social, as vestimentas, as tatuagens “fazem do corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará [...]... com o universo do outro” (FOUCAULT, 2013, p. 12).

³² Sobre Esmeraldina dos Santos, ver apresentação completa na pág. 94, figura 46.

³³ As mulheres dançadeiras emprestam ao evento o colorido de suas roupas e a graciosidade de seus movimentos que dão alegria e beleza à roda de batuque/marabaixo. Em passos curtos, acompanhando o movimento giratório da roda, vez ou outra, giram em torno de si mesmas, causando um singular efeito visual, sobretudo pelo balanço de suas rodadas e alegremente floridas saias (OLIVEIRA, 2006, p. 48).

Figura 25. Esmeraldina dos Santos no ofício da costura na Maloca da Tia Chiquinha



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

A figura 25, mostra Esmeraldina dos Santos, que mora no Curiaú de Fora e está todos os sábados e domingos no Centro Cultural que outrora se chamou Centro Cultural Raízes do Bolão, hoje Centro Cultural Tia Chiquinha (Figura 26) onde se encontra a Maloca da Tia Chiquinha nome dado em homenagem a sua genitora.

Figura 26. Frontispício do Centro Cultural Tia Chiquinha – Curiaú de Fora



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

O Centro Cultural Tia Chiquinha (Figura 26) foi construído pela genitora de Esmeraldina dos Santos, a Tia Chiquinha,³⁴ que o nomeou de Centro Cultural Raízes do Bolão. Hoje o local se chama Centro Cultural Tia Chiquinha em homenagem a sua fundadora. Este centro cultural, é um espaço aberto onde se encontra a Maloca da Tia Chiquinha destinado à realização de eventos como: rodas de Batuque, batizados, aniversários, rodas de conversas e demais atividades culturais do Quilombo do Curiaú.

Consta que a tradição das festas aos santos do Quilombo do Curiaú começou quando, “vestindo-se melhor, as pessoas consideraram que podiam sair pelas comunidades mais próximas com o santo, ganhando donativos e foram tantos os donativos que deu para se constituir uma criação” (SILVA, 2000, p. 22). “Com a divulgação da festa em todo o território, a presença de gente de todas as partes se fez sentir. Para alimentar essa multidão, matavam de nove a dezoito bois e ainda era insuficiente” (SILVA, 2000, p. 23).

Percebe-se que o aspecto religioso é um marco no Quilombo do Curiaú, confirmando o que diz Santos et al., (2020) “as comunidades tradicionais da Amazônia, entre elas as remanescentes de quilombo, são fortemente influenciadas em sua dimensão religiosa, por elementos do catolicismo popular, expresso por meio da devoção e festividades aos santos” (SANTOS, et al., 2020, p. 183). “A religião de um povo, a par de suas motivações psicológicas, mostra em suas instituições, como no processo de sua evolução, a influência de causas de natureza histórica e social” (GALVÃO, 1955, p. 4).

No Quilombo do Curiaú, a devoção aos santos católicos é fortemente demonstrada por meio das festas que ocorrem durante o ano todo. “Sua religiosidade é expressa por meio de uma rica simbologia que mistura ritos afro-brasileiros com rituais de religião católica” (TRINDADE, 2015, p. 27). “Ao fazer as festividades dos santos, a comunidade é obrigada a rezar as ladainhas e oferecê-las aos mesmos, como uma forma de agradecimento” (SILVA, 2004).

Após as ladainhas, ocorrem as manifestações do Batuque ou Marabaixo, dependendo da época e os meses dessas manifestações. Segundo Silva,³⁵ o calendário de festa se organiza assim:

³⁴ Tia Chiquinha, falecida em 2015 aos 94 anos, tinha como nome de batismo Francisca Ramos dos Santos, mas ficou conhecida como Tia Chiquinha. Matriarca do Quilombo do Curiaú, mãe de Esmeraldina dos Santos foi uma das vanguardistas da cultura do Batuque e do Marabaixo no estado e por quase um século referendou as tradições folclóricas do Quilombo do Curiaú.

³⁵ Para este autor todos os festejos aos santos ocorrem com festa folclórica, em outras palavras, eles acontecem com as apresentações do Batuque e Marabaixo. Cf. SILVA, Sebastião Menezes da. *Curiaú: a resistência de um povo*. Macapá/AP: SEMA, 2004. 94 p.

O forte da comunidade é o Batuque, que começa em janeiro, festejando São Sebastião nos dias 19 e 20; São Lázaro nos dias 10 e 12 de fevereiro. Depois chega o tempo do Marabaixo, que a comunidade festeja de 30 e 31 de maio em louvor a Santa Maria. Volta novamente o tempo do Batuque no mês de junho, nos dias 12 e 14 para Santo Antonio. Em agosto, de 9 a 19 festeja-se São Joaquim. Dezembro de 7 a 9, em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Dias 20 a 22 é para São Tomé. (SILVA, 2004, p. 28).

“A festa de São Joaquim é a mais destacada no Curiaú” Silva (2004) por se tratar do santo padroeiro do local. A festa já ocorre tradicionalmente há mais de duzentos anos e é a única que compõe a folia, cantada e acompanhada com vários instrumentos:

Acompanhados do mestre-sala, que toca uma campá, há um tambor, três pandeiros, duas violas, cinco reco-reco e três chocalhos. O ritual compõe-se de duas bandeiras brancas, uma ao lado da outra ao lado esquerdo do mestre-sala, que simbolicamente castiga os foliões, os quais que, de uma forma ou de outra, infringiram a tradição de costumes do regulamento. Isso ocorrendo, no decorrer de suas obrigações para o santo, automaticamente, o mestre-sala dá a ordem de comando aos responsáveis pelas bandeiras que soltam as flâmulas das mesmas em cima do folião que ali está ajoelhado. Feito isso, o mesmo é obrigado a rezar até o mestre-sala dar o sinal de levantar. É um castigo que todos os foliões têm receio ou medo de serem abordados nesse momento. Sentem vergonha de enfrentar uma grande multidão e às vezes não sabem e não entendem a razão daquela situação. O respeito é tão grande que no momento ninguém questiona. É certo que pela tradição, os foliões são obrigados a aceitar. A dificuldade é discutir os fatos ocorridos. Alguns foliões que recebem o castigo ficam chateados com seus próprios companheiros [...] mas, até hoje existe respeito com as palavras e atitudes dos foliões mais velhos, com o domínio sobre os mais novos. [...] Para se tornar folião, a pessoa ou faz promessa para São Joaquim ou é a sua vontade de ser. Pede para o mestre-sala ele avalia a família e a conduta do elemento. O candidato folião tem que seguir algumas normas e tarefas e ainda é testado (SILVA, 2004, p. 29-30).

Figura 27. Pedido de perdão coletivo na Festa de São Joaquim no Curiaú



Fonte: Gabriel Penha/Arquivo/G1-AP. Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/08/07/festa-de-sao-joaquim-retorna-em-2021-com-novena-e-batuque-para-quilombolas-vacinados.ghtml>

A figura 27, retrata o momento do pedido do perdão coletivo. O momento sacro da festa: as ladainhas. As ladainhas são sempre comandadas pelos grupos de foliões. Para Galvão, “as ladainhas, mais comumente sob a forma de novena, são em geral realizadas em pagamento de uma promessa”. Os santos,³⁶ podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquele, sua parte do contrato, o santo fará o mesmo (GALVÃO, 1955 p. 42).

Sobre o pedido de perdão coletivo Videira expõe:

Todos os devotos do padroeiro advertem: “Não se deve brincar com São Joaquim!” Por isso até a *Corte afro-religiosa* na reza da folia e da ladainha na véspera do dia do padroeiro, pedem perdão coletivamente. Esse ato acontece após o “festejo afro-religioso de descida da bandeira do santo” às 18h00, momento em que os “tocadores” ajoelham-se coletivamente em ato de penitência, para rezarem, um “Credo”, um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria” e pedirem perdão pelos atos falhos que cometeram durante a realização do Batuque do santo (VIDEIRA, 2010, p. 149).

No entanto, vale ressaltar que surgiram mudanças, “o baile que era tocado com instrumentos, hoje é por aparelhagem eletrônica, o mastro da bandeira, um tambor chamado de “macaco” e uma campainha são os únicos materiais originais existentes atualmente na comunidade” (SILVA, 2000, p. 22). Houvera um tempo em que no período da semana santa, um período de manifestação católica, mas igualmente celebrado no Curiaú que:

O respeito era tão grande pela Semana Santa, que as pessoas não faziam nenhuma atividade que viesse a desrespeitar a lei, rezavam muito, pediam perdão de seus genitores. De quinta para sexta-feira, contavam “causos” e “jogavam” adivinhações que eram de costume do povo. Os contadores de estórias eram Ademar dos Santos, Francisco Silvano da Silva, José Sofia e Raimundo Ramos (SILVA, 2000, p. 23).

Sebastião Menezes da Silva em seu livro *Curiaú sua vida sua história*, narra que certos costumes do passado, causos, crendices e superstições fazem parte do imaginário curiauíense:

- Costumes: A “lei” era muito rigorosa. Os velhos davam nos filhos dos outros nem que corresse para debaixo da saia da mãe, e depois de surrado, a pessoa apanhava, desta vez dos pais.

- Crendices: Os velhos tinham por “busão” uma coisa muito certa “sereno embaixo é sol que racha”. No verão eles colocavam na roça sete pacotinhos de sal que correspondiam aos meses de janeiro a julho e marcavam no toco

³⁶ O catolicismo do caboclo amazônico é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de “santos de devoção” identificados à comunidade. O culto e os festivais organizados em honra desses santos são organizados pela freguesia na maior parte das vezes, o dia de festa não coincide com o calendário oficial da igreja católica, ou o próprio calendário local das outras comunidades dedicadas aos mesmos santos. (GALVÃO, 1955, p. 4). Sobre “a devoção aos santos padroeiros”, ver GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. 196 p.

das roças. O pacote que ficasse mais molhado seria o mês mais chuvoso (SILVA, 2000, p. 28).

- Superstições: Dividindo os dois Curiaús, existia uma mata onde os escravos fizeram uma picada. Conta-se que ali existia um fantasma que surrava as pessoas. Era crença que este fantasma eram os mortos que voltavam à terra. Daí quando começou a morrer gente, eles fizeram um cemitério muito longe, existente até hoje.

- Causos: Severo, o mais corajoso caçador de onças, matou uma onça tão grande que ele mesmo ficou assustado, ao ponto de não acertar fazer um cigarro.

Onças tinham muitas, mas somente uma pessoa de nome Zidário foi atacado e comido por animais dessa espécie. Os maiores mariscadores eram Jesinaldo e Silvério.

Certa vez mataram um pirarucu, que a escama deste peixe dava para colocar na boca de um pote ou barril. Fala-se também que eles mataram um jacaré tão grande que ninguém podia sequer com um braço do animal.

Existe um poço chamado buritizal, que 07 de setembro, ao meio dia, aparecia uma árvore e um soldado no meio do mesmo, como um fantasma que até hoje ninguém explica.

O igarapé também resistiu à seca e lá existia o tal “carrega” (fantasma) que todas as marés de verão, carregava todo o mururé para um banco de areia em frente à passagem, de modo que as pessoas pisavam em cima e não molhavam os pés. Até hoje o local é chamado de passagem.

Naquela época, não existia espingarda: onça vinha pegar animais perto de casa, e ninguém comia pássaros por falta de arma de fogo. Conta-se que com um rifle, ele atirava em um limão na boca da garrafa, sem feri-la. [Severo, o caçador de onça] (SILVA, 2000, p. 28-29).

No seu livro intitulado *A Onça*, publicado em 2020, Esmeraldina dos Santos, moradora e escritora do Quilombo do Curiaú, conta-nos a seguinte história:

Era uma noite de lua cheia, estávamos em família apreciando o luar. De repente, ouvimos os bois do curral, os cachorros latindo e os cavalos relinchando. Meu filho sai para ver o que era e ele grita:

- Meu Deus! Pai, é uma onça. Chamo pelo meu compadre, que logo veio atender com sua carabina nas mãos. Sem saber o que era, o compadre perguntou:

- O que é compadre? Eu respondi:

- É uma onça. Ela estava sentada comendo minha criação e, ao ver a cena, me arrepiei de medo. Gritei pelo meu filho:

- João, diga à sua mãe para não chamar a televisão, que a onça vamos matar e não vamos deixar ela acabar com a nossa criação. Jamais sabia que minha cunhada estava ouvindo no portão; e ela saiu para dentro de casa com o telefone na mão, dizendo:

- Mande a televisão para cá, aqui próximo de casa estão caçando uma onça.

Quando olhamos para a estrada vimos um camburão e atrás dele a equipe de televisão. Logo depois, a juíza ambiental, que veio fazer averiguação, queria me levar para prisão. Ficamos todos assustados e saímos rumo à mata para nos esconder atrás de uma moita. Jamais pensando que onça também estava lá. O susto foi tão grande que um homem se borrou, a caça virou contra o caçador. Quando a onça esturrou, os latidos dos cachorros até se afinaram (SANTOS,³⁷ 2020, p. 7-21).

³⁷A autora revela que essa história aconteceu no Quilombo do Curiaú como consequência das queimadas e desmatamentos ocorridos no local.

No que diz respeito à reverência a semana santa, esta desapareceu com o passar do tempo, hoje só existe na lembrança dos mais velhos, um costume do passado que ficou no passado. Antes “as orientações da Igreja Católica eram rigorosamente cumpridas, tinham força de “lei” no quilombo (SILVA, 2000, p. 23). No entanto, apesar desse controle todo, sobre o que fazer e o não fazer, na semana santa ainda reservavam o lugar para a descontração como a contação de “causos” e adivinhações” (OLIVEIRA, 2006, p. 98).

Evidentemente, no Curiaú os costumes, os causos, as crendices e as superstições são elementos da sua cultura ligados ao local e juntos constituem a tradição oral, fator preponderante no quilombo, exercida principalmente pelos mais antigos e que ao longo do tempo sofrem eventuais mudanças. Sobre essas mudanças nos costumes Hobsbawm defini:

O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto [...] Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. [...] O “costume” não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais (HOBSBAWM, 1997, p. 10)

Já em relação às festas religiosas, Videira menciona que no Curiaú as celebrações afro-religiosas como as “ladainhas, folias, pagamento de promessas, missa e o cortejo afrodescendente e da brincadeira dança, matança de boi e degustação da comida, a aurora e a alvorada. Ambas as partes formam o Batuque e são realizadas no desenvolvimento da festa” (VIDEIRA, 2010, p. 123). O Batuque neste sentido, revela-se como elemento presente em todas as festas de santos realizadas no Quilombo do Curiaú, “as músicas³⁸ e os ritmos produzidos nessas festas tradicionais são tão originais quanto sugerem os seus nomes” (VIDEIRA, 2010, p.75). Sobre o que representa essas festas de santos para os quilombolas, Videira defini:

Para os descendentes do Quilombo essas festas são como uma “brincadeira” que os (as) deixa muito felizes e orgulhosos (as) de quem são e de seus ancestrais. Participar dos Batuques e Marabaixos representa, ainda, viver momentos valorosos no reencontro e compartilhar de emoções e aprendizados com seus familiares, parentes, amigos, conterrâneos e desfrutar de imensa fartura de comida – cozidão – regado a afrodisíaca gengibirra³⁹ distribuída em abundância nesses festejos (VIDEIRA, 2010, p. 117).

Nas conversas com os interlocutores da pesquisa, foi unânime a informação que as festas aos santos no quilombo remontam dois séculos, com destaque para a Festa de São Joaquim, o padroeiro do Quilombo do Curiaú. Dizem também, que gerações após gerações procuram manter a tradição realizando as mesmas práticas e orientações dos antepassados, ao

³⁸ Batuque e Marabaixo.

³⁹ Bebida tradicional da festa, cuja composição resulta de gengibre, cravo, cachaça, água e açúcar.

mesmo tempo, empregando mudanças⁴⁰ na organização, mas sempre sendo advertidos pelos mais antigos a não descaracterizarem muito a tradição pois isso, poderá desagradar o santo que poderá castigá-los. Sobre esse respeito à tradição, Videira afirma:

O respeito da comunidade do Cria-ú pelo *continuum* cultural, expresso nas festas de santo reforça a responsabilidade coletiva de salvaguardá-las com cuidado, carinho, amor e muita fé para que essa tradição local não desapareça com o falecimento dos moradores antigos do quilombo (VIDEIRA, 2010, p. 117).

Silva (2004) oferece-nos uma visão de como acontece o Batuque (Figura 28) no Quilombo do Curiaú:

O Ladrão Areia é o mais alegre e contagiante, incentivado por cachaça, cerveja e gengibirra. Foguetes estouram. Dificilmente as pessoas ficam só olhando, logo se misturam também para se divertir. Existe um momento especial no batuque: a aurora. É cantado um ladrão às cinco horas da manhã: “É vem, é vem, é vem, senhora a hora do dia é vem” ... E se repete várias e várias vezes. As pessoas ficam numa alegria geral. As que estão dormindo se acordam para se misturarem com as outras, para fortalecer o festejo. Elas sentem-se orgulhosas, com o sentimento de dever cumprido pelo fato de terem amanhecido no Batuque. Todos começam a contar vantagens e, com os cabelos despenteados, olhos murchos de uma longa noite de dança e festejo, estão todos num total cansaço (SILVA, 2004, p. 33).

Quando Silva (2004) qualifica o Batuque como alegre e contagiante é porque não reproduz em suas cantigas “o sofrimento e delações do tempo da escravidão e sim o arrefecimento da cultura africana e afro-brasileira nas terras do Amapá como símbolo de pertença e continuidade de tradições ancestrais marcadas por momentos de cortejos e comemorações” (COELHO; DINIZ, 2016, p. 140-141).

Enquanto no Marabaixo as danças lembram os negros acorrentados, com ritmo mais lento, no Batuque as danças são alegres, com ritmo mais acelerado (TARTAGLIA, p. 186). De um modo geral, quando se refere as “cantigas do Marabaixo, elas são denominadas de ladrão e as do Batuque de bandaias” (VIDEIRA, 2010, p. 78).

Sobre o emprego do termo ladrão, às cantigas de Marabaixo, nossa colaboradora da pesquisa Esmeraldina dos santos de 68 anos, filha de centenários do Quilombo do Curiaú, escritora local e compositora de ladrões de Marabaixo explica o porquê:

⁴⁰ As variações que ocorrem nas festas aos santos não necessariamente representam oposição aos rituais, mas demonstrações dos variados usos e apropriações dessas práticas culturais pelos devotos evidenciando a teia de representações definida por Roger Chartier “um instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1990, p. 22-24). Cf. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

O ladrão de Marabaixo é uma história. Eu comecei a entender, porque nem eu entendia o que era o ladrão de Marabaixo. O ladrão de Marabaixo, você conta uma história, você rouba a história de um amigo para contar em verso e prosa. Então, esse é o ladrão do Marabaixo. Você rouba a ideia, se de repente acontece uma coisa com ele ali, e é engraçado, mas ele fica com vergonha. Aí você, diz, eu vou fazer. Como aconteceu com o seu João Paulo e com o Laurindo Banha. O Laurindo Banha, ele fez o ladrão de Marabaixo, mas ele não teve coragem de cantar, porque o homem era maior que ele, ele deu para o meu pai. O meu pai cantou o ladrão de Marabaixo, até hoje a gente canta esse ladrão. É uma história o ladrão de Marabaixo gente (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Figura 28. Roda de Batuque no Quilombo do Curiaú



Fonte: SelesNafes.com - Disponível em: <https://selesnafes.com/2018/08/quilombo-do-curiaiu-homenageia-sao-joaquim/>

De fato, no Quilombo do Curiaú, semelhantemente ao que acontece por todo rincão amazônico, a fé e a devoção aos santos juntamente com a realização das festas em sua homenagem se revelam como traços característicos desta comunidade tradicional. Isso se traduz, tanto no calendário de festas que ocorre por todo ano (Figura 29) quanto nas celebrações semanais e aos domingos quando os fiéis se reúnem nas igrejas locais (Figura 30) para congregarem-se.

Figura 29. Calendário das festas tradicionais e religiosas do Quilombo do Curiaú

MÊS	MANIFESTAÇÃO CULTURAL	COMUNIDADE	FESTIVIDADE	DATA
Janeiro	Marabaixo	Curiaú	São Sebastião	20/01
Fevereiro	Batuque	Curiaú	São Lázaro	17 a 19
Abril	Marabaixo e Batuque.	Curiaú	Santo Expedito	19 a 20
Mai	Batuque	Curiaú	Santa Maria	30 a 31
Julho	Batuque	Curiaú	Santo Antônio	15 a 17
Agosto	Batuque	Curiaú	São Joaquim	09 a 19
Outubro	Marabaixo	Curiaú	São Benedito	14 e 15
Dezembro	Batuque	Curiaú	N.S. de Guadalupe	11 a 12
	Batuque	Curiaú	São Tomé	12

Fonte: Lei Nº 2.220, de 30 de agosto de 2017. Organizado pela autora (2023).

O calendário das festas tradicionais e religiosas apresentado na figura 28, foi extraído do anexo I da Lei nº 2.220 de 30/08/2017, publicada no Diário Oficial do Amapá nº 6514, de 30.08.2017. O Projeto de Lei nº 0059/17, que resultou na referida lei foi de iniciativa da Deputada Roseli Matos. Na ementa desta lei consta a seguinte redação: Criação do Calendário de eventos das festas tradicionais afro-amapaenses como o Marabaixo, Batuque,⁴¹ Zimba, Sairé, Matriz Africana e Capoeira. Assim, o calendário das festas religiosas do Curiaú foi instituído por lei.

As igrejas católicas (Figura 30) portanto, no transcurso do ano recebem os foliões e devotos em seus templos, pois as festas religiosas não podem deixar de acontecer, a parte profana é passível de cancelamento, mas a religiosa acontece estritamente. Corrobora com essa afirmação a colaboradora da pesquisa Núbia Lopes,⁴² professora do primeiro ao quinto ano da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio, que a partir da morte de seu pai, mudou-se do Quilombo Lagoa dos Índios para o Quilombo do Curiaú e até a presente data mora no Curiaú:

O nosso calendário começa em janeiro então, em janeiro tem a festa de Santo Antônio nessa festa de Santo Antônio ninguém abre mão de celebrar as nove noites de ladainhas. Aí fevereiro em todas elas nós não abrimos mão da parte religiosa, a parte profana essa a gente pode até dispensar, mas a religiosa não é permitida. Na festa de São Joaquim que é o padroeiro da comunidade, também é imprescindível que seja rezada a folia e a ladainha isso daí se não acontecer, não tem a festa...não acontece a festa, se faltar uma dessas folias, não pode faltar nenhuma! Isso daí a comunidade não abre mão, porque se abrir mão os mais antigos vão chamar os mais novos e vão dizer: "tu não fez a festa!" Então, essa parte aí religiosa ninguém abre mão. A cultural é o batuque e o Marabaixo. Também todas as festas de Santos acontecem. E aí dentro de

⁴¹ O Batuque como vemos no calendário é a manifestação cultural no Quilombo do Curiaú que sobrepuja ao Marabaixo nas festividades em devoção aos santos. Para entendermos esse fenômeno recorremos a Foucault (2016) que explica haver diferentes escalas de amplitude de um mesmo fenômeno em diferentes lugares, [...] "existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não tem o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos" (FOUCAULT, 2016, p. 40).

⁴² Cf. Apresentação completa de Núbia Maria Ramos Lopes na pág. 95, figura 47.

algumas festas tem assim além do Batuque do Marabaixo, continuamos perpetuando algumas tradições como na festa de São Lázaro que é feito uma mesa para servir os cachorros. Então, se faz um prato lá especial e coloca lá pra isso, cada dono, cada morador que tem no seu cachorro e queira levar, leva que vai ter a mesa dos cachorros (Núbia Maria Ramos Lopes, 2023).

Figura 30. Igrejas Católicas do Quilombo do Curiaú



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

A figura 30 exhibe a Igreja São Joaquim (cor azul), Igreja Santo Expedito (cor amarelo) e Igreja Santo Antonio (cor bege claro e cinza), ambas igrejas localizadas no Quilombo do Curiaú, sendo que as Igrejas de São Joaquim e Santo Expedito estão localizadas no Curiaú de Fora e a Igreja de Santo Antonio no Curiaú de Dentro.

Embora haja no Quilombo do Curiaú, uma presença católica muito forte o que é percebido pela quantidade de festas aos santos que são realizadas rigorosamente de acordo com o calendário instituído, a religião católica tem convivido com o advento de novas denominações religiosas no lugar. Essa presença diz respeito, segundo Silva “a um surgimento surpreendente de novas e diversas formas de relação com o sagrado ou um pluralismo religioso que avança e desafia as formas religiosas tradicionais” (SILVA, 2023, p. 34).

Para Silva (2023), sob a tutela da “garantia de liberdade religiosa para todos, tem-se a liberdade advinda da secularização da sociedade que pode escolher no mercado religioso justamente o que necessita para a solução de seus problemas”. Nesse sentido, “o consumidor religioso acaba por escolher uma ou mais experiência mística, ou solução espiritual, ou serviço

religioso dentre a variedade de opções expostas no “mercado espiritual” (PIERUCCI, 2003, p. 115).

Compondo assim, o cenário do avanço de outras religiões no quilombo do Curiaú estão, as duas igrejas evangélicas: a Igreja das Assembleias de Deus ligada a CEMEADAP⁴³ (Figura 30) e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, ambas localizadas no Curiaú de Fora.

Figura 31. Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Quilombo do Curiaú



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Embora o número de fiéis não seja tão expressivo comparado ao da igreja católica, nossa colaboradora da pesquisa, a Missionária evangélica Ulda Alves⁴⁴ moradora do Curiaú desde 2004, que após o falecimento de seu esposo assumiu a liderança da Igreja Evangélica da Assembleia de Deus localizada no Quilombo do Curiaú expressa: “a gente crer que Jesus vai salvar até todos desse quilombo.” Indagada sobre como é realizar os cultos em uma comunidade quilombola tão devota aos santos católicos, Ulda Alves responde:

Não, esse combate sempre tem, né? Já sabe que eles têm outra crença, né? A gente já passou muitos combates aqui, mas já agora está tudo liberado, né? Aqui era muito combatido quando tinha muita festa em 2006, nesse período aí. Aqui só era festa mesmo. Toda semana tinha festa dos santos. Aí era um combate muito grande, né? Agora não, agora passou. Esses problemas que

⁴³ Convenção Estadual dos Ministros das Igrejas Evangélicas assembleias de Deus no Estado do Amapá.

⁴⁴ Cf. Apresentação completa de Ulda Nazaré Alves na pág. 96, figura 48.

fecharam as igrejas por causa da Covid. Aí depois passou, passou. Foi liberado já. Vencemos uma etapa (Ulda Nazaré Alves, 2023).

É perceptível que para o segmento evangélico se consolidar como uma instituição de considerável número de fiéis dentro do Quilombo do Curiaú será necessário, criar uma ruptura com as tradições católicas mantidas há séculos no lugar. Não obstante, esse processo já está em curso, pois hoje já existe quilombola nascido no Curiaú que se tornou pastor evangélico, como é caso do Pastor Claudio, de 80 anos, que está no comando da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Curiaú de Fora (Figura 32).

Figura 32. Igreja Adventista do Sétimo Dia no Quilombo do Curiaú



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

A figura 32 mostra a Igreja Adventista do Sétimo Dia, cuja instalação fica ao lado de um barracão de Batuque no Curiaú de fora, indicando a presença do pluralismo religioso no local. Os adventistas do sétimo dia são conhecidos por terem como “marcas identitárias os cuidados com a alimentação e a preservação do sábado como um dia de descanso e adoração (FUCKNER, 2012, p. 160).

Por tais características, podemos inferir que o Adventismo tem *corpus* doutrinário bastante diferente ao do Catolicismo, ainda assim, conta com fiéis no Quilombo do Curiaú – comunidade essencialmente católica.

No bojo das transformações religiosas que estão em curso no Quilombo do Curiaú e sua repercussão no cotidiano escolar, mencionamos o relato da colaboradora da pesquisa, a professora Núbia Lopes, que trabalha na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio do Curiaú:

A nossa escola, todos sabem que a nossa escola é quilombola as pessoas que vem, os pais que trazem os alunos para cá, aí tem essa resistência a gente enfrenta essa resistência, agora nem tanto, mas logo no começo era muito porque eles diziam que os filhos não iam participar porque a escola trabalha o Batuque trabalha o Marabaixo, trabalha as Ladainhas, trabalha ainda as Benzedeadas e alguns pais quando chegava nessa época de trabalhar esse conteúdo porque o conteúdo é trabalhado durante o ano todo nós temos o projeto "Curiaú mostra a tua cara", então quando chegava no período de trabalhar porque tem que ter os ensaios, então os pais retiravam os alunos. Porque eles não iam participar, porque nós estávamos ensinando macumba. Então, era essa resistência. Outra, alguns professores evangélicos, vinham para cá, também tinha essa resistência de trabalhar o conteúdo, porque a religião não permitia, então foram essas as resistências que nós enfrentamos, eu não vou dizer que acabou. Agora tá mais assim, mascarada (Núbia Maria Ramos Lopes, 2023).

Solicitada a esclarecer quem são “as pessoas que vem” para o Quilombo do Curiaú, a professora Núbia Lopes responde:

Eles são de fora da comunidade, porque aqui a escola ela atende o Curiaú-Mirim, ela atende Casa Grande, ela atende Mestre Oscar e atende Ipê, principalmente os pais do Mestre Oscar e do Ipê eram contra. Tanto é, que agora tem uma professora do terceiro ano ela tá trabalhando hoje, as benzedeadas. Então, ela fez um trabalho e a culminância vai ser assim uma encenação. Uma aluna ficou muito interessada em participar, mas a família não deixou (Núbia Maria Ramos Lopes, 2023).

Correlato aos discursos sobre as problemáticas do advento das novas religiões dentro do Quilombo do Curiaú e que refletem nas intervenções pedagógicas que a Escola Quilombola Estadual José Bonifácio realiza com vistas a trabalhar o currículo voltado para os objetivos⁴⁵ da educação escolar quilombola, a colaboradora da pesquisa, Maria das Dores e Silva⁴⁶ que desde 2015 atua como professora da Educação Especial na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio diz:

[...] muitos dos nossos alunos os pais são evangélicos. E aí às vezes a gente encontra até um pouquinho de resistência desses pais para participar por

⁴⁵ Estão entre os objetivos da Educação Escolar Quilombola:

VI- Zelar pela garantia do direito à educação escolar quilombola às comunidades quilombolas rurais e urbanas, respeitando a história, o território, a memória, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais;

VII- Subsidiar a abordagem da temática quilombola em todas as etapas da educação básica, pública e privada, compreendida como parte integrante da cultura e do patrimônio afro-brasileiro, cujo conhecimento é imprescindível para a compreensão da história, da cultura e da realidade brasileira (BRASIL, 2012, p. 5).

Cf. Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192

⁴⁶ Cf. Apresentação completa de Maria das Dores e Silva na pág. 95, figura 47.

exemplo... Agora eu fui abordada ali no corredor por duas alunas, que disseram: professora eu queria muito participar da Apresentação, mas minha mãe não deixou, minha avó não deixou porque nós somos evangélicas. Então tem um pouco dessa resistência. [...] Até mesmo a questão das religiões afro, ela é um pouco... como é que eu posso te dizer, um pouco reprimida, tem as pessoas que cultuam né? Tem as pessoas que cultuam as religiões afro aqui dentro da comunidade, mas fica aquilo muito por baixo dos panos, aquilo dentro de casa para um pequeno grupo que sabe né? Como sempre foram as religiões da África no Brasil, né? As pessoas, até mesmo por medo ou vergonha, acabam se reprimindo. E não deixam essa informação chegar a outras pessoas da sociedade das práticas que elas têm (Maria das Dores e Silva, 2023).

Assim, para dar conta de trabalhar os princípios da educação quilombola a Escola Quilombola Estadual José Bonifácio, dentre outros projetos, trabalha o “Curiaú mostra a tua cara”. Trata-se de um projeto que nasceu em 2003 e até hoje continua trabalhando temas “voltados para o fortalecimento da identidade quilombola - um resgate as tradições da comunidade no âmbito escolar” (BRITO et al., 2021, p. 17). Sobre o projeto “Curiaú mostra a tua cara,” a professora Maria das Dores e Silva nossa colaboradora da pesquisa explica:

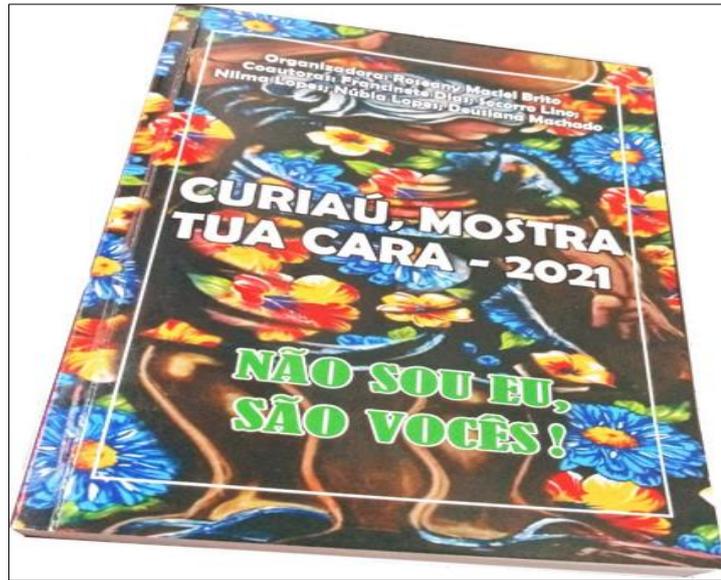
Nós temos um projeto macro que é o “Curiaú mostra a tua cara” esse projeto permeia todos as disciplinas e todo o fazer pedagógico da escola quilombola. Então, a partir do momento que a gente inicia o ano letivo, a gente já inicia trabalhando esse projeto desde o primeiro dia de aula até o último dia de fechar o ano letivo (Maria das Dores e Silva, 2023).

Para a professora Maria das Dores, esse projeto é tão importante para as questões identitárias dentro do Quilombo do Curiaú que poderia ter projeção para toda a comunidade quilombola:

Se tivéssemos recursos financeiros, que viabilizassem tanto a projeção desse projeto que a gente já tem e para que a gente pudesse ampliar ele para comunidade para que ela fosse abarcada como um todo seria interessante. *A priori* a gente foca muito na questão dos alunos, mas a gente não tem tantos recursos, né para ampliar esse projeto para a comunidade (Maria das Dores e Silva, 2023).

O projeto “Curiaú mostra a tua cara” impulsionou a comunidade escolar da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio a publicar o livro *Curiaú mostra a tua cara – 2021: não sou eu, são vocês!* O livro (Figura 33) é composto por memórias de antes e durante a pandemia, abarca uma quantidade expressiva de projetos e atividades executadas pela escola. Este projeto de lançamento do livro, contou com o apoio de uma equipe interdisciplinar de profissionais que atuam na referida escola, que inseriu no livro, a poesia, a música, a arte, a trajetória, a tradição, os saberes locais, a fé e a devoção dos quilombolas do Curiaú para além dos tempos de pandemia.

Figura 33. O livro *Curiaú mostra a tua cara – 2021: não sou eu, são vocês!*



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

A figura 33, apresenta o livro *Curiaú mostra a tua cara – 2021: não sou eu, são vocês!* Organizado pela professora Roseany Brito em coautoria com as professoras: Deusiana Machado; Francinete Dias; Maria do Socorro Videira e Nilma Lopes (Figura 34) todas são professoras e desenvolvem suas atividades laborais na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio.

Figura 34. As organizadoras do livro *Curiaú mostra a tua cara – 2021: não sou eu, são vocês!*



Fonte: Contracapa do livro *Curiaú mostra a tua cara – 2021: não sou eu, são vocês!*

O projeto macro da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio de mesmo nome do livro *Curiaú mostra a tua cara – 2021: não sou eu, são vocês!* apresenta-se como arcabouço para os demais projetos, pois tem como fulcro trabalhar as questões identitárias da população negra brasileira, com recorte para os quilombolas do Quilombo do Curiaú. Nestes termos, o corpo docente, pedagógico e administrativo acredita estar fazendo educação aos moldes enunciados por Videira:

[...] a educação em Quilombos deve ser pautada num conjunto de preocupações que englobam sobretudo a necessidade da definição de uma concepção educacional freiriana porque ajuda o sujeito refletir sobre sua condição concreta e, conscientizá-lo disso, lutará para mudar sua realidade e afirmar-se diante do mundo num fazer libertador. E tem por princípio a valorização da cultura das pessoas no processo de conscientização sobre a realidade e atribui a ela possibilidades educativas concretas de ressignificação da condição do próprio sujeito que pode “ser mais” tornar-se melhor e, portanto, altera o contexto em que vive (VIDEIRA, 2010, p. 70).

A partir dessa metodologia de projetos, a referida escola quilombola segue sua rotina pedagógica na perspectiva de contribuir para formação de pessoas, capazes de não somente alterarem o contexto em que vivem, mas de sujeitos que escolham combater toda e qualquer forma de racismo e preconceito.

Figura 35. Hall de entrada da Escola Estadual Quilombola José Bonifácio



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

A figura 35 mostra o *hall* de entrada da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio todo decorado para a culminância do projeto “Curiaú mostra a tua cara” versão 2023.

2.2. Os costumes do Curiaú

Cada dia que passa, as coisas vão ficando difícil. Lá⁴⁷ não temos uma vida sossegada, nem o respeito que tínhamos antes.
(SILVA, 2000).

Para Silva, a comunidade do Quilombo do Curiaú “mudou muito nos últimos anos que urge a necessidade de ser preservada por vários motivos”. O autor destaca as mudanças:

Uma delas foi a chegada da cidade dentro do lugar. Mesmo nós, querendo preservar, há necessidade de mudar certas coisas pelo desenvolvimento da sociedade. Por causas modernas, estamos perdendo dia a pós dia nossos, costumes e a nossa maneira de ser por falta de trabalho rígido e uma conscientização dos nossos jovens, estamos perdendo nossa cultura folclórica para os aparelhos sonoros; estamos deixando aos poucos a agricultura e passando para o comércio de bebidas, atraindo o vandalismo, destruição e a marginalidade, que vêm causando problemas que viram casos de polícia. Hoje a via está asfaltada. Antes o excesso de poeira dos veículos, causava irritação nos moradores; era insuportável. Agora é o excesso de velocidade por parte de motoristas sem consciência que não reconhecem que este lugar é diferente da cidade. [...] Essa estrada que foi feita em 1981 de fevereiro a junho, traz benefício para outras comunidades, mas para os moradores da Vila do Curiaú, só prejuízos e perturbações – com esta estrada, o lago que ninguém sabe quantos anos tem, foi dividido em duas partes, assim dificultando a descida das águas. [...] Só que a nossa identidade nós precisamos manter. É direito nosso manter este lugar como patrimônio, temos que preservá-lo. Fazer que com o povo de fora entenda que essa beleza natural não é do governo, prefeitura a as autoridades em geral, para que cheguem as melhorias necessárias para o desenvolvimento deste povo. Queremos ser respeitados de uma forma humana, conhecidos pela nossa origem (SILVA, 2000, p. 33-34).

Ao apontar que “por causas modernas, estamos perdendo dia após dia nossos costumes” seu Sebastião Menezes da Silva expõe uma ruptura gradativa com as práticas que forjaram a identidade cultural dos quilombolas do Curiaú ao longo dos tempos. O costume da vida tranquila em meio rural aos poucos foi dando lugar ao modo urbano da cidade. De acordo com a colaboradora da pesquisa Vanessa Ramos,⁴⁸ funcionária da UDE⁴⁹ lotada na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio, nascida no Quilombo do Curiaú e moradora do local, declara que as mudanças ocorridas no Curiaú na atualidade são drásticas:

[...] hoje você não pode confiar em deixar um objeto na frente da sua casa, porque hoje é muita gente de fora que está entrando dentro da comunidade. Então, a gente não sabe não conhece né? E a gente nos tempos passados, antigos, ficava despreocupado com a casa aberta sabe, dormia com a janela

⁴⁷ Uma referência ao Quilombo do Curiaú.

⁴⁸ Cf. Apresentação completa de Vanessa do Rosário Ramos na pág. 96, figura 48.

⁴⁹ Unidade Descentralizada de Execução (UDE).

aberta e hoje a gente tem essa preocupação aqui dentro da comunidade, porque há um trânsito de muita gente na comunidade, principalmente quando o lago tá cheio, se deixares uma bicicleta na frente da casa, tu és furtada. Aqui passa aquele monte de gente de fora, né? Se eles verem lá na frente, eles pegam e levam. Então, infelizmente hoje a comunidade do Curiaú sofre a respeito disso (Vanessa do Rosário Ramos, 2023).

Neste contexto, destacamos a fala da colaboradora da pesquisa Esmeraldina dos Santos, de ascendência curiauíense e expoente da resistência cultural do Quilombo do Curiaú quando menciona os tempos em que o costume de não ter boas fechaduras nas portas das casas era uma realidade no quilombo:

[...] quando eles deram a liberdade de fazer aquela ponte, o Curiaú não foi mais o mesmo, a comunidade, transformou-se. [...] você na sua casa, não tinha as fechaduras, você chegava numa casa dessa que você poderia entrar, tomar um café, o dono tava pra roça... vou aqui, tomava um café, tomava uma água, fechava a casa do jeito que o dono deixava. Mas hoje você tem que estar fechado. Quem são os responsáveis? Nossos próprios filhos, filhas que foram para o centro e casaram-se com pessoas de fora e estão vindo para dentro da comunidade. A comunidade foi invadida por pessoas que a gente nem conhece. Nós não estamos sabendo quem é quem dentro da comunidade. Alguém diz assim, eu faço parte desse quilombo, eu sou da família, mas não é (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Sobre a “liberdade que deram para fazer aquela ponte,” Esmeraldina dos Santos refere-se ao momento em que os moradores aceitaram o aterramento do lago para tornar possível a construção da ponte que liga o Quilombo do Curiaú a várias localidades do interior do estado. Sobre essa rodovia, o colaborador da pesquisa Sebastião Silva,⁵⁰ nascido no Curiaú, escritor local com quatro livros publicados sobre a história do Quilombo do Curiaú, aponta que “só trouxe prejuízo porque os carros começaram a matar a galinha, matar porco, matar boi e pessoas, causou problema”:

Procuramos a Fundação Palmares e a servidora de lá disse Sabá faz um documento porque nós estamos na justiça por causa do tráfego aqui dessas grandes carretas carregando soja e outras coisas mais que é para exportar e não deixa nada em troca, se você olhar todas nossas casas aí tão com rachadura porque causa do peso em excesso que elas carregam [...] aí passam e arrebentam os fios elétricos devido altura que elas passam com outras máquinas em cima, dentro uma das outras, atrapalham o fluxo porque passa uma atrás da outra e mais carros, a pessoa na comunidade passa mais de dois minutos esperando os carros passar pra ir pra sua casa [...] a lei nos ampara a lei da organização internacional do trabalho, sobre nossos povos tribais ela diz que tudo que viesse atingir o nosso povo de forma negativa, nós era para ser consultado e além disso nós tínhamos que ter uma compensatória. O produto é tirado de outro município de lá de Itaubal, passa aqui vai direto para Santana embarca, vai para a Europa nunca deram nada em troca, então a gente tá procurando buscar o nosso direito, mas lutar contra o governo... (Sebastião Menezes da Silva, 2023).

⁵⁰ Cf. Apresentação completa de Sebastião Menezes da Silva na pág. 96, figura 48.

Percebemos na fala de Sebastião Silva, quando se refere ao poder público como aquele que domina e executa suas políticas de supressão de direitos, neste caso, das comunidades tradicionais, um discurso oculto e público ao mesmo tempo. Isto sinaliza para o que diz James C. Scott (2013) em sua obra *A dominação e a Arte da Resistência*, que as formas de resistência que os povos e indivíduos adotam nas suas relações com os grupos dominantes ocorrem nos lugares comuns. Nesse sentido, para Scott⁵¹ os rumores, o falatório, os cantos, todos eles servem de veículos para os grupos dominados fazerem a crítica ao poder e as classes dominantes:

(...) a fronteira entre os discursos públicos e ocultos é um terreno de luta constante entre dominadores e subordinados – de modo algum uma parede sólida. (...) a luta incessante que se trava em torno destas fronteiras constitui, porventura, a mais importante arena dos conflitos ordinários e das diferentes formas que as lutas de classes assumem no dia-a-dia. (SCOTT, 2013, p. 43).

Sobre existir “um terreno de luta constante entre dominadores e subordinados” mencionamos o fato ocorrido no Quilombo do Curiaú, narrado por Sebastião Menezes da Silva em seu livro “*Curiaú, suas mudanças e seus desafios*”:

Alguém se lembra do casamento comunitário que aconteceu no Curiaú? Feito pelo poder público, as pessoas da comunidade não foram consultadas e nem foram convidadas, a presidente da Associação do Curiaú foi avisada próximo ao evento para se fazer presente, mas não estava relacionada para compor a mesa e ter o direito a fala, foram chamadas as autoridades presentes como promotores, doutores, juiz, padre, pastor, deputado, vereador, um líder comunitário da cidade de Macapá, mas a presidente da comunidade só foi lembrada que estava presente pela organização de comunicação, foi aí que um morador questionou a falta de representantes do quilombo na mesa que de direito, dada abertura do evento, uma deputada irritou-se e cobrou a presença da presidente na mesa, a mesma recusou a sentar-se na mesa e se tornou um clima chato, é a falta de consideração das pessoas que vem fazer ações, festas ou qualquer coisa dentro do terreno ou casa dos outros, sem pedir licença (SILVA, 2022, p. 49-50).

Outra arena de luta constante entre dominadores e subordinados, pode ser entendida pela ocorrência do intenso tráfego de carretas pela principal rua do quilombo. Motivo de insatisfação e constantes protestos dos moradores. Isso ocorre, por que diariamente muitas carretas carregadas de soja e milho, (Figura 36) vindas de municípios vizinhos, transportam grãos destinados ao comércio internacional. Essas carretas carregadas de grãos, optam pelo trajeto via Rodovia Ap-070, que corta o Quilombo do Curiaú, até alcançarem a Rodovia Duca Serra que leva ao Porto do Município de Santana. Mas, sobre o agronegócio e a grande expansão

⁵¹ Cf. SCOTT, James C. Por detrás da História oficial. In: SCOTT, James C. *Dominação e a arte da resistência: discursos ocultos*. Lisboa: Letra livre, 2013.

da denominada “economia verde” que se torna vultuosa no cerrado amapaense, principalmente com a plantação da soja,⁵² já foi objeto de análise no primeiro capítulo desta dissertação.

Figura 36. Carretas carregadas de grãos na Rodovia AP-070 dentro do Quilombo do Curiaú



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

A figura 36 exhibe os grandes veículos transportadores de cargas pesadas (grãos de soja e milho) passando a todo momento pela principal via do Quilombo do Curiaú. Além do trânsito constante, elas geram um barulho perturbador. Um fato inquietante registrado na pesquisa de campo foi a interrupção das falas dos nossos interlocutores, todas as vezes que uma carreta se aproximava dos locais onde estávamos realizando as entrevistas.

Outro fator gerador de descontentamento entre os moradores do Quilombo do Curiaú e que gera impacto nos costumes locais, é a constante procura pelas festas e banhos no lago do quilombo e demais balneários das comunidades vizinhas. De acordo com Silva (2022), “o

⁵² Em 2016 a soja e o milho estavam plantados em aproximadamente, 17 mil hectares (ha) de cerrado distribuídos pelos municípios de Macapá, Itauba, Ferreira Gomes e Tartarugalzinho. A estimativa é que, após a transferência de terras o espaço representaria mais de 400 mil ha. Fonte: Portal do Governo do Amapá.

Disponível em: https://www.amapa.gov.br/ler_noticia.php?slug=1609/amapa-faz-a-primeira-exportacao-de-soja-e-desponta-como-nova-fronteira-agricola

Em 19/08/2023 o Amapá tem a primeira colheita de soja na região centro-oeste do estado. A colheita ocorreu no município de Pedra Branca do Amapari. Fonte: G1 Amapá.

Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2023/08/21/amapa-tem-primeira-colheita-de-soja-na-regiao-centro-oeste-do-estado.ghtml>

Curiaú entra na programação do Macapá Verão, promovido pela Prefeitura de Macapá” todos os anos:

A Prefeitura de Macapá chama atenção dos macapaenses para virem para o Curiaú por várias vantagens, da água boa, ser perto da cidade, ter ônibus para conduzir gente. Tornou-se um tumulto muito grande e ruim, muitas, brigas, roubos nos carros, mortes por afogamento⁵³ e drogas infiltradas no meio da moçada. E os vendedores de bares, restaurantes, ambulantes, taxistas, empresas de ônibus, todos esses lucrando (SILVA, 2022, p. 39).

A professora Núbia Lopes, moradora do Quilombo do Curiaú, considera a vinda de pessoas externas à comunidade para fins de banho e lazer no Curiaú como:

Maléfica, porque se você olhar o nosso lago, tá cheio de descartáveis, o peixe não come isso, nós estamos perdendo muito gado quando você mata o intestino deles está cheio de plástico. Quem é que traz isso para cá? Não é um morador, é o turista. O turista vem, o turista vê a beleza do nosso lugar, mas ele deixa as mazelas que é o lixo e a poluição. Essa rodovia que passa no meio da vila é outra coisa assim que nos prejudica muito porque eles matam os animais, eles perturbam o nosso descanso, é complicado! O turismo assim do jeito que ele está acontecendo... agora se fosse uma coisa assim organizada, se nós tivéssemos uns guias o para levar cada qual levava sua sacolinha, produz o seu lixo, jogue fora no local certo, aí seria benéfico. Mas do jeito que acontece é muito muito prejuízo (Núbia Maria Ramos Lopes, 2023).

A proliferação de bares e festas profanas, também alteram a rotina dos moradores do quilombo, pois atraem um número expressivo de pessoas de fora da comunidade para participarem das festas, como afirma a colaboradora da pesquisa, a professora Maria das Dores e Silva:

Os bares eles que atraem o maior público além das festividades, [...] geralmente eles colocam as aparelhagens de som, cada djan tem seu seguidor, traz aquele monte de seguidor, né? E às vezes eles acabam pecando pelo excesso de programações de festividades que não são do calendário litúrgico. Geralmente as pessoas que tem bares aqui, elas são da comunidade, só que elas atraem o público externo muito grande. E aí a gente tem alguns problemas como os acidentes de trânsito que é um dos principais assim, prejuízos que a comunidade tem porque nós já perdemos vários, vários membros da comunidade em decorrência de atropelamentos porque nessas festividades até mesmo nas litúrgicas que as pessoas bebem em acesso. E aí já vão daqui né bêbadas. E aí acaba acontecendo o pior. A gente não tem retorno do poder público porque agora a gente conseguiu iluminação através de movimento, né? Fecharam a rodovia e protesto e tudo mais, por causa das mortes. Só que o principal não veio que seria uma ciclofaixa não veio, veio a iluminação, mas não veio a ciclofaixa que daria uma segurança maior para os moradores aqui da comunidade (Maria das Dores e Silva, 2023).

⁵³ [...] Várias apresentações de Batuque e Marabaixo são feitas em cima do Rio Curiaú, contrariando o ser abstrato das profundezas que mora ali chamado de carrega pelos moradores deste lugar [...] existe um ditado dos pajés e curandeiros, que tem mais olho no fundo que cabelos em terra (SILVA, 2022, p. 39).

Figura 37. Bares e restaurantes do Quilombo do Curiaú



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

A figura 37 apresenta um dos locais mais frequentados pelas pessoas que vem ao Quilombo do Curiaú para as festas ou que trafegam na Rodovia AP- 70 que dá acesso a outras comunidades no interior do estado. Como parte das propagandas que o poder público estadual faz, com vistas a incentivar a vinda de pessoas externas à comunidade do Quilombo do Curiaú podem ser vistas na figura 38.

Figura 38. Mosaico de fotos das placas publicitárias do Quilombo do Curiaú



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023). Organizado pela autora (2023).

A figura 38 mostra que ao longo da Rodovia AP - 070 que corta o Quilombo do Curiaú, encontram-se dispostas várias placas de publicidade confeccionadas e instaladas pelo poder público estadual cuja mensagem é, um convite aos que trafegam na rodovia a virem prestigiar a beleza, a culinária, a bebida e a história do Quilombo do Curiaú.

O conteúdo das propagandas contido nas placas são: Curiaú, diversão para toda família; tradição em acolher bem; comida tipicamente saborosa; de história inspiradora; sabores autênticos da Amazônia; se achegue, venha tomar uma gengibirra e ouvir nossa história; lugar de gente alegre e festeira; ideal pra passear e ficar de bubuia.

Na contramão dos anseios dos quilombolas do Curiaú ocorrem as iniciativas públicas que incentivam todos a virem para o quilombo, o que resultaria em grandes benefícios para os moradores gerando emprego, renda e qualidade de vida. Porém, muito pouco tem se pensado nos quilombolas, essa vinda de pessoas externas à comunidade não tem sido benéfica, pois é predatória e não considera o *ethos* da comunidade. Nesse sentido, a “natureza é sempre submetida a uma posição de subserviência, vista como bem apropriável, um mero objeto de direitos” (STONE,⁵⁴ 2010).

A respeito dessa apropriação inadequada dos recursos naturais por parte do grande capital e das proibições impostas aos quilombolas de não retirarem da natureza sua provisão alimentar, a colaboradora da pesquisa Esmeraldina dos Santos registra em entrevista que:

Em outros lugares a floresta está sendo desmatada, está sendo queimada, pois todo dia a gente amanhece com essa fumaceira que está vindo a gente não sabe de onde. Quer dizer, o grande capital pode estar aí desmatando, desbravando, destruindo [...] muita soja aí para dentro, que está horrível, o pessoal está contando, que a área que era só pinhal, hoje não é mais pinhal, é de soja. Então, quer dizer que a gente está perdendo, nós estamos perdendo. Para nós que vivemos aqui, a gente não pode caçar e nem pescar como faziam nossos pais [...] um pirarucu, se você pegar, alguém, ah, Deus o livre, vai chamar a SEMA para dizer que você pegou um pirarucu no lago. Tudo isso estamos perdendo, nós estamos perdendo. A gente não pode mais. Os moradores, mas os de fora pode fazer, vem, mergulha, mergulha, e lá pega e leva e pronto acabou. Ninguém está vendo (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Esmeraldina dos Santos ao narrar sobre o estilo de vida dos antepassados do Quilombo do Curiaú, da inter-relação com a natureza que provia para os quilombolas múltiplos recursos usados na alimentação e que eram fontes de saúde e bem-estar, vislumbra um futuro sombrio para as novas gerações do Curiaú:

Nós temos tanta criança ainda nessa comunidade. Eu esperava um futuro melhor daqui para frente, mas pelo jeito que a gente está vendo, que nós estamos vendo, talvez se não tiver um que diga assim, não é para fazer isso,

⁵⁴ Cf. O livro *As árvores têm pé? Lei, Moralidade e o Ambiente* de Christopher D. Stone (2010).

não vai ter futuro. Não vai ter futuro. Não vai ter. Eu acredito que não (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Ao lado dessas profundas transformações ocorridas no espaço do Quilombo do Curiaú que geraram mudanças nos hábitos e costumes dos quilombolas, está a necessidade das novas gerações buscarem novos meios de subsistência. O museu da comunidade, hoje abandonado, poderia ser um instrumento catalisador de geração de emprego e renda para comunidade como destaca o colaborador da pesquisa Claudionor Silva,⁵⁵ que nasceu no Quilombo do Curiaú e há três anos dedica-se ao ramo do comércio dentro da comunidade:

Tinha uma sessão de fotos do pessoal mais antigo, de como era a comunidade antigamente, sumiu tudo, aí agora ali era para botar aquele museu para funcionar, aí vinha gente de fora e a gente teria que colocar pessoas para contarem a história do quilombo lá dentro, mas hoje tá fechando aí tem morcego tem rato tem tudo lá dentro. Então, a revitalização do museu poderia ser uma grande contribuição para manter a memória da nossa gente e geraria empregos aqui dentro da comunidade. Empregaria a servente, os que dariam as palestras, os mais idosos que poderiam contar as histórias das nossas origens e etc (Claudionor Silva da Silva, 2023).

A figura 39 mostra o Museu Antropológico do Quilombo do Curiaú, que existe há 20 anos, atualmente fechado, motivo de lamento para os moradores. O museu em funcionamento seria um fomento ao turismo, contribuiria para o aumento da renda dos artesãos, artistas plásticos, escritores, manipuladores de plantas e ervas medicinais, ou seja, beneficiaria direta ou indiretamente todos os moradores do quilombo.

Figura 39. Museu Antropológico do Quilombo do Curiaú



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

⁵⁵ Cf. Apresentação completa de Claudionor Silva da Silva na pág. 94, figura 46.

2.3. Os hábitos de trabalho do Curiaú

“Desde muito cedo no Curiaú se aprende o fabrico da farinha” afirma Oliveira (2012) referindo-se aos hábitos de trabalho dos moradores do Curiaú:

Neste lugar da APA do Rio Curiaú, o homem ainda pode viver intensamente com a natureza e seus recursos naturais, pois ela é capaz de produzir o necessário para a sobrevivência desse homem como à caça, a pesca, e a extração do açaí, proveniente da grande quantidade de mata preservada e o cuidado que os moradores têm de preservar suas plantações (OLIVEIRA, 2012, p. 30).

Essa afirmação já pode ser considerada como um extrato do passado (Figura 40) no Curiaú, uma vez que as restrições impostas pela legislação ambiental que regula a vida das comunidades que vivem dentro das Áreas de Preservação Ambiental tornam os antigos hábitos de trabalho dessas populações como o cultivo da terra, a caça e pesca estritamente reservados ao consumo para subsistência e outros tornaram-se proibidos como é o caso da caça, sendo tudo passível de acompanhamento rigoroso por parte dos órgãos fiscalizadores.

Para Silva, a produção agrícola no Quilombo do Curiaú malogrou ao longo dos últimos anos por dois principais motivos:

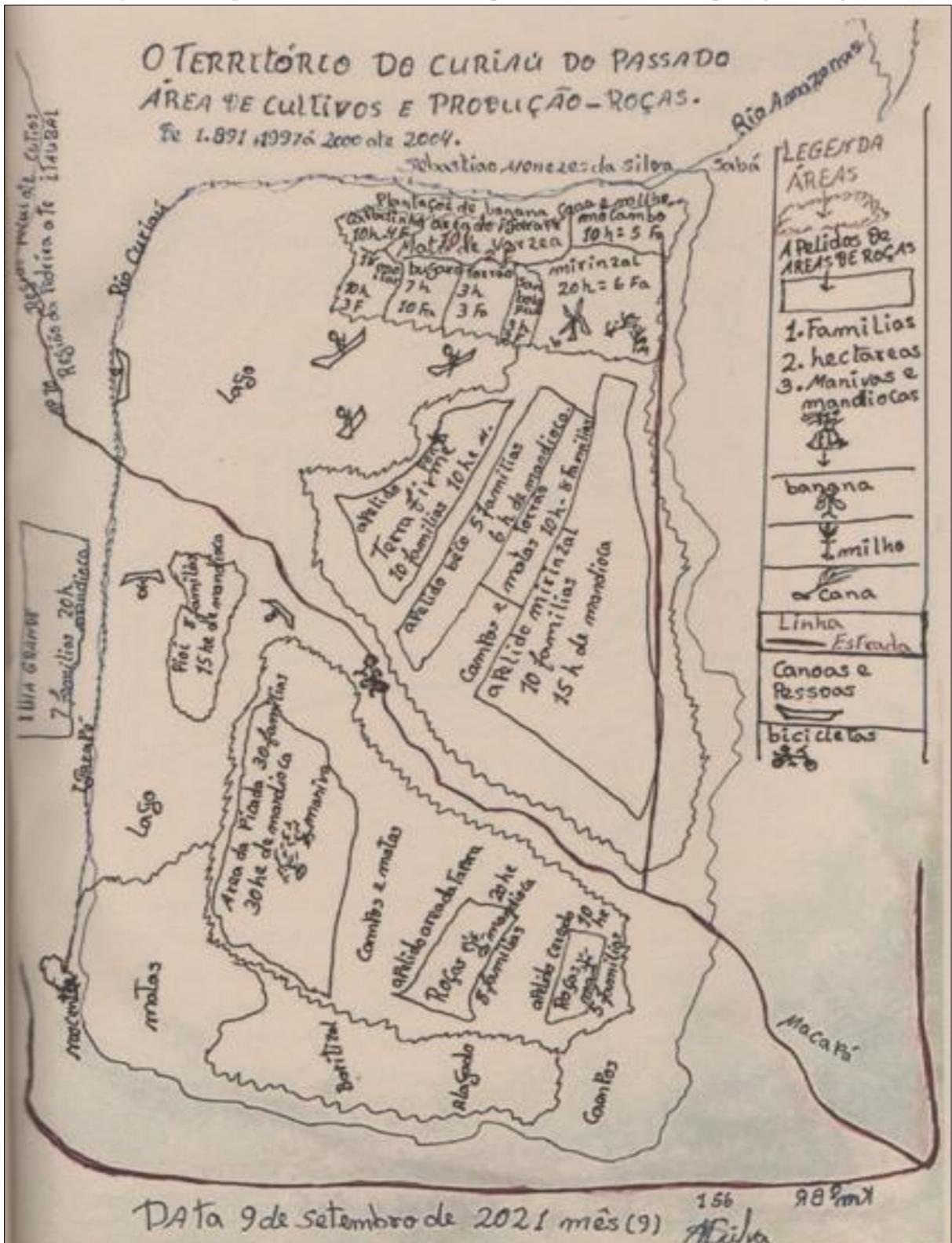
Os que gostavam de trabalhar com a terra, já estão velhos e aposentados, depois vieram as proibições de não mais poder fazer roças de costumes nas matas, impactou as pessoas que passaram a ser penalizadas com o pagamento de multas e serem presas, como foi o caso de uns homens moradores do quilombo que foram conduzidos à prisão como se ainda fossem escravizados, no seu próprio local de trabalho (SILVA, 2022, p. 29).

Para além das cláusulas proibitivas das leis ambientais, e das novas gerações não nutrirem interesse pela agricultura, ocorreu nos anos 70 e 80 no Curiaú a troca pelos criadores do gado branco ou comum pelo búfalo, caracterizado por ser de rápido crescimento, ganho de peso e abundante produção de leite, “mas não avisaram aos criadores que estes animais causavam destruição nas roças e no meio ambiente” (Silva, 2022):

Estes animais andando soltos perambulando começaram a destruir tudo o que viam pela frente, nos quintais das casas, comiam de roupas a planta, nas roças dos vizinhos entravam arrebandando a cerca e comiam as manivas, bananas, açaí e outras plantações, tanto na terra firme como na várzea, no lago destruíram tudo da vegetação até as malhadeiras dos moradores que colocavam para pegar peixe (SILVA, 2022, p. 31).

Ao perceberem que suas roças poderiam ser invadidas pelos búfalos, os agricultores foram a cada dia tornando-se temerosos em gastar, recursos, tempo e sua força de trabalho nesses espaços laborais. E com o passar dos anos, esse hábito de trabalho está cada vez menos frequente no Quilombo do Curiaú.

Figura 40. Croquis do território do Curiaú do passado: área de cultivo e produção de roças



Fonte: (SILVA, 2022, p. 33).

Lançando um breve olhar sobre o croquis da figura 40 podemos perceber o grande número de roças existentes no Quilombo do Curiaú nos tempos passados. As famílias se juntavam para fazer o uso coletivo das terras e o tamanho das roças era em média de 10 a 30

Observando o *croquis* (Figura 41) do território do Quilombo do Curiaú na atualidade é perceptível a drástica redução das roças. Apenas um reduzido número de famílias ainda cultiva o solo e em espaço de terra muito menor aos muitos hectares que tinham acesso no passado. Por isso, se propagava que agricultura no Curiaú era farta:

A mandioca predominava, transformava-se em farinha, tucupi, tapioca e as cascas serviam de alimento para os animais, e a caroeira para as galinhas, os porcos e gados. Não se comprava ração para os animais, os remédios para estes, era o sumo das raízes com folhas de plantas socadas para extrair o líquido para dar aos bichos de criação e aos de estimação. No trabalho com os homens e mulheres, se fossem contratados ou convidados para os trabalhos diários ou semanais, essas pessoas eram pagas com farinha. [...] essa quantia de farinha tinha a seguinte equivalência: meia quarta era seis litros, uma quarta era doze litros, meio alqueire eram duas quartas, ou seja, vinte e quatro litros era um paneiro que era quinze quilos. Na pecuária, na criação de animais, o pagamento era com o próprio animal a partir do aumento do rebanho ou do nascimento dos filhotes. No mercado de compra e venda o que predominava era a troca. [...] na agricultura se produzia a farinha, tapioca, tucupi, macaxeira, caroeira, cará, batata, coco, maracujá, abacaxi, melancia maxixe, jerimum, limão folhagens de verduras, legumes, milho, feijão, urucum...[...] do extrativismo o açaí, bacaba, taperebá...[...] da pesca o peixe (SILVA, 2022, p. 145-146).

Pelo exposto, percebemos que os quilombolas do Curiaú no passado, pouco necessitavam da cidade para a obtenção de gêneros alimentícios para sua dieta alimentar, tudo que precisavam, eles próprios produziam, realidade bem diferente dos dias atuais. Por conta das constantes perdas territoriais, leis ambientais e mudança de hábitos de trabalho das novas gerações do quilombo, estes estão cada vez mais dependentes dos supermercados da cidade para suprirem suas necessidades nutricionais. O fim das roças, representa uma ruptura do vínculo entre as famílias, além de ter produzido fragilidades nos círculos de vizinhança e alterado em demasia o modo alimentar dos quilombolas.

Esses fatos na visão de Trindade:

Trarão consequências para vida dos quilombolas, principalmente no aspecto material de sua reprodução social, na sua existência física, nutricional, saúde, assim como nos aspectos simbólico e identitário, o que se expressa num conjunto de estratégias no campo do imaginário, cosmológico, religioso, enfim de ancestralidade que os mobiliza na defesa das formas próprias de uso do território (TRINDADE, 2015, p. 147).

No que se refere à mudança de hábitos alimentares e os novos hábitos de trabalho dos quilombolas do Curiaú, Silva assinala:

Em tempos atrás dificilmente se via tanta gente gorda no Curiaú, acima do peso, obesa e com tantas doenças que se ver nos dias atuais. As causas residem no que se comia no passado, e como era o trabalho. O trabalho submetia as pessoas ao seu limite, era pesado. As mulheres tinham em média sete filhos a treze filhos [...] e não sofriam de cansaço no corpo pela lida dos trabalhos

diários. A comida era peixe, a caça, a carne de gado e porco, a água o açaí, os vinhos das frutas que hoje chama de suco, tudo era natural (SILVA, 2022, p. 102).

As limitações territoriais impostas aos quilombolas do Curiaú não só acabaram por mudar seus hábitos alimentares, como também seus hábitos de trabalho, “eu nunca sair daqui nem pretendo sair, sempre vou ter maior orgulho de ser quilombola, mas o comércio aqui dá apenas para sobreviver, pois agora para fazer uma roça tem que tirar licença, aí a gente tem que inventar outro meio de sobrevivência”, diz o colaborador da pesquisa o comerciante e proprietário da Baiuca do Negão (Figura 42) do Quilombo do Curiaú, o Sr. Claudionor Silva.

De fato, a geração lídima de agricultores do Curiaú, hoje já está aposentada recebendo seus benefícios oriundos do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), outros já faleceram e os demais quilombolas incluídos na categoria de população economicamente ativa tiveram que se inserir em novas áreas de trabalho.

Figura 42. Estabelecimento comercial do Quilombo do Curiaú – Baiuca do Negão



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

A figura 42 mostra o estabelecimento comercial do Sr. Claudionor Silva situado às margens da Rodovia AP-70 no Quilombo do Curiaú, uma opção de compra de gêneros alimentícios, bebida e produtos de higiene quando se trafega pela Rodovia AP-70. O comércio local é uma opção de compra tanto para os quilombolas quanto para as demais pessoas que transitam pela Rodovia AP-70, “as vendas aqui são medianas” diz outro colaborador da

pesquisa o comerciante do Quilombo do Curiaú o Sr., Cleonaldo Silva,⁵⁶ “eles vão lá no Atacadão comprar, pois tem mais vantagens, lá eles compram no meio a meio, mais durante a semana o que falta nas residências eles procuram o comércio da comunidade para comprar”.

Assim, entre os novos hábitos de trabalho dos quilombolas do Curiaú estão as práticas comerciais, diferente do que acontecia no passado em que todo produto das roças/agricultura, pesca e pecuária eram destinados para o consumo próprio ou para as práticas de escambo. O comércio na atualidade revela-se como uma das novas opções laborais dentro do quilombo, através dos bares, restaurantes, lanchonetes, mercearias e baiucas.

Como já falado anteriormente, no centro das questões que resultaram no “fim das roças,” estão as constantes limitações territoriais impostas aos quilombolas do Curiaú ao longo dos tempos. Essas limitações territoriais não só geraram impactos negativos para agricultura com o passar dos anos, como deram origem a mais um problema/fenômeno na atualidade: o crescimento da população *versus* diminuição do território.

Em outras palavras, a população veio crescendo ao longo dos anos e o território só diminuiu. É previsível que logo haveria disputa pela terra, uma disputa entre os próprios quilombolas, como nota-se na fala do colaborador da pesquisa Claudionor Silva de 48 anos que mora no Quilombo do Curiaú desde que nasceu:

O Curiaú está numa fase, que nem eu sei explicar, entendeu? Porque antigamente só morava quem vivia dentro do Curiaú. Morava só o que nascia e o que se criava dentro do Curiaú. Aí muita gente nasceu fora do Curiaú ou foi embora para cidade, aí agora querem voltar para o Curiaú, aí agora tão dando terreno para todo mundo aí... as pessoas que moram aqui dentro do quilombo vão querer fazer uma casa e não vai mais ter terreno, entendeu? (Claudionor Silva da Silva, 2023).

Corroborando com esta perspectiva, a colaboradora da pesquisa Esmeraldina dos Santos moradora do Quilombo do Curiaú há vinte e dois anos:

Vai ter uma hora que a maioria, os verdadeiros quilombolas, não terão mais lugar para ficar. Porque todo mundo quer dizer assim, eu sou dono, eu posso fazer isso. Fazem a casa, não demora tão vendendo, e vão embora. E ainda não deixam nada para trás, sabe? Isso que está acontecendo aqui dentro da comunidade do Curiaú é uma coisa muito séria [...] porque as pessoas chegam aqui, fazem uma casa, não querem mais ficar aqui, vão embora, vendem a casa, vão embora, não demoram, estão voltando para querer fazer outra de novo. E quer dizer que os verdadeiros donos vão ficar sem as suas terras. É isso que está acontecendo (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Por sua vez, a colaboradora da pesquisa Vanessa Ramos de 43 anos, funcionária pública que nasceu e mora no Quilombo do Curiaú observa:

⁵⁶ Cf. Apresentação completa de Cleonaldo Silva da Silva na pág. 94, figura 46.

[...] hoje aqui dentro da comunidade do Curiaú tem pessoas que não tem vínculo nenhum com a comunidade e estão morando dentro da comunidade [...] os nossos representantes abriram as portas para pessoas de fora (Vanessa do Rosário Ramos, 2023).

Ao analisarmos as falas dos moradores mais antigos e colaboradores da pesquisa supramencionados, percebemos um descontentamento com a chegada dos novos moradores no quilombo. Ficou esclarecido nas entrevistas que esses novos moradores que estão chegando no Quilombo do Curiaú, são em geral filhos de quilombolas que tiveram que sair do quilombo para estudar ou trabalhar na cidade de Macapá e agora estão de volta.

Esses filhos do Quilombo do Curiaú que outrora saíram sozinhos, agora voltam constituídos de família e com diversos parentes, assim afirma Vanessa Ramos, nossa colaboradora da pesquisa:

Só pode morar dentro da comunidade, somente quem é quilombola, mas se uma pessoa não quilombola arrumar um marido daqui do quilombo, essa pessoa já terá direito porque ela vive com um quilombola. Então, tem direito de estar dentro da comunidade. Mas, se casar com um quilombola não a torna quilombola. E aí isso começa a conflitar. A mulher que casa com um homem quilombola já traz a irmã junto que arruma um marido que às vezes não é da comunidade é gente lá de fora e vem todo mundo pra cá. É o que tá acontecendo no Curiaú, nós estamos sofrendo a respeito disso (Vanessa do Rosário Ramos, 2023).

As narrativas dos nossos sujeitos colaboradores da pesquisa sobre o crescente aumento do número de moradores do Quilombo do Curiaú que recebem a concessão de lotes para construção de suas casas, nos dão a dimensão de um problema complexo e de difícil solução: a disputa pela terra.

Um outro reflexo dessa chegada dos novos moradores pode ser percebido ao caminhar pelas ruas do quilombo. Chama a atenção a tipologia das casas e de seus quintais nas duas vilas do quilombo, Curiaú de Fora e Curiaú de Dentro. Há um contraste, de um lado casas simples com pequenos quintais, por outro lado, casas de alto padrão do tipo sobrado e com grandes quintais (Figura 43). A respeito dessa disparidade em relação ao tamanho dos quintais, Silva sinaliza:

A medida de (15 por 30) metros é o normal, certos diretores quebraram a regra de certos terrenos e deu maior para alguns parentes, outros apossaram e estenderam aumentando o terreno. Em épocas passadas do Curiaú antigo, as coisas eram diferentes nessa questão de tirar terrenos para fazer casas, as pessoas escolhiam o local e não era preciso medir o tamanho, mas tinha que ter o limite do lado e do fundo para cuidar do quintal. [...] De 2005 a 2020, a medida é esta de 15 por 30 metros [...] outros grilaram nos anos de 2014 a 2020 sem permissão da AMQC pelos seus diretores [...] as pessoas que expandiram os terrenos por ganância e sem justificativa devem rever o

tamanho do espaço e ter coerência, pois muita gente vai precisar de um terreno para casa de filhos em um futuro bem próximo (SILVA, 2022, p. 53).

Figura 43. Casas do Quilombo do Curiaú



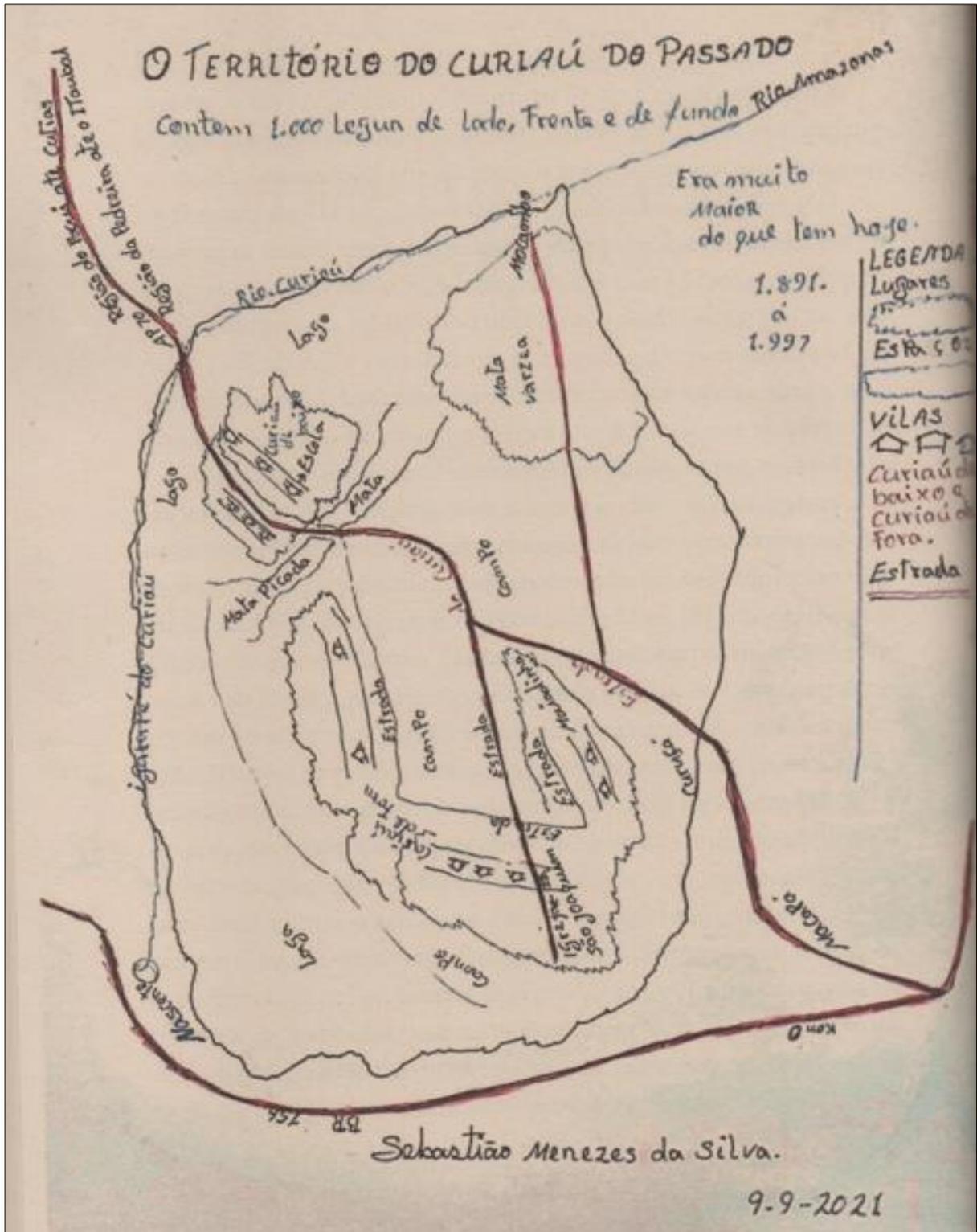
Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023). Organizado pela autora (2023).

A figura 43 retrata as diferentes tipologias residenciais do Quilombo do Curiaú, ver-se que os sobrados possuem uma área maior destinadas aos quintais em detrimento das casas de baixo padrão que contam com quintais mais reduzidos. Outra característica marcante no tocante as residências do Quilombolo do Curiaú, são as cercas e/ou muros que separaram as casas de alto padrão das de baixo padrão. As casas de baixo padrão geralmente não possuem muros em sua volta, quando existem cercas, estas são baixas e feitas de arame farpado.

Considerando a fala da colaboradora da pesquisa Esmeraldina dos Santos quando expressa, “quer dizer que os verdadeiros donos vão ficar sem as suas terras” ponderamos o eminente conflito pela terra entre os quilombolas que sempre estiveram no lugar e os que saíram e hoje estão retornando. O fato de muitas pessoas estarem vindo para o Quilombo do Curiaú, tem provocado o aumento da concessão de lotes de terras para construção de casas e quintais através da Associação de Moradores do Quilombo do Curiaú (AMQC). Essa prática cada vez mais comum, tem provocado insatisfação entre os moradores mais antigos, preocupados com a perspectiva de a qualquer momento não haver mais terras para serem doadas.

Para melhor compreendermos esse problema relacionado ao crescimento populacional *versus* diminuição do território, basta observamos o *croquis feito* por Sebastião Menezes da Silva sobre o território do Curiaú do passado (Figura 44).

Figura 44. O território do Quilombo do Curiaú do passado

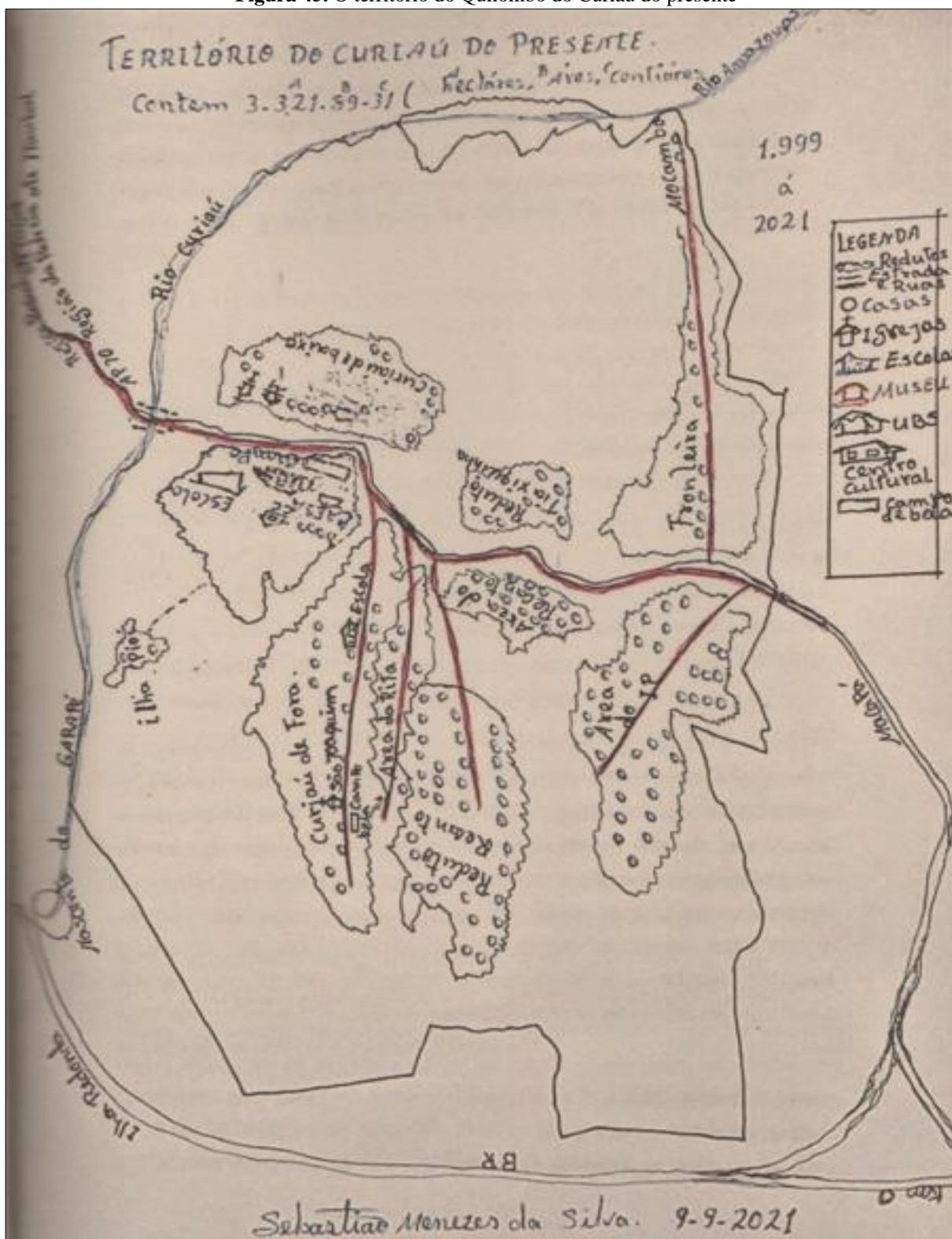


Fonte: (SILVA, 2022, p. 54).

No croquis da figura 44, Sebastião Menezes da Silva, explicita que o território do Curiaú do passado era muito maior comparado ao da atualidade. Pelo desenho notamos que haviam poucas vilas e não há o desenho de casas, isso nos leva a inferir que no referido território

havia um baixo número de habitantes. Bem diferente da realidade retratada no *croquis* da Figura 45 a seguir, em que o autor registra acentuada quantidade de casas, sinalizando para o aumento populacional ocorrido no Quilombo do Curiaú a partir do ano de 1999.

Figura 45. O território do Quilombo do Curiaú do presente



Fonte: (SILVA, 2022, p. 55).

Analisando a figura 45, podemos perceber que além do aumento do número de casas, surgiram no Curiaú novas ruas, igrejas, escola, museu, posto de saúde, centro cultural, campo de futebol, todos esses empreendimentos passaram a ocupar novos espaços dentro do território quilombola. Um dos lugares destacados no *croquis* da figura 45 compreende a região e/ou vila da Fronteira que no passado não existia, mas na atualidade é densamente povoada.

A Fronteira é uma das vilas de populações residentes no Quilombo do Curiaú, que recebe essa denominação “utilizada pelos quilombolas para identificar os limites ao sul de suas terras com a área urbana do Capilândia, composto pelos bairros Jardim I e II, em Macapá, distante aproximadamente a 3 km da vila de Curiaú de Fora e Curiaú de Dentro” (QUEIROZ, 2007, p. 25). No tocante ao surgimento da vila Fronteira, Queiroz menciona:

A coerção cidadina sobre o espaço territorial do Quilombo do Curiaú contribuiu para que os cidadãos quilombolas encontrassem métodos figurativos para assegurar a posse legal da região. Eles passaram a ocupar a área fronteira que faz limite com os bairros da zona norte denominados de Brasil Novo, Novo Horizonte e Ipê. O Objetivo era represar o crescimento da cidade de Macapá para as terras do Quilombo do Curiaú, construindo até mesmo um anteparo vivo com espécie vegetal da região (QUEIROZ, 2007, p. 66).

Quando trata da perda de território, Trindade (1999) aponta a existência de uma negociação institucional de parte das terras do Curiaú para criação dos bairros fronteiros, ainda no final da década de 1980:

Em 1985, na administração municipal de João Alberto Capiberibe, foi negociado com lideranças da comunidade uma área do Curiaú para o assentamento de algumas famílias de fora, dando origem ao bairro que faz fronteira com o Curiaú. Em troca, a comunidade teria a rodovia que liga o Curiaú à cidade asfaltada. O Curiaú perdeu uma área correspondente a 300 km² com a criação dos bairros Felicidade I e II (TRINDADE, 1999, p. 28).

Outro dado a ser identificado na figura 45 é a representação da área (bairro) do Ipê que no *croquis* do território do Curiaú do passado (Figura 44) ela não existe. Nos dias atuais o Ipê é apresentado pelo autor do *croquis*, como uma região com muitas casas sendo portanto, mais um dos vários bairros criados dentro do território quilombola do Curiaú.

Basicamente, ao longo deste segundo capítulo buscou-se compreender as tradições, costumes e hábitos dos quilombolas do Curiaú, na perspectiva de mostrar através de extratos do passado e do presente as rupturas e permanências ocorridas no âmbito das perdas territoriais, das manifestações culturais e dos saberes locais. Julgamos que tal conhecimento foi importante para confirmação da hipótese conferida ao estudo em questão, bem como garantir as possibilidades de leitura e melhor compreensão acerca das abordagens sobre comunidade e memória das quais trataremos no terceiro capítulo.

3. COMUNIDADE E MEMÓRIA DO CURIAÚ

“As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom ter uma comunidade, estar numa comunidade.”

(BAUMAN, 2003).

Para Bauman “a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado” (BAUMAN, 2003, p. 7). Nesse contexto definindo também o que é comunidade, Brandão e Leal a caracterizam como “desde os tempos antigos foi e segue sendo um lugar social arraigado da natureza, ou nela encravado ainda, em que pessoas, famílias e redes de parentes reúnem-se para viver suas vidas e dar, entre palavras e gestos, um sentido a ela” (BRANDÃO; LEAL, 2012, p. 77).

É sobre esse sentido de viver em comunidade, que se assenta a proposta deste último capítulo da dissertação. Ele é uma escuta sobre o que os integrantes da comunidade quilombola do Curiaú representados na figura de suas lideranças comunitárias, dos moradores escritores, educadores, religiosos e comerciantes tem a dizer sobre si mesmos, seus feitos e suas memórias (memórias do grupo).

Tais memórias serão demandadas na perspectiva da “memória coletiva” de Halbwachs (1990) que afirma que “só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes do pensamento coletivo”.

Em outras palavras, para Halbwachs a “memória coletiva” pelo qual localizamos as lembranças, estão intrinsicamente ligadas aos contextos sociais em que elas foram geradas e que “podem se diluírem e se anularem, isso porque elas formam um sistema independente, pelo fato de serem as lembranças de um mesmo grupo, ligadas uma as outras e apoiadas de certo modo uma sobre a outra” (HALBWACHS, 1990, p. 33).

Nesse sentido, podemos afirmar que o viver em comunidade no efetuar da resistência, militância, fé, tradição, costumes e hábitos geram memórias as quais não são facilmente esquecidas por ocorrerem no mesmo meio social, gerando lembranças robustas e mais perenes, “nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais” (HALBWACHS, 1990, p. 36).

Considerando o conceito de “memória coletiva” cunhado por Halbwachs, quando afirma que “nossas lembranças permanecem coletivas por que nunca estamos sós; sempre temos conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p. 26) faremos um uso mais expressivo a partir deste capítulo, das memórias dos (as) sujeitos (as) colaboradores (as) da pesquisa, pois eles têm lembranças em comum, do coletivo, recordam com riquezas de detalhes a história do grupo. É o momento das narrativas sobre a vida e os espaços onde vivem por nove gerações, “recriando o universo de pertença e de afinidades” Marin e Castro (2004).

Outro instrumento privilegiado de pesquisa além do registro de memórias que utilizamos no decorrer deste estudo foram as fotografias, que permitem tratar os dados não verbais (COLLIER JUNIOR, 1973). As “fotos são registros do tempo, do cotidiano, das práticas sociais dos grupos, de famílias e da comunidade, são registros dos velhos, dos lugares que vão sendo descobertos, dos valores cujo sentido sempre é expresso verbalmente” (MARIN; CASTRO, 2004, p. 25).

Para Marin e Castro (2004), as fotografias ajudam o pesquisador na interação e lhes fornecem um elemento à interpretação das situações dadas. Por outro lado, para Collier Junior (1973), podem evitar a necessidade do pesquisador voltar a campo ou mesmo que ele perceba informações que não poderiam ter sido capturadas em forma de entrevista ou que não foram anotadas.

Desse modo, “a fotografia é um processo de abstração, embora seja em si um processo vital para a análise. Assim, quando fotografamos, devemos nos considerar empenhados num trabalho de sutilezas” (COLLIER JUNIOR, 1973, p. 44-45). Diante da importância desses dois instrumentos de pesquisa: o registro de memórias e as fotografias, apresentamos neste capítulo tanto as memórias como as fotografias (Figuras 46, 47 e 48) dos (as) nossos (as) sujeitos (as) colaboradores (as) da pesquisa.

As narrativas contadas pelos nossos interlocutores, são considerações sobre a vida no quilombo, suas memórias, crenças e tradições bem como o registro dos problemas que afetam suas existências no Quilombo do Curiaú. É sobretudo um relato das mudanças ocorridas no quilombo ao longo dos anos que modificaram tanto o modo de vida dos quilombolas como a paisagem local como a destruição dos rios, lagos e florestas. Em resumo, é a história de um grupo que busca manter viva a sua memória já que “toda memória coletiva advém do seu contexto histórico e social, a memória do passado, depende do presente e vice versa, sem memórias não existem identidades e a construção coletiva torna-se estérea e fadada ao esquecimento” (BEZERRA, 2016, p. 143).

Figura 46. Colaboradores da Pesquisa

COLABORADOR (A)	APRESENTAÇÃO
	<p style="text-align: center;">“Eu já nasci quilombola”</p> <p>O meu avô, o pai do meu avô, o avô do meu avô era descendente de escravo, aí quando eles fugiram da Fortaleza de São José vieram morar para cá, aí criaram esse quilombo, aí quando eu nasci, <i>eu já nasci quilombola</i> (Claudionor Silva da Silva, 2023).</p> <p>Claudionor Silva da Silva (48 anos), nascido e criado no Quilombo do Curiaú, é evangélico, já foi agricultor, motorista e atualmente é comerciante e proprietário da Baiuca do Negão localizada no Curiaú de Fora, onde vive com sua família.</p>
	<p style="text-align: center;">“Sempre estive aqui”</p> <p>Ser quilombola é ser uma pessoa raiz que valoriza a comunidade, que procura ajudar dentro da comunidade da melhor maneira possível e procura estar sempre presente, como eu que <i>sempre estive aqui</i> conversando com as pessoas, trocando ideias para que a comunidade se desenvolva (Cleonaldo Silva da Silva, 2023).</p> <p>Cleonaldo Silva da Silva (46 anos), nascido e criado no Quilombo do Curiaú, é católico, comerciante e proprietário da Mercearia Alana localizada no Curiaú de Dentro, onde vive com sua família.</p>
	<p style="text-align: center;">“Somos todos descendentes de escravos”</p> <p>Quilombola é ser uma pessoa, que mora num local como esse que moramos, porque esse Curiaú, ele nos deu uma fortaleza que nosso povo, que veio da África, aqueles primeiros que chegaram aqui, eles se amocambavam, como eles diziam, esconder-se numa pedra que nós chamamos de mocão, eles se amocambavam. Então, o Curiaú, ele virou um quilombo porque <i>somos todos descendentes de escravos</i> (Esmeraldina dos Santos, 2023).</p> <p>Esmeraldina dos Santos (68 anos), moradora do Curiaú, é católica, escritora de seis livros publicados, costureira, compositora de ladrões de Marabaixo, dançadeira de Batuque, cantadeira, contadora de história, é graduada em Pedagogia e mestranda do Curso de Educação, Cultura e Diversidade da UNIFAP.</p>
	<p style="text-align: center;">“E somos nós as mulheres que estamos à frente”</p> <p>A nossa manifestação raiz é o Batuque então, tudo se resume em volta das nossas festas tradicionais e <i>somos nós as mulheres que estamos à frente</i>, estamos nas cozinhas, nos bares organizando esses festejos para dar continuidade e perpetuar essa cultura que a gente tem dentro do Quilombo do Curiaú (Ísis Tatiane da Silva dos Santos, 2023).</p> <p>Ísis Tatiane da Silva dos Santos (42 anos), é católica, de família tradicional do Curiaú, é ativista feminina, há seis anos é presidente da Associação de Mulheres Mãe Venina do Quilombo do Curiaú, é educadora popular, é graduada em História pela UNIFAP, e especialista em Estudos Culturais e Políticas Públicas.</p>

Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Figura 47. Colaboradores da Pesquisa

COLABORADOR (A)	APRESENTAÇÃO
	<p>“Eu sou descendente de quilombola”</p> <p><i>Eu sou descendente de quilombola porque o quilombola nascido aqui foi meu pai, então eu já sou descendente. Quando meu pai adoeceu nós viemos para cá, mas a gente nasceu fora, estudamos, nos empregamos e já viemos agora depois de grande e já estabilizados financeiramente (Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos, 2023).</i></p> <p>Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos (61 anos), é católica, de família tradicional do Curiaú, assumiu a presidência da Associação dos Moradores do Quilombo do Curiaú (AMQC) em 2022, é costureira, é técnica em enfermagem, é professora da rede estadual de ensino e especialista em Neuropsicopedagogia.</p>
	<p>“Eu já nasci cultuando os meus antepassados”</p> <p><i>Sou de matriz africana, eu já nasci cultuando os meus antepassados Sou quilombola e ser quilombola é ter a consciência de pertencimento, aquela ancestralidade, aquela cultura, aquele modo de vida e de ser de uma comunidade afrodescendente (Maria das Dores e Silva, 2023).</i></p> <p>Maria das Dores e Silva (45 anos), é professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Escola Estadual Quilombola Estadual José Bonifácio, no Quilombo do Curiaú, é graduada em Pedagogia pela UNIFAP, é especialista em Práticas Pedagógicas Aplicadas a Pessoas com Necessidades Educativas e especialista em Neuropsicopedagogia Institucional Clínica e Hospitalar.</p>
	<p>“Estamos livres aqui”</p> <p><i>Ser quilombola é viver a tradição de quilombo, ter uma plantação, viver numa área livre, não estar prisioneiro, estamos livres aqui, com a consciência que a gente tem que preservar, cultivar a terra, embora hoje nem todos cultivem mais (Maria Lúcia Miranda Silva, 2023).</i></p> <p>Maria Lúcia Miranda Silva (62 anos), nasceu e foi criada no Quilombo do Curiaú, é católica, é Coordenadora de Batismos e dos Dízimos da Igreja Católica Santo Antonio no Curiaú de Dentro.</p>
	<p>“Ser quilombola é preservar a nossa cultura”</p> <p><i>Ser quilombola é preservar nossa cultura, nossas tradições é ter uma ligação muito estreita com o meio ambiente porque nós trabalhamos a terra, mas nós também temos a preocupação de preservar (Núbia Maria Ramos Lopes, 2023).</i></p> <p>Núbia Maria Ramos Lopes (56 anos), é professora do primeiro ao quinto ano. Atualmente integra a equipe de projetos do Curiaú, mostra a tua cara da Escola Estadual Quilombola Estadual José Bonifácio, é moradora do Quilombo do Curiaú. Sua trajetória na educação iniciou aos dezesseis anos de idade. Trabalha na escola do Quilombo do Curiaú desde 1991.</p>

Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Figura 48. Colaboradores da Pesquisa

COLABORADOR (A)	APRESENTAÇÃO
	<p data-bbox="751 322 1331 356">“Eu já morri, eu voltei por causa de um sapato”</p> <p data-bbox="730 387 1399 633">“Se eu voltei para alguma missão, eu tenho que fazer na minha comunidade em cada área onde eu puder estar envolvido. E eu passei a fazer tudo um pouco dentro da comunidade desde que eu passei por essa situação de morte. Ser um quilombola nada mais é de que um povo que veio da África, passou a ser escravo no Brasil e depois na fuga foi procurar se refugiar em lugar chamado de quilombo. Sou quilombola porque nasci aqui e vim dessa linhagem que já está na nona geração fechada nesse Curiaú” (Sebastião Menezes da Silva, 2023).</p> <p data-bbox="579 665 1399 824">Sebastião Menezes da Silva (64 anos), nasceu e foi criado no Quilombo do Curiaú, onde vive com sua família, é agricultor, autor de quatro livros sobre a história do Curiaú, declara-se um curiauíense nato e afeiçoado pelo Curiaú. Aos dezesseis anos criou sua primeira roça, por isso, estudou até a quinta série do Ensino Fundamental.</p>
	<p data-bbox="730 866 1246 900">“Aqui, sou a líder da igreja da Cemeadap”</p> <p data-bbox="730 931 1399 1095">“A principal dificuldade aqui é a dureza de coração do povo, porque eles foram criados no regime de quilombo. E eles não têm aquela simpatia pelo Deus que a gente tem. Porque se eles acreditassem no mesmo Deus que eu creio, Jesus Cristo como nosso Salvador, mas não, eles buscam outras fontes, nos santos que eles foram ensinados” (Ulda Nazaré Alves, 2023).</p> <p data-bbox="579 1126 1399 1285">Ulda Nazaré Alves (67 anos), é missionária/líder religiosa responsável pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus, localizada no Curiaú de Fora. Desenvolve suas atividades religiosas no Quilombo do Curiaú há dezenove anos. Suas celebrações e cultos acontecem semanalmente às quartas-feiras, sextas-feiras e aos domingos.</p>
	<p data-bbox="716 1348 1126 1382">“Nasci e me criei na comunidade”</p> <p data-bbox="730 1413 1399 1576"><i>Nasci e me criei na comunidade</i>, sou quilombola. Ser quilombola para mim, é valorizar as nossas tradições, a nossa cor, tudo aquilo que a gente possui na nossa comunidade como a agricultura, a nossa alimentação. É preservar tudo isso, é envolver os nossos jovens para que leve a nossa cultura em frente, para não deixar acabar (Vanessa do Rosário Ramos, 2023).</p> <p data-bbox="579 1608 1399 1767">Vanessa do Rosário Ramos (43 anos), é católica, moradora do Quilombo do Curiaú, é funcionária pública lotada na Escola Quilombola Estadual José Bonifácio há quatro anos, é defensora de que os jovens do Curiaú precisam dar continuidade nas tradições do lugar, para que sejam perpetuadas.</p>

Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

As figuras 46, 47 e 48 apresentam nossos colaboradores da pesquisa a partir de suas falas, como se definem, o que fazem e o que para eles significa ser um quilombola. Percebemos através de seus discursos o sentimento de pertença, quando se identificam com o quilombo ao passo de demonstrarem cuidado e desejo de conservá-lo bem como apreço pela cultura local.

3.1. A Associação dos Moradores e a Associação de Mulheres Mãe Venina

De acordo com Tocqueville, “o direito de associação é poder se reunir e nessa reunião os homens se encontram, os meios de execução se combinam, as opiniões se apresentam com aquela força e aquele calor que o pensamento escrito jamais pode alcançar” (TOCQUEVILLE, 2005, p. 220). À vista disso, o associativismo corresponde diretamente à defesa da liberdade na busca pelo bem coletivo de uma minoria ou até da própria sociedade. Para Tocqueville “o direito de associação é reconhecido e os cidadãos podem servir-se dele de diferentes maneiras” (TOCQUEVILLE, 2005, p. 220).

Tocqueville se refere a uma associação como:

- Uma adesão que consiste na adesão pública que certo número de indivíduos dá a determinadas doutrinas e no compromisso que contraem de contribuir de uma certa maneira para fazê-las prevalecer.
- O que reúne em feixe os esforços de espíritos divergentes e impele-os com vigor em direção a um só objetivo claramente indicado por ela.
- Lugar onde se aprende a conhecer uns aos outros, e seu ardor cresce com seu número.
- Um direito, quase tão inalienável por sua natureza quanto a liberdade individual (TOCQUEVILLE, 2005, p. 220 e 224).

Desse modo, nas comunidades tradicionais a vida associativa é sempre imprescindível, uma vez que estas precisam estar constantemente mobilizadas contra antigas e novas batalhas, “as comunidades não se fazem tradicionais por meio de alguns traços folclorizáveis de sua cultura, mas se tradicionalizam como estratégias de defesa, como um modo de existir dividido entre a relação dependente do mundo de fora e uma protegida quase invisibilidade” (BRANDÃO; LEAL, 2012, p. 73).

Sobre a vida e organização comunitária no Quilombo do Curiaú, Silva destaca:

As associações são ferramentas e mecanismos para ajudar na melhoria da comunidade em todos os sentidos, e uma das atribuições das associações existentes no Curiaú é promover a interação entre as pessoas. Sendo que as associações não podem impor suas ideias, pois as decisões tem que ser coletivas. E a diretoria tem que estar em comum acordo com a maioria dos moradores quilombolas, curiaueses e associados. Fica assegurado que para ser presidente das associações, a pessoa tem que ser nascido, criado e morar pelo menos (10) anos na comunidade. E que tenha um profundo conhecimento das questões da comunidade. [...] quaisquer que sejam as mudanças, construções ou ações que venham impactar os interesses da comunidade, o assunto deverá ser discutido coletivamente não se restringindo à direção da associação dos moradores, como assegura o artigo 6º da Convenção nº 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. Fica assegurado que todos os descendentes e remanescentes do Curiaú a partir de 16 anos, tem direito de votar para escolher seus representantes. Ficando facultativo o voto (SILVA, 2022, p. 81).

No Curiaú, a Associação dos Moradores do Quilombo do Curiaú (AMQC) tem como presidente a Sra. Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos,⁵⁷ que está à frente da AMQC desde junho de 2022. Na AMQC ocorre o associativismo pautado nos anseios da coletividade do quilombo. Um exemplo disso, segundo a presidente Maria Celestina Santos, é a busca junto aos meios legais pelo perdão das dívidas da Associação, contraídas pela não prestação de contas de exercícios sociais passados, mais precisamente de 25 a 30 anos atrás.

Hoje, o principal problema é a inadimplência da Associação, a desorganização. Nós já estamos com um ano de certidão de fato e de direito para poder andar, mas ainda estamos encontrando muita dificuldade em decorrência da inadimplência que é o maior gargalo. A questão da regularização, tá se dando através de advogados e contadores que estão buscando brechas nas leis em que a gente possa argumentar e ter a adimplência, né? Porque a questão do pagar, a dívida é altíssima nós não vamos conseguir e como já está há muitos anos, aí então, se busca brecha na lei para que se possa ter o direito de se manter com as licenças e sem estar negativado (Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos, 2023).

Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos, usa o termo “gargalo” para o problema da inadimplência da AMQC, pois esse *status* confere à AMQC um alijamento dos recursos ou verbas públicas que poderia receber e não recebe. Essa não captação de recursos financeiros engessa a atuação da AMQC quanto ao combate a várias formas de vulnerabilidade social dos quilombolas que vivem fortemente afetados pela condição reduzida de emprego e renda como revela os dados do Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades de agosto de 2023, ao demonstrar que pessoas negras e mulheres são os grupos mais afetados por todas as dimensões da desigualdade:

Os homens negros, sobretudo os mais jovens, tendem a ser excluídos do sistema educacional e são as principais vítimas da violência. No Brasil, 28,7% dos jovens de 15 a 17 anos estão fora do Ensino Médio. Entre os homens negros, porém, a taxa sobe para 35,7%. Em diversos Estados, quase metade dos jovens negros (15-17 anos) está fora do Ensino Médio. No Acre são 48,2%, no Pará, 45,2%, no Rio Grande do Norte, 44,5%, em Pernambuco, 44,2%, em Sergipe, 44,9% e na Bahia, 47,2%. Já no caso das mulheres não-negras, a taxa no país é de 21,2%. Em 2018, o analfabetismo funcional atingia 32,8% dos homens negros, contra 21,1% da mulher não negra (branca ou amarela). As pessoas negras representam 76,9% das vítimas de mortes violentas intencionais e são 83,1% das vítimas das mortes decorrentes de intervenções policiais (Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades, 2023, p. 5).

Para a presidente da Associação de Mulheres Mãe Venina do Quilombo do Curiaú, Ísis Tatiane dos Santos,⁵⁸ o associativismo das mulheres do Curiaú remonta 1997 e tem se

⁵⁷ Cf. Apresentação completa de Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos na pág. 95, figura 47.

⁵⁸ Cf. Apresentação completa de Ísis Tatiane da Silva dos Santos na pág. 94, figura 46.

pautado no enfrentamento ao racismo, sexismo e em ações que ensejam no empoderamento financeiro das mulheres negras da comunidade, tornando o exercício das práticas associativas em arma⁵⁹ contra os contínuos ataques da desigualdade social a qual são submetidas as mulheres, e em grau maior, as mulheres negras.

A Associação de Mulheres Mãe Venina do Quilombo do Curiaú, hoje já está na sua sexta diretoria, nesse período de seis diretorias cada diretoria deu um objetivo para ela, mas nessa minha gestão de 2016, aliás desde 2013 para cá, a gente vem trabalhando muito a questão do racismo, da violência contra mulher, dos sexismos e das questões que muito infringem tanto o emocional, como financeiramente a vida dessa mulher dentro do nosso território. [...], nós mulheres somos a maioria que se forma, nós somos as que mais estudam, as que detém os maiores graus de escolaridade dentro da comunidade ainda somos as lideranças familiares dentro da nossa comunidade, porque tem muitas mães que são chefes de famílias. A gente está na vanguarda dos movimentos sociais porque nós somos a primeira Associação de Mulheres quilombolas, constituída do Brasil porque a gente é de 1997, fizemos um estudo a nível de Brasil e vimos que enquanto organização de mulheres quilombolas nós somos a primeira. Então, a gente faz um trabalho de excelência. A Associação começou com o intuito de organizar os festejos tradicionais, e a cada geração, a cada diretoria ela ganhou objetivos, a gente já cuidou da parte ambiental com vistas a cuidar do território, da parte cultural que foi para organizar os nossos festejos. E agora com a questão do enfrentamento ao racismo ao sexismo. E aí a gente agora, principalmente, a gente briga pelo empoderamento financeiro dessas mulheres, porque a gente as incentiva a estudarem para estar ocupando os espaços de poder de decisão e para darem um retorno para dentro da comunidade (Ísis Tatiane da Silva dos Santos, 2023).

De fato, é muito importante para as mulheres negras estarem congregadas em uma associação, pois não se trata de meros agrupamentos, reuniões e encontros, são espaços de criação, debates e ideias que as ajudam na diminuição do peso das contínuas discriminações e preconceitos, aliados ao jugo da desigualdade social, como no exposto no Relatório do Observatório brasileiro das desigualdades (2023):

A mulher negra convive com mais precariedade habitacional e mais insegurança alimentar. A discriminação no mercado de trabalho também é evidente: a mulher negra ganha, em média, apenas 42% do que recebe o homem não negro (branco ou amarelo). Na região metropolitana de São Paulo, esse valor é ainda mais baixo 38,8% e, em Vitória, chega a 34%. E são as mulheres negras as que mais sofrem com o desemprego: em 2022, a taxa alcançou 14% para as mulheres negras, contra apenas 6,3% para os homens não negros (Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades, 2023, p. 5).

Ísis Tatiane dos Santos (Figura 49) e Maria Celestina dos Santos (Figura 50) são mulheres negras e representantes da Associação de Mulheres e Associação de Moradores

⁵⁹ Uma associação é um exército; nela as pessoas falam para se contar e se animar, depois marcham contra o inimigo (TOCQUEVILLE, 2005, p. 225).

respectivamente, são exemplos de mulheres negras que romperam a barreira do analfabetismo e o desemprego e através de suas militâncias, envolvem outras mulheres e homens negros na busca por melhores perspectivas de vida na condição de quilombolas do Curiaú. No diálogo com essas interlocutoras, conhecemos suas formações acadêmicas e atividades laborais bem como, o percurso até chegarem aos cargos que exercem dentro do Quilombo do Curiaú.

Ísis Tatiane dos Santos, a atual presidente da Associação de Mulheres Mãe Venina do Quilombo do Curiaú, relata que ainda pertencia ao grupo de jovens da Igreja Católica quando foi “tocada” termo usado por ela, para apontar o momento em que decidiu lutar pelas causas sociais do quilombo:

Eu comecei a militar pelo grupo de jovens da igreja, por que a maioria de nós quando começa na militância para se tornar liderança nas comunidades começam pela questão da igreja. Eu saí do grupo de jovens e aí fui tocada, chamada para vir militar [...] Em 1997 eu me associei e comecei a militar, mas assim, tá engajada, engajada mesmo foi a partir de 2008, quando eu entrei na Universidade Federal do Amapá, que aí eu fui sido chamada, tocada, a está na militância e dá visibilidade as coisas das mulheres da minha comunidade [...] sou Bacharel em História, educadora popular e especialista em Estudos Culturais e Políticas Públicas (Ísis Tatiane da Silva dos Santos, 2023).

Maria Celestina dos Santos, atual presidente da Associação de Moradores do Quilombo do Curiaú (AMQC), conta que passou a morar no Quilombo do Curiaú após doença e falecimento de seu pai, mas sempre se engajou nas causas quilombolas:

O nosso trilhar, se deu em decorrência de eu ter vindo para cá, pela morte do meu pai e a gente está assim assistindo aqui e ali pois sou técnica de enfermagem, sou professora e em decorrência da ajuda que a gente ia dando aos poucos [...] sou professora especialista em Neuropsicopedagogia. Hoje, tenho o vínculo com o município de Macapá e com o estado. Sou inativa do município. Estou ativa somente no estado. Estou dando aula. A gente agora tá pleiteando um mestrado na área da educação inclusiva, sou costureira também (Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos, 2023).

Figura 49. Ísis Tatiane da Silva dos Santos



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Figura 50. Maria Celestina da Silva dos Santos



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Já se sabe que no Quilombo do Curiaú a procura por terra pelos quilombolas e seus descendentes tem aumentado nos últimos. Isto está ocorrendo segundo o colaborador da pesquisa Sebastião Menezes da Silva, porque muitos “foram para cidade para o centro estudar e lá se formaram, casaram ficaram por lá e hoje estão voltando para o quilombo”. Sobre esse fato, perguntamos à presidente da AMQC, se esta procura estaria mesmo acontecendo e por que e quais seriam os trâmites para se obter uma concessão de terra. A presidente da AMQC, Maria Celestina Santos responde:

Está acontecendo sim, é verídico esse fato, por que antes aqui a subsistência só era agricultura ou pecuária as pessoas queriam buscar conhecimento, e aqui era limitado e iam para fora e nesse sair a pessoa se escolariza e muitas das vezes quando tem oportunidade já volta casado [...]. A pecuária, e agricultura dentro do Curiaú hoje, não é mais um meio de subsistência, porque já não dá pra pessoa se sustentar mais. As pessoas que necessitarem de um lote de terra devem se dirigir a Associação para preencher um formulário e solicitar concessão, porque eu enquanto presidente não posso dizer que vou dar terreno para a ou para b. Essa competência é da comissão de terra e do diretor de patrimônio. Eles é que vão avaliar, ver onde tem espaço e se a pessoa tem direito após exame documental para saber se a pessoa vai poder receber uma concessão porque a terra é coletiva não se pode doar lote. Pode permitir através de uma concessão a pessoa fazer o uso do espaço e a hora que a pessoa não quiser mais ela retira o que é seu, mas a terra fica para o coletivo (Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos, 2023).

A AMQC, está entre as representações da comunidade quilombola do Curiaú que mais tem participação nas conquistas sociais para o local como assinala Trindade:

Em 1987, os moradores do Curiaú organizaram a Associação de Moradores da Comunidade do Curiaú (AMCC). Em 02 de Abril de 1996, a Associação solicitou a regularização fundiária de suas terras com base no Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT). Três anos depois, em 1999, o Curiaú tornou-se a primeira comunidade quilombola no Amapá, a ter seu título de território quilombola emitido pelo INCRA, o que lhes garantiu o direito territorial coletivo de acesso, de uso e de controle sobre os recursos naturais (TRINDADE, 2015, p. 31).

Para Maria Celestina Santos, a AMQC sempre busca apoiar todos os movimentos culturais que são realizados no Curiaú:

[...] a gente apoia todos [...]. Quando tem os movimentos, nós sempre nos fazemos representar enquanto Associação. Tem sempre um dos nossos membros participando dos movimentos da comunidade, é a forma que a gente contribui com eles. Ah, vai ter um bingo, então nós da Associação ajudamos. É preciso divulgar, a gente divulga. A gente sempre contribui com o primeiro passo, pois para acontecer a parte profana é a Associação que tem que solicitar o documento à SEMA que é para poder de lá, eles pegaram o norte e irem em busca da licença ambiental dos Bombeiros. Como nossa comunidade se encontra dentro da APA devem existir essas tratativas e caminhos a serem seguidos para que tudo ocorra dentro da legalidade (Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos, 2023).

3.2. A vida e obra de Esmeraldina dos Santos e Sebastião Menezes da Silva: escritores do Quilombo do Curiaú

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida.

(BOSI, 1979).

“Procurei o velho Breu, procurei o velho Martin, o velho Barba o velho Men e principalmente a minha avó que foi quem mais me deu informação” diz seu Sebastião Menezes da Silva, (64 anos) em entrevista, sobre qual teria sido a estratégia utilizada por ele quando ainda era jovem, para saber da história do Curiaú nos tempos dos primórdios. Esse fato, evidencia as inferências sobre o papel dos velhos na construção da memória em Ecléa Bosi:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade: "Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensinar aos jovens a partir da iniciação (BOSI, 1979, p. 23).

De acordo com Ecléa Bosi, os velhos “já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis e sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta” (BOSI, 1979, p. 22). De acordo com Bosi, os velhos estão mais desprendidos dos enfrentamentos e paradoxos do tempo presente os quais estão submetidos os mais jovens.

Assim, se enquadram nossos dois entrevistados mais velhos: Sebastião Menezes da Silva e Esmeraldina dos Santos que celebra ao nos dizer “eu convivi com o meu avô, que contava a história que o pai dele contava, para mim isso foi muito válido para hoje eu poder passar para os outros, para outras pessoas que querem entender”.

Segundo Bosi, “o velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsiva seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito” (BOSI, 1979, p. 23).

Comprovando essa prerrogativa de Bosi, que uma das formas dos velhos fixarem suas lembranças são através de registro escrito, apresentaremos a seguir a vida e obra de dois

moradores antigos e escritores locais do Quilombo do Curiaú: um de 68 anos e outro de 64 anos, Esmeraldina dos Santos e Sebastião Menezes da Silva, respectivamente.

Figura 51. Esmeraldina dos Santos



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Esmeraldina dos Santos é moradora do Quilombo do Curiaú há mais de duas décadas, “eu estou há vinte e dois anos aqui, eu não nasci no Curiaú, eu nasci no Laguinho, mas meu pai, minha mãe, meus irmãos todos nasceram no Curiaú, portanto, eu venho de uma família de centenários do Curiaú”, diz nossa entrevistada. Esmeraldina dos Santos é escritora com seis livros publicados. O seu primeiro livro publicado foi “*Histórias do meu povo*” (2002), de teor memorialista, nele Esmeraldina narra histórias do Quilombo do Curiaú, através das lembranças de seu pai o sr. Maximiano dos Santos conhecido popularmente como Tio Bolão.

Meu primeiro livro foi a “Histórias do meu povo”, resultou das conversas com meu pai....a pessoa vai ficando na velhice, ele vai sentindo assim, é hora de partir. E o meu pai sentia que ele estava partindo. Aí ele pegou uma tarde, a gente morava ali no Laguinho.... E ele estava sentado em um banco, que era um banco que a gente tinha grande na sala, e ele se sentava na janela, que a casa ainda era de madeira, uma parte de madeira. Aí ele pegou... sentado estava falando e eu sentada, perto da televisão, com o caderno da minha filha, que eu estava ensinando ela a fazer o trabalho dela de casa. Aí ele começou a

falar, falar, falar, aí eu peguei, olhei pra ele, aquilo me despertou, eu olhei pra ele e disse assim, o que o senhor tanto fala, meu pai? Aí ele me disse assim, é minha filha, só que as palavras o vento leva, e quando a gente morre leva tudo. Aí aquilo me fez assim, pegar o caderno e começar a escrever o que ele tava me dizendo. Eu disse, me conte essas histórias, ele começou a me contar e eu comecei a escrever. No caderno, que eu tenho até hoje. Comecei a escrever no caderno, comecei a escrever. E ele começou a adoecer. Quando a gente saía, quando a gente estava em casa, ele me contando e eu continuava a escrever as histórias que ele estava me contando. Ele começou a adoecer e aí quando eu ia com ele para o pronto socorro, para pneumologia, eu levava o caderno na bolsa. E aí ele tomava aquele remédio, ele se sentava na cama. Aí sempre eu tava com ele, que me dizia assim, minha filha tu trouxe teu caderno? Eu dizia, eu trouxe, aí ele dizia, vamos escrever. Aí ele se sentava na cama e eu na cadeira, então, começava a me contar as histórias e eu ia as escrevendo (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Ao analisarmos a fala de Esmeraldina Santos ao dizer de quais memórias resultaram no conteúdo do seu primeiro livro, notamos total coerência com as afirmações de Bosi sobre a memória dos velhos, “a situação do velho, do homem que já viveu sua vida ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 1979, p. 23).

Escrever ainda que seja uma tarefa árdua que exige esforço, dedicação, publicar um livro é tarefa duplamente árdua, nesse sentido, indagamos a Esmeraldina dos Santos sobre como ocorreu o processo de publicação deste primeiro livro, ela nos conta:

Um dia o Fernando Canto,⁶⁰ como sempre foi nosso amigo, a gente cresceu junto no Laguinho, foi lá em casa conversar com a mamãe, a mamãe disse assim, olha Fernando, a Esmeralda estava escrevendo uma história que o pai dela estava contando pra ela, aí ele disse assim, mostra aí Esmeraldina, e eu disse não, Fernando, não terminei, o papai morreu, parei até de fazer, me mostra aqui, e eu levei pro Fernando Canto, aí ele pegou e disse, vamos publicar. Quando ele disse, vamos publicar, eu pensei que não ia ser publicado. Aí realmente foi publicado o meu livro *História do meu povo*, né? E foi uma homenagem muito grande, porque era lindo ver a maneira que ele contava, da maneira como o meu tio Piu contava as coisas que aconteceram com eles. Então foi uma ideia. E eu comecei... e parei nesse livro [...] (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Assim, o primeiro livro de Esmeraldina dos Santos, fruto das lembranças de seu pai, publicado pela iniciativa de um amigo constitui-se no primeiro de uma série de outros livros lançados com a temática sobre a história do Quilombo do Curiaú e o bioma local. O segundo livro veio após nove anos da publicação do primeiro, Esmeraldina dos Santos conta que voltou a estudar em 2011 para cursar o Ensino Médio, então foi incentivada a escrevê-lo.

⁶⁰ Fernando Pimentel Canto é escritor, músico, compositor e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

Eu vim voltar a escrever em 2011, quando eu fui cursar o Ensino Médio aqui na Escola Maria do Carmo, que voltei a estudar. Aí escrevi o livro *As aventuras de dona Florzinha*, conversando com a mamãe bem aqui, que não tinha ainda essa parte da maloca. Eu ia pra aula, tava as queimadas, queimadas, queimadas, e os bichos saindo da mata. Então, vinha os macacos e ainda vem. Aqui, tem hora que a senhora precisa ver eles pulando, eles vêm até aqui. Eles chegam até à minha casa. Os bichos, eles andam tudo aqui nessas árvores, todinhas. Eles vêm porque nós estamos na mata. Nós estamos dentro da floresta. Tem um lago aqui atrás, lá embaixo tem outro lago. E os bichos saem, eu disse, olha, mamãe, dá um ladrão de Marabaixo, porque ela fazia música. Aí depois eu fiquei pensando isso, por que não escrever um livro? Fazer o livro, depois a gente faz a música para mostrar para nossas crianças como é que a gente faz um ladrão de Marabaixo e assim aconteceu (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Depois do primeiro livro, escrito a partir das lembranças de seu pai, Esmeraldina dos Santos dedicou-se a escrever livros sobre os animais da floresta para o público infantil, neles ela conta histórias de animais pertencentes a flora e fauna brasileira, especialmente da Amazônia. Essas histórias tem seu fulcro na preservação da natureza e na denúncia contra os crimes ambientais em razão das intensas queimadas e desmatamentos, uma ameaça a vida dos animais da floresta.

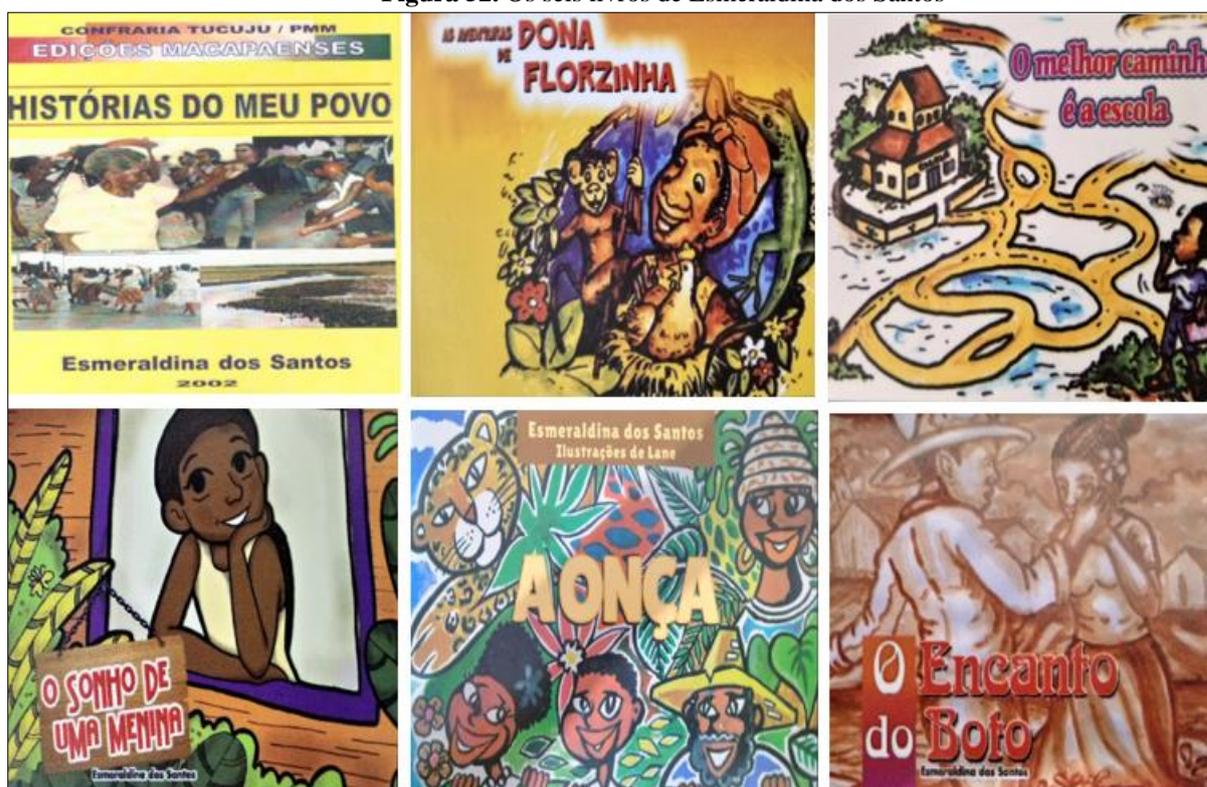
Como mencionado por Esmeraldina dos Santos, os livros narram histórias que também se transformam em ladrões de Marabaixo que são ensinados para crianças do quilombo. O livro *As aventuras de Dona Florzinha* por exemplo, foi lançado juntamente com um CD. Nesse sentido seus livros têm duplos objetivos: falar da natureza na qual está inserido o Quilombo do Curiaú e ao mesmo tempo contribuir para com as principais manifestações culturais do quilombo que são o Batuque e o Marabaixo, através do ensino e do canto de novos ladrões à nova geração.

Os outros quatro livros escritos e publicados por Esmeraldina dos Santos são: *O melhor caminho é a escola*; *O sonho de uma menina*; *A Onça* e *O encanto do boto*. O contexto e motivações nas quais esses quatro livros foram escritos, Esmeraldina dos Santos relata:

Escrevi o livro *O melhor caminho é a escola* para incentivar nossas crianças, a não pararem de estudar. Porque quando você para de estudar, quando você tem vontade de voltar, pode voltar aos 53 anos⁶¹ como voltei. Ainda que nunca seja tarde para voltar e acreditar em você, para você dizer assim, eu vou porque eu posso fazer e você faz. O próximo livro a ser escrito foi *O sonho de uma menina*, que já escrevi durante a pandemia e depois do câncer que eu tive. Logo após, escrevi o livro *A Onça*, que eu já tinha parte do conteúdo, pois já cantava como ladrão de Marabaixo, então só fiz o livro. E na sequência escrevi o livro *O encanto do boto*. O próximo livro a ser publicado será *O tamanduá*, porque eu gosto de escrever sobre os meus animais, quando saem da floresta (Esmeraldina dos Santos, 2023).

⁶¹ Hoje aos 68 de idade Esmeraldina dos Santos é mestrandia em Educação, Cultura e Diversidade.

Figura 52. Os seis livros de Esmeraldina dos Santos



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023). Organizado pela autora (2023).

É considerável a contribuição para a cultura popular os livros de Esmeraldina dos Santos, é um grande aporte para o registro da memória coletiva do Quilombo do Curiaú. É uma representação do modo de vida das primeiras gerações do quilombo, principalmente quando se trata do primeiro livro *Histórias do meu povo*, lançado em 2002. Já os demais livros são a expressão da “relação de simbiose entre a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um modo de vida das comunidades tradicionais” (DIEGUES; ARRUDA, 2000, p. 21).

Esmeraldina dos Santos se auto identifica e também é identificada pelos quilombolas do Curiaú, como ativista do movimento negro dentro e fora do quilombo e que procura manter viva a cultura dos antepassados:

[...] A gente sempre orienta nossas crianças dizendo: olha, é isso aqui que vocês têm que dar continuidade, porque a minha mãe sempre dizia, morre um, mas ficam os outros, para continuar. O meu pai tinha essa essência de estar mostrando para os meus irmãos, ajudando meus sobrinhos, os netos a tocarem, mostrando como se manuseia o pandeiro, o tambor, a caixa. As nossas crianças estão conosco, sempre estamos levando para mostrar como é, dizendo sempre: vocês têm que aprender a cantar, vocês têm que aprender a falar, contar histórias, vocês têm que acreditar que isso não pode ser perdido, porque hoje, às vezes a gente encontra uma barreira, mas a gente tem que dar continuidade, nós não podemos nos amedrontar, a gente tem que dar continuidade (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Figura 53. Sebastião Menezes da Silva



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Sebastião Menezes da Silva, conhecido como “Sabá do Curiaú”, é escritor de quatro livros publicados, sendo o primeiro *Curiaú sua vida sua história* (2000), o segundo *Curiaú: a resistência de um povo* (2004), o terceiro *Curiaú a marca de uma geração* (2015) e o quarto *Curiaú suas mudanças e seus desafios* (2022).

O referido escritor é morador nascido e criado no Quilombo do Curiaú, é agricultor e artesão da escrita como prefere ser chamado em detrimento a escritor, “eu tinha apenas 18 anos, era um garoto e já os guardiões da comunidade me coloram uma responsabilidade para que eu ajudasse a desenvolver a comunidade, quer dizer, eu não tive uma infância e já tive responsabilidade” diz Sebastião Silva ao se referir sobre o começo de sua atuação como liderança na comunidade.

Sebastião Silva é profundo conhecedor da história do Curiaú, por que desde muito jovem se engajou nas questões ligadas ao quilombo como ele próprio enfatiza:

Eu tô aqui desde 18 anos me envolvendo com as questões da comunidade desde 1980 para cá, eu tô diretamente me envolvendo, então não tem nada que eu não ajudei aqui a participar de reunião de construção de indicação e favorecimento de correr atrás dos benefícios comunitários junto com os dois chamados guardiões que eu chamo de guardiões que eram representantes da comunidade, um do Curiaú de baixo outro do Curiaú de fora. Seu Roldão era

quem trabalhava com a parte do governo federal, LBA e igreja, o seu Joaquim Araújo que era chamado de Carolina trabalhava com a prefeitura e município e eu trabalhava com a parte da agricultura (Sebastião Menezes da Silva, 2023).

Sobre como coletou as informações sobre o Quilombo do Curiaú contidas no seu primeiro livro *Curiaú sua vida sua história* (2000) Sebastião Silva narra:

Quando os guardiões da comunidade me indicaram para eu ser multiplicador, eu tive que passar por um treinamento lá com o pessoal da Assistência e Desenvolvimento Rural do Amapá juntamente com outras nove pessoas. Nós fomos passar lá na cidade uma semana junto com o técnico e agrônomo, eles passando as orientações e fazendo perguntas para nós vim e fazer as perguntas aqui dentro do Curiaú. Quer dizer que nós, era um tipo de relação da comunidade para com o setor público [...] aí sair de casa em casa procurando essas pessoas que foram contando sobre a agricultura, a pesca, a caça e das festas [...] e quando eu peguei todos esses dados que escrevi em um caderno eu peguei levei lá para Assistência e Desenvolvimento Rural do Amapá e mostrei pros meus coordenadores lá que era o João Batista do Amaral um agrônomo do Ceará e a Maria Amélia também era agrônoma e mulher dele [...] quando eu mostrei minhas anotações a doutora Amélia disse: Sabá isso aqui dá para te fazer um livro, pesquisa mais, pega mais conteúdo e separa por capítulo [...] eu fiz tudo isso e levei pra ela, ela colocou uma pessoa que tava fazendo um estágio para digitar. Quando essa pessoa digitou e me entregou, ela disse agora vai procurar quem possa publicar, isso aqui dá um livro (Sebastião Menezes da Silva, 2023).

Essas memórias de velhos do Quilombo do Curiaú, reunidas em seu primeiro livro são tão importantes para o conhecimento da formação do lugar, das histórias das primeiras famílias, e da cultura local podendo ser consideradas um documento e um monumento, pois de acordo com as concepções de Le Goff “o documento é monumento e resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias do que é dito pela escrita (LE GOFF, 2003, p. 538).

Esse primeiro livro de Sebastião da Silva revela-se como um documento e ao mesmo tempo monumento, ao passo que seu conteúdo por ocasião da titulação das terras, serviu de complemento para elaboração do Laudo Antropológico feito pela profa. Dra. Rosa Elizabeth Acevedo Marin, como nos conta Sebastião Silva:

Quando a Fundação Palmares mandou de lá duas antropólogas para fazer o laudo antropológico da comunidade por causa de titular [...] chegou aqui a professora Rosa Acevedo e Joseline Trindade que vieram para fazer esse laudo antropológico e passaram 15 dias andando dentro do Curiaú [...] Elas disseram: Seu Sabá nós queremos uma entrevista com o sr. pois, já andamos em toda a comunidade e só falta o sr. para conseguirmos fazer esse laudo e é o sr. que tá fazendo a gente demorar. Eu perguntei, de que é que se trata? Nós queremos saber da história do Curiaú, porque nós vamos fazer um laudo para poder fazer a titulação dessas terras. Espera aí, fui lá peguei as anotações do meu caderno e disse: tá aqui! E começaram a folhear e a professora Rosa Acevedo disse: poxa, nós passamos 15 dias atrás de tudo que tá aqui e que nós podemos dentro de meia hora saber tudo. Parabéns seu Sabá tudo que nós

queríamos tá tudo aqui. Eu disse: então pronto, fiquem aí lendo que eu tenho um trabalho lá no quintal. E elas ficaram na sala, lendo todo o texto passando para outro papel e quando elas terminaram foi que foram me gritar e disseram parabéns e inclusive no relatório que ela fez para fazer a titulação ainda estava lá dizendo que a própria Fundecap, tinha por obrigação de fazer a publicação daquele trabalho que ia servir tanto pra comunidade, estudantes quanto para pesquisadores (Sebastião Menezes da Silva, 2023).

Conforme Sebastião Silva, a escrita do segundo livro foi socialmente influenciada, isto é, pessoas começaram a procurá-lo para dar entrevistas em busca de informações sobre o Quilombo do Curiaú, então resolveu escrever o segundo livro na busca por suprir essa demanda por informações. O terceiro livro, resultou de um pedido de sua sobrinha para escrever um livro para crianças o que de pronto foi atendido. O livro evidencia questões relacionadas ao bullying a partir de uma história para crianças quilombolas.

E o quarto livro publicado em 12 de agosto de 2022, apresenta as mudanças ocorridas no espaço do quilombo na contemporaneidade e os desafios a serem superados, visto que essas mudanças impactam negativamente nas tradições, costumes e hábitos do local. Na visão de Sebastião Silva, o livro enfatiza a dualidade: tradição *versus* inovação.

Figura 54. Os quatro livros de Sebastião Menezes da Silva



Fonte: Acervo Marcione Pantoja (2023).

Certificando o processo de mudança que tem ocorrido no Quilombo do Curiaú Sebastião Silva faz uma pergunta retórica: “tem a cultura anterior? Existe? Existe, mas de uma maneira tão modificada que você não tem entendimento nem imaginação de como as coisas eram, para como estão”:

A cultura, a culinária as manifestações culturais, o trabalho agrícola, tudo tem se modificado em função da moda [...] a política partidária veio para dentro da comunidade, e acabou separando as famílias, quer dizer, dentro das comunidades tradicionais ou quilombolas a gente tinha a chamada relação de vizinhança, acima de tudo união, quer dizer, era um parentesco que se vivia de uma maneira com o vizinho. O que um tinha o outro tinha, pois se ajudavam em tudo. Hoje tudo é vendido. Antes se você matava uma galinha e tinha cinco vizinhos, você fazia a divisão de dois pedaços para cada um (Sebastião Menezes da Silva, 2023).

De acordo com Sebastião Silva, mudanças nas questões dos saberes locais como no campo dos remédios caseiros, o curandeirismo e a pajelança também ocorreram:

O trabalho do curandeirismo que era a questão de você ter fé nas plantas, nos seus medicamentos que eram os remédios caseiros, o seu chá e isso ajudava você a não ir buscar o tratamento na medicina convencional, isso mudou [...] todas as crianças nasciam dentro da comunidade, então você tinha fé nas parteiras tradicionais que além de serem parteiras tinham o dom de curar eram pajés que ajudavam a trazer as crianças ao mundo de uma maneira sadia. Minha mãe era uma parteira que pegou para mais de sessenta crianças, nunca morreu nenhuma nas mãos dela e ela não foi formada em banco de escola (Sebastião Menezes da Silva, 2023).

Da mesma forma, ocorreram mudanças no aspecto religioso, como argumenta Sebastião Silva:

A primeira religião que era dos negros quilombolas eram as religiões de matrizes africanas, mas quem liderou aqui dentro foi a Igreja Católica impondo outra coisa, depois veio a Evangélica impondo outra coisa, começou a mudança, pois desvalorizavam os nossos rituais de Pajelança e Candomblé. E com essa questão de medo que os sacerdotes diziam que era coisa do diabo e os evangélicos também, as pessoas começaram a se encolher, quer dizer o que vinha de fora era mais aproveitado do que o que estava aqui (Sebastião Menezes da Silva, 2023).

Sobre o êxito dessas manobras religiosas no comando das transformações de poder, Bourdieu nos faz entender ao dizer que elas “evocam com temor os espíritos do passado, tomando-lhes de empréstimo seus nomes, suas palavras de ordem, seus costumes, para que possam surgir sobre o novo palco da história sob um disfarce respeitável e com esta linguagem emprestada” (BOURDIEU, 2007, p. 77).

Corroborando com as afirmações de Sebastião da Silva sobre o cenário de mudanças que se estabeleceram no Quilombo do Curiaú na presente era, a colaboradora da pesquisa Maria Celestina Santos, presidente da AMQC:

Hoje apesar de ser perpetuada nossa cultura, mas assim já tá em menor escala e também já estão descaracterizando-a. Já se tem uma nova roupagem, falo em relação ao segmento da igreja. Nós já não temos mais assim... os foliões estão morrendo e os jovens são poucos que querem abraçar a causa, então é preocupante nesse sentido. A cultura do Marabaixo e do Batuque, isso aí são mais as senhoras, os jovens tem, mas em menor escala. Eles não dão tanto valor pra gente perpetuar essa cultura. Aí é preocupante que a gente possa não ter mais tanta representatividade no futuro (Maria Celestina da Silva Ramos dos Santos, 2023).

Valida essa afirmação, a Coordenadora de batismos e dízimos da Igreja Católica Santo Antonio do Curiaú de Dentro, nascida e criada no Quilombo do Curiaú, Maria Lúcia Miranda Silva:

Eu acho que a nossa cultura daqui há um tempo não vai existir mais, ela vai acabar aos poucos, porque pelo que eu vejo os jovens não estão muito inseridos nessa cultura. Estão mais focados nas tecnologias, essas coisas. Porque para cultura mesmo não estão muito voltados. Depois que essa geração se for... Por eles não estarem interessados em dar continuidade na nossa cultura, então ela vai acabar (Maria Lúcia Miranda Silva, 2023).

Apoia essa assertiva, o colaborador da pesquisa, o comerciante da Merceria Alana no Curiaú de Dentro, também nascido e criado no Quilombo do Curiaú, Cleonaldo da Silva:

Antigamente a questão cultural no Curiaú era mais praticada. Hoje em dia é difícil, as pessoas mais antigas já morreram e a juventude de hoje não leva em frente (alguns levam), mas é a minoria da população jovem [...]. Praticamente estamos perdemos um pouco do berço da comunidade, mas espero que daqui para frente a gente consiga resgatar isso (Cleonaldo Silva da Silva, 2023).

Ainda sobre o engajamento cultural dos jovens do Quilombo do Curiaú, a escritora local e colaboradora da pesquisa Esmeraldina dos Santos testemunha:

Ah, mana está muito... Eu acredito, assim que está devagar... Tem uns jovens que vêm mesmo, tem uns jovens que têm a força, e estão botando pra frente... Esses jovens são jovens da escola, quilombola José Bonifácio. Tem um grupo bem ativo de crianças e meninos, sabe, que eu gosto de ir para lá compartilhar nossa história, isso acontece quando a escola me chama para estar junto deles (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Pelo exposto, admitimos que tanto Esmeraldina dos Santos quanto Sebastião Menezes da Silva, representam a resistência contra o esquecimento da cultura quilombola do Curiaú, pois manifestam constantemente através de suas falas e ações o orgulho de pertencerem ao grupo de autênticos quilombolas que dedicam suas vidas em favor da preservação da memória local:

Considero-me um quilombola nato, porque eu vim de uma origem do princípio dos sete irmãos escravos que ainda estavam dentro da escravidão. Se eu nasci dentro desse lugar, que de fato e de direito temos um título, então não tem mais porque eu não ser um quilombola. E quanto aos outros que são remanescentes eu os chamo de sangue fraco. O que é sangue fraco? É a mistura de pessoas que vieram para cá para dentro que hoje tem tanta gente diferenciada aqui dentro que o sangue começou a se misturar. Às vezes só se

tem um lado quilombola a pessoa só tem um lado da família, o outro lado já é de pessoas misturadas que às vezes até o nome e a cor já modificou. Agora se existe um quilombola nato, eu lhe digo que sou um (Sebastião Menezes da Silva, 2023).

Desse modo, Esmeraldina dos Santos ratifica o que considera como tradição e por saberes locais e declara seu grande apreço por eles. É categórica em afirmar que seus antepassados foram vitoriosos por cultivarem a terra e dela extraírem toda fonte de alimentação e hoje, aos poucos, a comunidade quilombola do Curiaú vêm perdendo sua essência:

Os saberes locais, nós tivemos as plantações. Eu acredito na vitória que eles tinham de cultivar a terra. Eles plantavam e colhiam para sobreviver. Tinha criação de gado, criação de porco, de galinha, até hoje a gente ainda tem, mas é menor. Desses saberes resultaram nosso tipo de alimentação que era o nosso peixe fresco pego na hora, era o nosso açaí amassado na hora, a nossa bacaba amassada na hora, o nosso vinho de mucajá, o nosso vinho de tucumã, as nossas frutas que nós tínhamos aqui, (ainda temos) que são ricas em nutrientes. Do que eles se mantiam? Era do resto da farinha da mandioca, né? Da farinha de mandioca era aquilo que ficava, que nós chamamos de caroeira, que se fazia um mingau, daquilo se aproveitava tudo. Ninguém comprava massa do supermercado para fazer o mingau para as crianças. Era aquela massa que saía do resto da farinha, socava no pilão e depois se transformava em uma massa para fazer o mingau que servia como alimentação. Então, todos esses saberes nossos antepassados nos deixaram. A torração de café, que a gente não vê mais, porque o nosso café era plantado aqui e colhido também. A plantação do tabaco, ninguém vê mais. Nossa cana-de-açúcar, que se faziam o açúcar moreno. Então tudo isso a gente não está vendo mais. E das tradições ficou o nosso Marabaixo, a nossa ladainha, o nosso Batuque. O Marabaixo veio com o nosso povo, gente, veio com o nosso povo da África. Eles não trouxeram caixa, porque a senhora sabe o jeito que eles vieram para o Brasil acorrentados, mas dentro da alma, do peito, eles trouxeram o seu toque e o seu sentimento. Qual é o sentimento que eu digo para o povo hoje? De pertença. De saber sobre sua história, de poder reivindicar por seus direitos [...] então, os nossos saberes, a nossa tradição, nossa ladainha rezada em latim, que a gente está sentindo uma falta muito grande, que foi João da Cruz, que era uma pessoa que rezava incansavelmente. E hoje está sendo feito por outras pessoas, mas não é como ele fazia. Assim, a cada tempo que vai passando, nós vamos perdendo um pouco da nossa essência. (Esmeraldina dos Santos, 2023).

Hoje, por diversos motivos entre eles, o fim das roças, as leis de proteção ambiental, a diminuição do território, a mudança nos costumes, nos hábitos e as novas *práxis* sociais do Quilombo do Curiaú, o que resta são apenas as boas e agradáveis memórias de um cotidiano, de um tempo e de um espaço que não existe mais. Tais memórias aos poucos podem desaparecer, caso as novas gerações do quilombo não as conservem. Memórias presentes nas lembranças dos mais velhos, memórias de um “grupo de humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduziram seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza” (DIEGUES; ARRUDA, 2000, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, observou-se que as experiências culturais e os saberes locais vivenciados pela Comunidade quilombola do Curiaú vêm passando por um processo contínuo de rupturas, em razão de mudanças de tradições, costumes e hábitos da comunidade. Constatou-se ainda, que essas mudanças ocorrem por influência da modernidade e dos efeitos do avanço expropriador do capital sobre as terras do quilombo.

Falamos de modernidade a partir de Giddens, quando anuncia que as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto ao seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global. Em outras palavras, “a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência” (GIDDENS, 2002, p. 9).

Nessa perspectiva, Giddens expõe que na vida social moderna, a noção de estilo de vida assume significado particular. “Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções” (GIDDENS, 2002, p. 12-13).

Evidências desses novos estilos de vida no Curiaú, são apontadas pelos colaboradores da pesquisa. Eles nos informaram que o local é palco de intensas transformações sociais pois a própria maneira de viver no Quilombo do Curiaú alterou-se drasticamente. Como é o caso do trabalho agrícola que na atualidade está quase desaparecendo, o curandeirismo que era a associação entre fé e plantas que resultava nos remédios caseiros e nos chás que combatiam as enfermidades, hoje é pouco praticado. Do mesmo modo, a confiança nas parteiras tradicionais que realizavam todos os partos da comunidade, prática abandonada atualmente.

Nesse sentido, Giddens certifica que o abandono de certas práticas tradicionais está ligado ao fato da modernidade:

Institucionalizar o princípio da dúvida radical e insistir que todo conhecimento tome a forma de hipótese – afirmações que bem podem ter que ser, em algum momento, abandonadas. Sistemas de conhecimento acumulado – importantes influências de desencaixe – representam múltiplas fontes de autoridade, muitas vezes contestadas internamente e divergentes em suas implicações (GIDDENS, 2002, p. 10).

Embora a modernidade para Giddens, seja uma ordem pós-tradicional ele nos ajuda a pensar que as certezas da tradição e do hábito não foram substituídas pela certeza do conhecimento racional, ou seja, “a dúvida, característica generalizada da razão crítica moderna,

permeia a vida cotidiana assim como a consciência filosófica, e constitui uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo” (Giddens, 2002).

Diante de situações de incertezas, a única certeza que temos ao final desta pesquisa é que a comunidade quilombola do Curiaú teve seu estilo de vida alterado ao longo das gerações. Ressaltamos, que a respeito deste novo estilo de vida a comunidade não teve a possibilidade de escolha, foi-lhe imposto. E dentre os itens que compõem este novo estilo de vida, a modernidade cuidou para que não faltasse: diferença, exclusão e marginalização.

Esta pesquisa nos possibilitou através dos seus objetivos (geral e específicos) a compreensão dos processos que ensejaram no conjunto de transformações do Curiaú. A propósito, através do objetivo geral auferido, foi possível conhecer o Quilombo do Curiaú/AP, percebendo os processos de resistência e de preservação da sua memória. A partir dele comprovou-se que no local está em curso um duplo processo: tanto de rupturas quanto de continuidades de tradições e memórias.

Verificou-se que a existência do processo de rupturas de tradições, está intimamente ligado ao fato da nova geração do quilombo não nutrir grande interesse em dar continuidade a cultura de seus pais. Isto significa, que o conjunto de tradições costumes e hábitos deste grupo social não está sendo preservado pelas novas gerações como deseja a geração mais velha do quilombo.

E no tocante as rupturas de memórias, estas estão acontecendo em virtude dos mais velhos (os pioneiros do lugar) que detêm as massivas lembranças da formação e organização do quilombo dos primórdios, já deixaram ou estão deixando essa existência.

Assim, observou-se que este processo de ruptura reside tanto em fatores intrínsecos a nova e velha geração do quilombo, quanto a fatores extrínsecos a ela, como é caso das expropriações territoriais e ao conjunto de leis ambientais que sob o discurso de preservar o bioma, modificaram drasticamente o modo de subsistência da comunidade implicando no fim das roças e de toda simbologia ligada aos mitos, à caça, à pesca e ao extravismo, práticas comuns e milenares das comunidades tradicionais.

No que se refere ao primeiro objetivo específico uma vez alcançado, possibilitou-nos compreender as manifestações culturais do Quilombo do Curiaú por meio das suas crenças, dos ritos, das lendas, e dos costumes como: as festas aos santos, as festas profanas, a dança do Batuque e Marabaixo, os causos, as histórias, os hábitos alimentares e de trabalho.

Quanto ao terceiro objetivo específico, também alcançado, tornou possível a análise da vida e obra de dois moradores escritores locais do Quilombo do Curiaú que buscam através do ativismo pela cultura quilombola, serem “os guardiões das tradições” do lugar, pois

demonstram muito amor e dedicação ao quilombo de seus pais, sem deixar de registrarem suas preocupações para com o futuro da comunidade.

Entre as suas principais preocupações estão as previsões que em um curto espaço de tempo o Quilombo do Curiaú será apenas mais um bairro da cidade de Macapá. Isto por causa, do intrusamento do território do Curiaú pela cidade de Macapá. Fenômeno esse que teve seu início ainda na década de noventa, quando a zona norte da capital Macapá se expandiu e novos bairros foram criados, inclusive dentro das terras quilombolas do Curiaú.

No que corresponde à sua hipótese, este estudo partiu da premissa que o avanço da cidade de Macapá no entorno do Quilombo do Curiaú, bem como o fluxo cada vez maior de carros e de pessoas de fora da comunidade em busca de serviço de banho e lazer no lago do Curiaú, e em outros balneários localizados ao longo da Rodovia AP-070, que passa por dentro do quilombo ligando-o, a outros municípios do estado do Amapá, estava gerando desconforto para certos moradores.

Esses moradores estariam preocupados com a ruptura de suas experiências culturais e dos saberes locais. Assim, durante a pesquisa, foi possível testar esta hipótese e através das recorrentes falas dos nossos interlocutores, no sentido de concordarem com a premissa, concluímos pela confirmação desta hipótese.

Desta pesquisa, participaram 11 pessoas que voluntariamente dedicaram um tempo de suas vidas para colaborar com este estudo, na concessão de entrevistas previamente agendadas do tipo semiestruturadas em locais de sua livre escolha. Algumas escolheram suas casas, outras seus locais de trabalho como foi o caso das professoras que optaram pela Escola Quilombola Estadual José Bonifácio.

Já os comerciantes escolheram os seus respectivos empreendimentos comerciais como local das entrevistas. Todos os colaboradores desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), resguardando seus direitos circunscritos na Resolução 466/2012 CNS/CONEP.

Os grupos sociais convidados para participarem desta pesquisa foram, educadores, lideranças religiosas, lideranças comunitárias, empreendedores comerciais e moradores mais antigos. Esse conjunto de interlocutores nos ofereceram suas visões, memórias, preocupações e aspirações acerca do modo de vida dentro da comunidade quilombola do Curiaú no tempo passado e presente. Essa interação social realizada com rigor metodológico nos levou a compreender o fenômeno, objeto deste estudo.

E diante da metodologia proposta, percebeu-se que a pesquisa poderia ter sido feita com uma coleta de dados que contasse com uma quantidade maior de pessoas, no entanto

contamos com a limitação de tempo, sendo possível analisar apenas um universo pequeno. Apontamos também como limitação da pesquisa a exclusão de jovens o que poderia ter nos dado uma visão a partir deles próprios sobre a falta de engajamento na cultura de seus pais, fato apontado pelos mais velhos.

E como sugestões de novas pesquisas, recomendamos que sejam entrevistadas mais pessoas de outros segmentos da comunidade, como por exemplo, profissionais que atuam na área da saúde, como médicos, enfermeiros, técnicos e agentes de saúde para coleta de informações acerca do nível de aceitação e/ou recusa pelos tratamentos médicos, considerando que muitos quilombolas, principalmente os mais velhos são adeptos dos remédios caseiros e das curas por meios sobrenaturais.

Outros grupos de pessoas que poderiam ser incluídas em estudos posteriores, seriam os donos de bares, restaurantes e lanchonetes, segmento que tem atraído muitas pessoas externas à comunidade para dentro do Quilombo do Curiaú. Outro elemento a ser incluído em pesquisas futuras seria a Educação, apesar de termos dedicado umas laudas deste estudo para este item, consideramos que foi incipiente.

Aprofundar o conhecimento sobre como funciona uma escola quilombola a partir do seu Projeto Político Pedagógico é vital para compreensão das estratégias pedagógicas utilizadas pela instituição escolar com vistas a uma educação em território quilombola que tem suas singularidades e tradições próprias.

Em suma, declaramos que esta pesquisa nos levou a apreender sobre a tradição e saberes de um povo acolhedor que sabe tratar com respeito e afetuosidade aqueles que em busca de conhecê-los chegam ao Quilombo do Curiaú. Têm um lugar digno no rol dos distintos quilombolas do Curiaú: Claudionor Silva, Cleonaldo Silva, Esmeraldina dos Santos, Ísis Tatiane Santos, Maria Celestina dos Santos, Maria das Dores e Silva, Maria Lúcia Silva, Núbia Ramos, Sebastião Silva e Vanessa Ramos.

A esses quilombolas de mesmo laço identitário, que lutam pela visibilidade da cultura quilombola do Curiaú e a manutenção das tradições, nossa gratidão pelo conhecimento compartilhado e registrado neste estudo. Que suas memórias, saberes e tradições sejam sempre contadas, conhecidas e reconhecidas de geração em geração de dentro e fora do Curiaú.

Concluimos esta pesquisa com a definição de Joaquina Araújo, quilombola do Curiaú, sobre quem são eles e o que fazem: “Quem somos nós, quilombolas do Curiaú? Somos os que na luta diária, continuamos a buscar respeito e reconhecimento de nossa autoafirmação, de nossa importância territorial como comunidade de identidade tradicionalmente quilombola” (Trecho inicial da seção de comentários do *Jornal do Quilombo do Curiaú*, 2023, p. 17).

FONTES ORAIS

Lista das entrevistas realizadas

SILVA. Claudionor Silva da. 48 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 06/11/2023.

SILVA. Cleonaldo Silva da. 46 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 11/11/2023.

SANTOS. Esmeraldina dos. 68 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 04/11/2023.

SANTOS. Ísis Tatiane da Silva dos. 42 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 19/11/2023.

SANTOS. Maria Celestina da Silva Ramos dos. 61 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 16/11/2023.

SILVA. Maria das Dores e. 45 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 01/11/2023.

SILVA. Maria Lúcia Miranda. 62 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 13/11/2023.

LOPES. Núbia Maria Ramos. 56 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 02/11/2023.

SILVA. Sebastião Menezes da. 64 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 03/11/2023.

ALVES. Ulda Nazaré. 67 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 07/11/2023.

RAMOS. Vanessa do Rosário. 43 anos. Novembro/2023. Entrevistadora: Marcione Pantoja. Macapá/AP. 08/11/2023.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO MARIN, Rosa Elisabeth. *Nascidos no Curiaú*: relatório de identificação apresentado à Fundação Cultural Palmares. Belém: UFPA/NAEA, 1997.

AGUIAR, Josiane do Socorro; SILVA, Lucila Maria dos Santos. *Caracterização e Avaliação das Condições de Vida das Populações Residentes nas Ressacas Urbanas dos Municípios de Macapá e Santana*. pp. 165-236. Macapá-AP, CPAQ/IEPA e DGEO/SEMA, 2003, p.165-230. Disponível em:

<http://www.iepa.ap.gov.br/metadados/instituicoes/iepa/projetos/ressacas/documentos/10finalANTROPICO.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2023.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Quilombos e as novas etnias*. Manaus: UEA Edições, 2011. 196 p. ISBN 978-85-7883-148-6. Disponível em:

<https://seppirhomologa.c3sl.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/3053/QUILOMBOS%20%20E%20AS%20NOVAS%20ETNIAS.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

AMAPÁ. *Plano de Manejo da APA do Rio Curiaú*, p. 1-291, 2010. Disponível em:

<https://sigdoc.ap.gov.br/public/arquivo/cf37d867-f511-436d-a81f-0931a8fdeef4>. Acesso em: 18 jul. 2023.

_____. *Lei nº 0431, de 15 de setembro de 1998*. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental do rio Curiaú, no município de Macapá no estado do Amapá. Disponível em: http://www.al.ap.gov.br/pagina.php?pg=buscar_legislacao&n_leiB=0431,%20de%2015/09/98. Acesso em: 16 maio 2023.

_____. *Lei nº 2.220, de 30 de agosto de 2017*. Cria o Calendário de Eventos das Festas Tradicionais Afro-amapaenses como Marabaixo, Batuque, Zimba, Sairé, Matriz Africana e Capoeira. Macapá, 30 ago. 2017. Disponível em:

https://www.al.ap.gov.br/ver_texto.php?iddocumento=74846. Acesso em: 9 maio 2023.

_____. Sema. *Área de Proteção Ambiental (APA) do Curiaú*, 2022. Disponível em:

<https://sema.portal.ap.gov.br/conteudo/servicos-e-informacoes/unidades-de-conservacao#segundo>. Acesso em: 5 jun. 2023.

ANDRADE, Lúcia; TRECCANI, Girolamo. *Direito agrário brasileiro. Terras de Quilombo*. São Paulo, p. 1-48, 2000.

ARRUTI, José Maurício. Políticas públicas para quilombos: terra, saúde e educação. In: *Caminhos Convergentes: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil*. Orgs. PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosana. Rio de Janeiro, p. 75-110, 2009.

_____. José Maurício. *Quilombos*. In: *Raça: Perspectivas Antropológicas*. Org. Osmundo Pinho, Bahia, p. 33, 2008.

ARRUDA, Rinaldo. *Modernidade não dá espaço a saberes tradicionais*. Repórter Brasil, [S. l.], 10 abr. 2005.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições Loyola, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; LEAL, Alessandra. Comunidade tradicional: conviver, criar, resistir. *Revista da ANPEGE*, v. 8, n. 9, p. 73-91, jan./jul. 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6518>. Acesso em: 25 out. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 138 p.

BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos. "*Se eu não fizer bem, o mal não faço!*": as práticas culturais/religiosas afroindígenas do Quilombo do Cria-ú e o Currículo de Ensino Religioso na Escola Estadual Quilombola José Bonifácio. 2019. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 4 ed. São Paulo, T. A. QUEIROZ EDITOR, 1979. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504474/mod_resource/content/1/BOSI%2C%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 6 jul. 2023.

BOURDIEU. Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. *Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica*. Parecer CNE/CEB nº 16/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 21 nov. 2012, Seção 1, p. 26.

_____. *Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000*. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, 18 jul. 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em: 26 maio. 2023.

_____. *Decreto nº 4.887*. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, 20 nov. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 30 maio 2023.

_____. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2000*.

BRITO, Daguiete Maria Chaves; BASTOS, Ananda Brito; BASTOS, Cecília Maria Chaves Brito. Área de Proteção Ambiental do rio Curiaú em Macapá/AP: Territórios de resistência e a legalização de áreas. *GEO UERJ*, Rio de Janeiro, n. 40, jan./jun. 2022.

BRITO, Roseany Maciel; DIAS, Francinete; LINO, Socorro; LOPES, Nilma; LOPES, Núbia; MACHADO, Deusiana. *Curiaú, mostra a tua cara - 2021: Não sou eu, são vocês!* 1. ed. Macapá: CROMOSET, 2021. 252 p.

BRONZE, Adrielma Nunes Ferreira. *Educação do campo, empreendedorismo social e desenvolvimento local: o caso da escola quilombola estadual José Bonifácio do Curiaú/AP*.

2022. 63 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. Desenvolvimento local e a democratização dos espaços rurais. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 11-40, jan./abr. 2000. Disponível em: https://www.cidades.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/12/2013/01/desenvolvimento_local_rural_urbano.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

CAMPOS, Nezilda Jacira Lourinho de. *Curiaú, estórias e histórias sobre a história de uma Vila*. 2022. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CANTUÁRIA, Eliane Ramos. *APA do Rio Curiaú e a cidade de Macapá: relações sociais jurídicas e ambientais*. 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011.

CARLOS, Ana Fani. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHAGAS, M. A. *Curiaú área de proteção ambiental: Dossiê*. Governo do Estado do Amapá-Coordenadoria de Meio Ambiente (CEMA), Macapá: CEMA, junho, 1997.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. Roger. *Textos, impressão e leituras*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COELHO, Clícia Tatiana Alberto; DINIZ, Raimundo Erudino Santos. Batuque, arte e educação na comunidade quilombola São Pedro dos Bois. *Margens - Revista Interdisciplinar*, ano 15, v. 10, p. 133-149, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/4516>. Acesso em: 4 out. 2023.

COLLIER JUNIOR, John. *Antropologia Visual: a Fotografia como Método de Pesquisa*. Tradução Iara Ferraz; Solange Martins Couceiro. São Paulo: EPU/Edusp, 1973.

DIAS, Rozembergue Batista; OLIVEIRA, Israel da Silva. *Boletim Informativo: A importância dos quilombolas para a preservação do meio ambiente*, v. 4, p. 1-3, 16 jan. 2021. Disponível em: <http://conaq.org.br/wp-content/uploads/2022/01/BI-4-%E2%80%93-A-IMPORTANCIA-DOS-QUILOMBOS-PARA-A-PRESERVACAO-DO-MEIO-AMBIENTE.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2023.

DIEGUES, Antonio Carlos (org.). *Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil*. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000. 211 p.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. 200 p.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

_____. Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n.1, Edições, 2013.

_____. Michel. *Microfísica do Poder*. MACHADO, R. (org.). 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FUCKNER, Ismael. A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a modernidade e a pós-modernidade. *Revista Mosaico*, ano 2, v. 5, p. 159 -169, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2501/1556>. Acesso em: 18 out. 2023.

FURTADO, Celso. *Pequena introdução ao desenvolvimento: enfoque interdisciplinar*. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. São Paulo: Editora Nacional, 1955. 196 p. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/56>. Acesso em: 5 set. 2023.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2002. 233 p.

GOMES, Flávio. Quilombos precisam ser vistos como questão agrária mais ampla, diz historiador. Entrevistador: RIBEIRO, Tayguara. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n.p. 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/03/quilombos-precisam-ser-vistos-como-questao-agraria-mais-ampla-diz-historiador.shtml>. Acesso em: 24 mar. 2023.

GOMES, Lilian Cristina Bernado. *Justiça seja feita: direito quilombola ao território*. 2009. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo: *Anais*. São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023

_____. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: *Território Territórios*. Niterói: UFF/AGB, 2002. p. 17-38.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v.9 n.17, 2007. ISSN 2674-8126/1517-7793 DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. *GeoUERJ*, Rio de Janeiro, n.5, p. 7-19. 1º semestre de 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*: Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo, 1990. 189 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A Invenção das Tradições*. Tradução Celina Cardim Cavalcante. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUNIOR, Henrique Antunes Cunha. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 11, n. 129, p. 158-167, fev. 2012.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, Portugal, v. 1, p. 333-354, 2000. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.2769>. Acesso em: 26 jan. 2023.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al.], Campinas, SP: Editora da Unicamp, (2003).

MAGALHÃES, M. P. Arqueologia na Fortaleza de São José de Macapá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 1, n. 3, p. 33-59, set. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222006000300002>. Acesso em: 4 jul. 2023.

MARIN, Rosa E. Acevedo; SILVA, Sebastião Menezes da; TRINDADE, Joseline Barreto; QUEIROZ, Silvaneide. Quilombolas do Curiaú: Conflitos Socioambientais não resolvidos com a criação da APA do Curiaú. In: *Territórios Quilombolas e Conflitos*. Manaus: UEA, 2010. p. 170-178. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/455/1/CapitulodeLivro_QuilombolasCuriauConflitos.pdf. Acesso em: 28 jul. 2023.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; CASTRO, Edna. *Negros do Trombetas guardiões de matas e rios*. Belém: CEJUP, 1993.

MARIN, Rosa Acevedo; CASTRO, Edna Maria Ramos. *No caminho de pedras de Abacatal: Experiência social de grupos negros no Pará*. 2. ed. Belém: NAEA/UFPA, 2004. 273 p.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. *et al.* *Quilombolas: reivindicações e judicialização dos conflitos*. Manaus: Editora UEA Edições, 2012. 172 p.

MARQUES, Carlos Eduardo; SIMIÃO, Daniel S.; SAMPAIO, Alexandre L. Territórios, Identidades e direitos entre os quilombolos urbanos de Belo Horizonte: O caso de Mangueiras. In: MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; ALMEIDA, Wagner Berno de. (org.). *Quilombolas: reivindicações e judicialização dos conflitos*. Manaus: Editora UEA Edições, 2012. p. 147-159.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 10 out. 2023.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Cultural Palmares. Título de Reconhecimento de Domínio que a União Federal através da Fundação Cultural Palmares - FCP outorga aos remanescentes da comunidade do Curiaú, sociedade de fato, representada pela sua Associação. *Título de Reconhecimento de Domínio/FCP/Nº001/99*, Brasília, p. 1-3, 3 dez. 1999.

MORIM, Júlia. Fortaleza de São José de Macapá. In: *Pesquisa Escolar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, mai. 2014. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/fortaleza-de-sao-jose-de-macapa/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

O'DWYER, Elaine Cantarino. Terras de Quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. *TOMO*, São Cristóvão, n. 11, p. 45-58, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/446>. Acesso em: 22 maio 2023.

OLIVEIRA, Edna dos Santos. *Da tradição oral a escritura: a história contada no quilombo de Curiaú*. 2006. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

OLIVEIRA, Rosa Dalva Gonçalves de. *Educação Ambiental: alternativa de sustentabilidade na área de proteção ambiental (APA) do rio Curiaú*. 2012. 84 f. Dissertação (Mestrado em Direito e Políticas Públicas) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2012. Disponível em: <https://www2.unifap.br/ppgdapp/files/2013/05/ROSA-DALVA-GON%C3%87ALVES-DE-OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O Desencantamento do Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

PUTNAN, Robert D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Tradução Luiz Alberto Monjardim. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 260 p. Disponível em: <https://humana.social/wp-content/uploads/2017/01/PUTNAM-Robert-1993-Comunidade-e-Democracia-A-Experi%C3%Aancia-da-It%C3%A1lia-Moderna.pdf>. Acesso em: 3 out. 2023.

QUEIROZ, Silvaneide. *Território quilombola do Curiaú e Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú: interpretações dos conflitos socioambientais pela economia ecológica*. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

RELATÓRIO DO OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DAS DESIGUALDADES: *Um retrato das Desigualdades no Brasil hoje*. São Paulo: CEBRAP, ago. 2023. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7995055/mod_resource/content/1/Relatorio-2023-Observatorio-Brasileiro-das-Desigualdades-1.pdf. Acesso em: 6 nov. 2023.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil: "Nos achamos em campo a tratar da liberdade". *Povo Negro*. São Paulo, p. 14-39, dez./fev. 95/96. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28362/30220>. Acesso em: 23 out. 2023.

RIBEIRO, Tayguara. Censo de quilombolas mostra impacto da escravidão e da resistência negra, dizem historiadoras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 1-3, 5 set. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/cento-de-quilombolas-mostra-impacto-da-escravidao-e-da-resistencia-negra-dizem-historiadoras.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2023.

_____. Confira quantos quilombolas vivem na sua cidade segundo o Censo 2022: Pela primeira vez, o Censo Demográfico faz o levantamento dos territórios e da população quilombola do país. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/confira-quantos-quilombolas-vivem-na-sua-cidade-segundo-o-censo-2022.shtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

_____. Quilombolas continuam sub-representados no Censo, diz historiador: Para Flávio Gomes, pesquisa do IBGE ainda não conseguiu captar parte do campesinato negro vinculada a essas comunidades. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 ago. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/quilombolas-continuam-sub-representados-no-censo-diz-historiador.shtml>. Acesso em: 11 ago. 2023.

RIBEIRO, Tayguara; BRASIL, Mariana. Pressão de entidades levou IBGE a incluir quilombolas no Censo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/pressao-de-entidades-levou-ibge-a-incluir-quilombolas-no-censo.shtml>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro & STEIL; CARLOS Albert (org.). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: UFRGS, 1997.

SANTOS, Esmeraldina dos. *A Onça*. Brasília: Editora da Autora, 2020. 24 p.

SANTOS, Moisés de Jesus Prazeres dos; VIDEIRA, Piedade Lino; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. O ensino religioso e a escola José de Bonifácio: um estudo de caso da prática pedagógica desenvolvida no quilombo do Cria-ú no Amapá. *Projeto História*. São Paulo, v. 67, p. 177-217, jan./abr. 2020. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/48217>. Acesso em: 20 out. 2023.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. Censo de quilombolas mostra impacto da escravidão e da resistência negra, dizem historiadoras. Entrevistador: RIBEIRO, Tayguara. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n.p. 28 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/censo-de-quilombolas-mostra-impacto-da-escravidao-e-da-resistencia-negra-dizem-historiadoras.shtml>. Acesso em: 21 out. 2023.

SCOTT, James C. Por detrás da História oficial. In: SCOTT, James C. *Dominação e a arte da resistência: discursos ocultos*. Lisboa: Letra livre, 2013.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, n.10, p. 129-136, jan. 2002. DOI <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2002000100008>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SILVA, Andréia Miranda da. *Cartas ancestrais: produção de textos discentes do 9º ano da Educação Básica do Colégio Estadual Almirante Barroso para autoras negras e indígenas*. 2023. 136 f. Memorial Acadêmico (Mestrado Profissional em letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/37487/1/Dissertao_-_Profletras.pdf. Acesso em: 4 jul. 2023.

SILVA, Marcelo Gonçalves da. *A titulação das terras das comunidades tradicionais quilombolas no Brasil: análise da atuação do Estado*. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Sebastião Menezes da. *Curiaú sua vida sua história*. Macapá: Editora Valcan Ltda. 2000. 34 p.

_____. Sebastião Menezes da. *Curiaú suas mudanças e seus desafios*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. 158 p.

_____. Sebastião Menezes da. *Curiaú: a resistência de um povo*. Macapá: SEMA, 2004.

_____. Sebastião Menezes da. Quem somos nós, quilombolas do Curiaú? *Jornal do Quilombo do Curiaú*, Macapá/AP, ed. 148, p. 1-9, jun./jul./ago. 2023.

SILVA, Walber Rodrigues da. *A história da Igreja Universal do Reino de Deus na política no estado do Amapá entre os anos 2004 e 2022: as implicações do poder entre a fé e o voto*. 2023. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.

STONE, Christopher D. *Tress have standing? Law, Morality and the Environment* (English Edition), 3. ed. USA: Oxford University Press, 2010. 246 p.

TARTAGLIA, Ednaldo. O Marabaixo e a relação com a ideia de comentário de Foucault. *Interfaces*, Guarapuava, v. 11, n. 3, ed. 3, p. 186 -202, 2020. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6512. Acesso em: 6 set. 2023.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 560 p.

TRECANNI, Girolamo Domenico. *Terras de Quilombo: caminhos entaves do processo de titulação*. 22. ed. Belém: Secretaria Executiva de Justiça. Programa Raízes, 2006. 354 p.

TRINDADE, Joseline Simone Barreto. *Lavrando a memória, cultivando a terra: o direito de dizer e fazer a roça no quilombo do Curiaú - AP*. 2015. 179 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

_____. Joseline Simone Barreto. *"No tempo das águas cheias: memórias e história dos negros do Curiaú-AP"*. 1999. 139 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TRINDADE, Paulo Arthur de Abreu; OLIVEIRA, Júlio César Sá de; VASCONCELOS, Huann Carillo Gentil; PINTO, Álvaro José de Almeida. Aspectos da Estrutura Populacional do *Trachelyopterus coriaceus*, Amarra Tarrafa, Valenciennes, 1840 (Siluriformes, Auchenipteridae) na APA do Rio Curiaú. *Biota Amazônica*, Macapá: Universidade Federal do Amapá, ano 1, v. 4, p. 100-105, 2014. ISSN 2179-5746.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Batuques, folias e ladainhas: a cultura do quilombo do Curiaú em Macapá e sua educação*. 2010. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

_____. Piedade Lino. *Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade do negro amapaense*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

VIECELEI, Leonardo; RIBEIRO, Tayguara. Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas, aponta retrato inédito do Censo 2022. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 103, ed. 34.449, p. 1-10, jul.

2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/brasil-tem-13-milhao-de-quilombolas-aponta-retrato-inedito-do-censo-2022.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2023.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevistas**3A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS MORADORES MAIS ANTIGOS
E ESCRITORES LOCAIS**

1. Como você se chama?
2. Quantos anos você tem?
3. Há quanto tempo você mora no Quilombo do Curiaú?
4. Relate como você e seus antepassados vieram morar aqui.
5. Para você o que é ser quilombola?
6. Quais são saberes locais do Quilombo do Curiaú?
7. Sobre os saberes locais, quais você considera perdidos e quais ainda estão vivos no quilombo?
8. Quais as maiores mudanças ocorridas dentro do Quilombo do Curiaú?
9. O que você gostaria que tivesse no quilombo que hoje ainda não tem?
10. Em relação ao passado do quilombo do que você mais tem saudade?
11. Qual é o seu credo religioso?
12. Você é um quilombola? Para você o que é ser quilombola?
13. Na sua opinião os jovens da geração atual estão compromissados em levar a cultura dos pais adiante?
14. O que mais lhe deixa feliz e triste em viver neste quilombo?
15. Como você ver este quilombo daqui alguns anos?
16. Há muita gente de fora da comunidade transitando pelo Quilombo do Curiaú? Quem são essas pessoas? O que elas buscam?
17. Você é um escritor(a), quantos e quais livros você já escreveu e publicou?
18. Qual é a sua principal motivação para escrever seus livros?

**3B ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM A PRESIDENTE DA COMUNIDADE
LOCAL E A PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES MÃE VENINA**

1. Como você se chama? E quantos anos você tem?
2. Há quanto tempo você está presidente (a) desta comunidade?

3. Conte-nos como foi sua trajetória de vida até se tornar uma representante legal desta comunidade?
4. Quais foram até hoje os seus maiores desafios a frente desta Associação?
5. Quais os atuais e futuros projetos da Associação?
6. Qual é o nome da Associação? Quando foi fundada?
7. Sobre os saberes locais e as tradições você acha que estão sendo repassados às novas gerações?
8. O que a Associação tem feito para manter os saberes locais e as manifestações culturais?
9. Você é um quilombola? Para você o que é ser quilombola?

3B ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM EDUCADORES

1. Como você se chama? E quantos anos você tem?
2. Você é professor de qual componente Curricular?
3. Como se chama a Escola em que trabalha e há quanto tempo?
4. Qual é a modalidade de ensino que você leciona?
5. Você pertence a comunidade quilombola do Curiaú?
6. Você tem alguma capacitação/formação para trabalhar especificamente em escolas situadas dentro de um quilombo?
7. Quais suas maiores dificuldades em trabalhar em uma escola quilombola?
8. Como é trabalhado os saberes locais e tradição do Quilombo do Curiaú em sala de aula?
9. Na sua visão o que precisa acontecer para melhorar o ensino da cultura e saberes locais em sala de aula?
10. Na sua opinião qual seria a maior contribuição da escola para difusão e manutenção da cultura quilombola?
11. Você é um quilombola? Para você o que é ser quilombola?
12. Quais manifestações culturais existem neste local?
13. Elas estão sofrendo alguma ameaça de extinção? Se sim, por quem e por quê?
14. Como a comunidade quilombola do Curiaú tem se comportado diante das práticas externas?
15. Há turismo na comunidade? Como o turismo é visto pelos quilombolas? Benéfico ou maléfico? Por quê?

16. Quais os lugares mais visitados do quilombo pela população externa?

3B ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM LÍDERES RELIGIOSOS

1. Como você se chama? E quantos anos você tem?
2. Qual é a sua crença?
3. Há quanto tempo a professa?
4. Quais as principais mudanças ocorridas no campo religioso deste quilombo?
5. Para você qual a importância do trabalho religioso neste quilombo?
6. Quando acontecem as manifestações religiosas no quilombo?
7. Há locais específicos onde são realizados os eventos religiosos?
8. Qual a quantidade de membros da sua igreja?
9. Ao longo dos últimos anos a quantidade de membros tem aumentado ou diminuído?
10. Para realização das atividades religiosas a igreja leva em consideração a cultura local?
11. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pela igreja dentro desta comunidade quilombola do Curiaú?
12. Como líder religioso qual é sua expectativa de futuro para este quilombo?
13. Você é um quilombola? Para você o que é ser quilombola?

3C ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM DONOS DE EMPREENHIMENTOS COMERCIAIS

1. Como você se chama? E quantos anos você tem?
2. Qual é o seu ramo comercial?
3. Há quanto tempo trabalha neste ramo comercial aqui no Quilombo do Curiaú?
4. Como é ser comerciante no Quilombo do Curiaú?
5. Quais as vantagens e dificuldades?
6. Houve alguma mudança neste setor nos últimos anos? Quais?
7. Antigamente era melhor ou pior? Em quais aspectos?
8. Existem incentivos comerciais por parte do governo para atividades do comércio dentro do Quilombo do Curiaú?

9. O que você gostaria que existisse no sentido de incentivo para o comércio local?
10. O turismo na comunidade tem contribuído para o fortalecimento das práticas comerciais dentro da comunidade?
11. Para você o turismo é benéfico ou maléfico ao comércio local? Por quê?
12. Você é um quilombola? Para você o que é ser quilombola?

APÊNDICE B – Roteiro para a observação (via vídeo, foto, diálogos, anotações) no ambiente interno do Quilombo do Curiaú: escola/igreja/associação/comércio/posto de saúde/balneário.

1. Quais manifestações culturais existem neste local?
2. Elas estão sofrendo alguma ameaça de extinção? Se sim, por quem e por quê?
3. Existem programas e políticas afirmativas educacionais voltados à minimização de desequilíbrios raciais no mercado de trabalho? Se existem quais são?
4. Como se formou o lugar? Quem são/foram os seus fundadores?
5. O que tem feito este povo para manter viva sua memória?
6. Como a comunidade do Curiaú tem se comportado diante das práticas externas? Quais seus processos de resistência?
7. O que significa para comunidade local viver dentro de um APA?
8. Existe posto médico no local? Quais serviços são oferecidos à comunidade?
9. Quantas escolas existem na comunidade? A que rede pertencem? Quais as modalidades ofertadas? Quantos alunos matriculados?
10. Como são as moradias (tipologia)?
11. Há rede de esgoto? Água tratada? Energia elétrica? Serviço de telefonia móvel? Internet?
12. Quais as festas religiosas mais frequentadas pelos moradores?
13. Quantos são seus moradores?
14. Quais trabalhos realizam para se manter?
15. Há personalidades na comunidade? Quem são? O que fazem?
16. Como é a culinária do local?
17. Há mais de uma religião no local? Quais são? Qual é a predominante?
18. Há cemitério na comunidade?
19. Há turismo na comunidade? Como o turismo é visto pelos moradores? Benéfico ou maléfico? Por quê?
20. Quantas ruas há na comunidade? Possuem pavimentação asfáltica? Quantas vilas?
21. Qual a dimensão/tamanho do Curiaú?
22. Como é sua geografia?
23. Quais os lugares mais visitados da comunidade pela população externa?
24. A comunidade local tem sido objeto de políticas públicas governamentais? Em quais setores?

ANEXO A – Termo de Anuência



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

TERMO DE ANUÊNCIA

A(o) Sr.(a) Diretor(a) da Escola Quilombola Estadual José Bonifácio

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada **COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CURIAÚ/AP: Rupturas e Continuidades de Tradições e Memórias (2000-2023)**, desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, pela pesquisadora mestranda Marcione Moraes dos Santos Pantoja, sob a orientação do professor Dr. César Augusto Bubolz Queirós.

O objetivo deste trabalho é conhecer o Quilombo do Curiaú/AP, destacando os processos de resistência e de preservação de sua memória. Desta forma, pedimos autorização para que 02 (dois) educadores possam conceder entrevista a pesquisadora supramencionada. Ressaltamos que os dados coletados serão tratados de acordo com as normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão de Ética em Pesquisa da UNIFAP. Esclarecemos ainda, que os dados serão utilizados apenas para realização deste estudo ou serão mantidos permanentemente em um banco de dados de pesquisas, com acesso restrito para utilização em pesquisas futuras.

Certos de contarmos com a colaboração desta instituição de ensino através de sua direção, antecipamos agradecimento.

Macapá, ____ de _____ de 2023.

Pesquisadora Marcione Moraes dos Santos Pantoja
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Cel:(96) 984274139
E-mail: marcionepantoja76@gmail.com

Concordamos com a solicitação

Não concordamos com a solicitação

Nome completo do Diretor(a) da Instituição de Ensino
onde será realizada a entrevista (CARIMBO)

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
 (Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado **COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CURIAÚ/AP: Rupturas e Continuidades de Tradições e Memórias (2000-2023)**.

O objetivo deste trabalho é conhecer o Quilombo do Curiaú/AP, destacando os processos de resistência e de preservação de sua memória. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de entrevistas e/ou questionários, previamente agendados a sua conveniência). Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar a busca desta comunidade quilombola pela preservação da memória e dos saberes locais, constituídos há mais de duzentos e por evidenciar-se no local um processo de rupturas e continuidades de tais saberes em razão de fatores externos. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são inexistentes, pois as informações coletadas serão utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o (a) Sr.(a) receberá uma cópia.

Como benefícios da pesquisa temos a identificação e compreensão das experiências culturais e saberes locais dessa comunidade quilombola e de conhecimentos tradicionais repassados ao longo dos séculos, da inter-relação e interferência com os saberes externos à comunidade, oportunizando assim a construção de novos conhecimentos e entendimentos.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através do telefone: (96) 984274139. O senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu _____(nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada **COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CURIAÚ/AP: Rupturas e Continuidades de Tradições e Memórias (2000-2023)**.

Macapá, ____ de _____ de 2023.

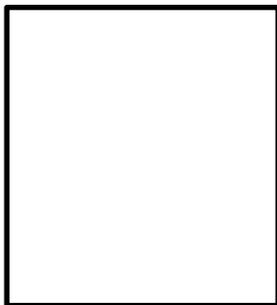
Pesquisadora Marcione Moraes dos Santos Pantoja
 Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
 Cel:(96) 984274139
 E-mail: marcionepantoja76@gmail.com

Orientador Dr. César Augusto Bubolz Queirós
 Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
 Cel:(92) 84468998
 E-mail: cesardequeiros@gmail.com

Assinatura do(a) sujeito(a) da pesquisa

Caso o sujeito esteja impossibilitado de assinar:

Eu _____, abaixo assinado, confirmo a leitura do presente termo na íntegra para o(a) sujeito _____, o (a) qual declarou na minha presença a compreensão plena e aceitação em participar desta pesquisa, o qual utilizou a sua impressão digital (abaixo) para confirmar a participação.



Polegar direito (caso não assine).

Testemunha nº1: _____

Testemunha nº2: _____